

REVISTA
DE
Arte e critica

SERIE 2.^a

Fasciculos n.ºs 40 e 41

AVE-AZUL

DIRECTORES:

Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU, OUTUBRO e NOVEMBRO de 1900

CHRONICA



IZIA o poeta do *Charlterton*, numa das suas cartas a M.^{me} du Pré de Saint-Maur, que— não conhecia em França mais de seis pessoas que soubessem ler verso decentemente...

Lá como cá; e em toda a parte como cá e como lá.

Não se sabe ler verso: d'ahi, em grande parte pelo menos, este desdem do publico pela poesia.

E' o caso da raposa e das uvas...

Succede assim que, enquanto poemas de valor incontestavel e incontestado passam despercebidos e amarellecem roídos da traça nas estantes dos livreiros, qualquer mediocre industrial das lettras, que, por desfastio, se entregue á facil tarefa de vestir á moderna, com erros de grammatica e tudo, umas paginas de velha chronica, consegue a breve trecho ver o seu trabalho á *rasa* vulgarisado em dusias de edições, não lhe faltando a de luxo, e ainda todas ellas não sufficientes a matarem a curiosidade espertada antes pela publicação em folhetim de jornal de larga tiragem...

Porquê ? !

Porque aquillo é verso e isto é prosa.

Não ha outra explicação a dar. Senão, vejam os senhores as edições que têm tido os *Sonetos* de Anthero, o *Campo de flores* de João de Deus e os *Simples* de Guerra Junqueiro: e comparem com as edições, esgotadas e para esgotar, de qualquer dessas monstruosas estopadas soporíferas dos nossos mais celebrados *romancistas* (?) nestes tempos...

Estão convencidos?

Pois então, adeante.

Já tudo, felizmente, tem neste mundo suas compensações. Com rasão a sabedoria das nações ensina que *honra e proveito não cabem num sacco*...—Se a uns pertence a celebridade, a outros pertence-lhes a gloria. Ora, e fique isto bem assente, a celebridade é da gloria a sombra apenas: nada mais.

Mas, alem da ignorancia e do mau gosto do publico, outra coisa ha ainda que prejudica os cultores das boas lettras: e esta tanto aos prosadores como aos poetas: essa outra coisa é o amor do *exotico*: é esta nossa venêta por tudo o *que vem lá de fóra*...

Sanctos da porta não fazem milagres: é bem verdade. Dahi o mal: mal que não se manifesta só cá, mas sim tambem na França e em toda a parte, exactamente como o primeiro, que Alfredo de Vigny apontava. Aqui tenho eu á mão o *Mercure de France* do corrente janeiro, e nelle a illustre escriptora Rachilde, dedicando-lhe algumas daquellas suas finas ironias que lhe ganharam nas lettras francezas um logar primacial, ao ter de liquidar com todos os *Sienkiewicz* que lhe pejavam a mesa de trabalho...

Pois é de Henryk Sienkiewicz (*Et cum spiritu tuo!* mas não foi espirro, não; é o nome do grande romancista polaco, auctor do *Quo vadis* que as minhas leitoras por sem duvida acabam de ler na versão das *Novidades*...) pois é de Henryk Sienkiewicz que lhes quero fallar: de Henryk Sienkiewicz—e de Manuel Gayo!

De Manuel Gayo, sim: surprehende-as a junção dos dois nomes?

E' que eu, á falta de melhor, quiz brinda-las com esta surpresa, em começo de anno e de seculo que a todas e a todos desejo felicissimos.

Ora a surpresa tem sua explicação exactamente no tal nosso desdem pela poesia e no tal nosso amor pelo exotico.

Senão, reparem:

Henryk Sienkiewicz escreveu o *Quo vadis*: todos os que lêem jornaes a esta hora o sabem em Portugal...

Muito bem.

Ora o que poucos, muito poucos sabem, em Portugal, é que Manuel Gayo escreveu e publicou ha tres annos as *Tres Ironias*...

Sabiam?...

Pois, se o soubessem e se, sabendo-o, as tivessem lido, já não teria tido logar a minha surpresa—surpresa que é minha porque fui eu a motiva-la; mas dos meus leitores, porque foram elles a senti-la.

E' o caso que o ultimo poemeto das *Tres Ironias* se intitula *O thesouro de Nero*: e nelle o grande poeta que é Manuel Gayo nos deu uma realissima e perfektissima evocação da Roma pagã, da Roma de Nero, e isto apenas em meia dusia de paginas de bellos versos corredios que se lêem em cinco minutos e nos ficam gravados na memoria para largos annos.

E, pois que poucos, muito poucos o leram, e todos andam agora para ahi a *espirrar* o nome do famigerado romancista polaco, quiz eu, por este meu incuravel feitio de *redresseur de torts*, vir lembrar-lhes (sem com isto pretender diminuir os creditos do auctor do *Quo vadis*—que tem innegavelmente, ainda que lhe falte originalidade, muito talento e muita paciencia tambem—) que em 1897 já Manuel Gayo nos dera em verso paginas evocadoras da Roma de Nero, como as melhores, em prosa, de Sienkiewicz—as do banquete, por exemplo, que, sendo a meu ver as melhores do *Quo vadis*, (porque tambem o li, como toda a gente; e por o ter lido é que estas paginas escrevo...) são talvez inferiores ás do *Thesouro de Nero*.

E agora, qual o motivo por que, tendo toda a gente lido o *Quo vadis* e celebrado a penna magica de Sienkiewicz, poucos leram e creio que ninguem elogiou o *Thesouro de Nero* de Manuel Gayo?

Querem que lh'o diga ?

Pois ahi vae.

E' que Manuel Gayo é nosso compatriota; e o *Thesouro de Nero* é em verso: não é um romance; é um poema.

E tenho justificado, creio, os meus assertos.

*
* *

Só mais duas palavras.

Manuel Gayo, como todos os poetas que nasceram poetas, pouco ou nada se importa com a opinião do publico ácerca das suas obras. Se faz versos, é pelo prazer que lhe dá rythmar os seus sonhos: se os publica, é porque lhe adivinha o coração que, por entre a turba-multa dos basbaques indigenas, um ou outro coração haverá onde os seus versos irão vibrar os mesmíssimos accordes que do seu se lhe erguem inspiradores.

E então agora, todo elle atarefado em mais uma vez reconstruir o ninho do seu lar que o sôpro da morte uma vez mais desfizera, eu sei bem que o seu coração amigo acolherá grato estas paginas, mas não sem que aos seus labios venha um apiedado sorriso de indiferença pela celebridade d'hoje, todo elle impulsionado, se alguma grande aspiração lhe aquece os nervos quando trabalha, pelo desejo unico de obter—a gloria de amanhã.

Mas deixa-lo: fica registado aqui este protesto—que para elle vale só por ser meu—: e a estas paginas sei eu que hão-de adherir, enthusiasmos, a meia duzia de amigos dedicados e sinceros admiradores que Manuel Gayo se orgulha de possuir, e um dos quaes, Carlos de Mesquita, ainda ha pouco lhe consagrava no *Instituto* duzia e meia de paginas de critica verdadeira—a valer!—que, por serem justissimas, a um e a outro honram igualmente.

De resto e para que vejam bem que estas paginas não trazem acto de amizade, mas só desejo de justiça, segue o poemeto *O Thesouro de Nero* que assim terá, e com isso me regosijo, umas centenas de leitores a mais... se o verso os não fizer fugir !

C. DE L.

O thesoiro de Nero ¹

«O que, além da confiança no seu poder, lhe alimentava (a Nero) a mania de gastar era a esperança num immenso thesoiro occulto, que um cavalleiro romano assegurava dever encontrar-se em Africa, numas vastas cavernas para onde a rainha Dido, fugitiva de Tyro, o trouxera, e donde seria facil desenterra-lo.»

Suetonio.

I

A CASA D'OIRO

A *Casa d'oiro* brilha ao sol do calmo dia.
O azul, como um immenso e macio velário,
Aviva-lhe a opulencia extranha de scenario.
Só nos repuxos ha tristeza e nostalgia.

Chegou de Báias inda ha pouco a côrte toda.
Na matizada luz dos pórticos seguidos
Avistam-se a jogar, fazendo aos dados roda,
Os guardas do pretório em grupos divididos.

Emquanto, fóra, passa em frente do palacio
Mesclada multidão de desvairadas gentes:
Gaulazes, Hespanhoes, Lybios d'olhos ardentes,
Syrios, Gregos, Chaldeus e homens rudes do Lacio.

Como turva maré, que vem do leito fóra,
Invade toda a praça o curso tumultuario
Da plebe, a quem vae ser distribuido agora,
A' ordem do prefeito, um novo congiarario.

Corre, lucta, reflue, esmaga-se, entumece...
Até que pelo espaço aberto emfim se espraia,

1) De *As tres ironias*, poemas por Manoel da Silva Gayo,—Coimbra, Imp. da Universidade, anno de MDCCCXCVII.

No espalhado rumor de vaga que morresse
Em babugem lodosa ao longo duma praia.

Desfia-se depois, e escorre dividida.
Solta dum ponto, vae noutros dar grupos novos;
E dessa multidão, desfeita ou confundida,
Sobem numa só voz as linguas de dez povos.

A um lado afflue agora a cercar, apinhada,
Um Germano membrudo, o forte gladiador
Que no amphitheatro fôra ha dias vencedor,
De seis mortes deixando a arena ensanguentada.

E envolve logo e acclama em ruidosa ovação
Um rude belluario, um luctador da Thracia,
Porque no peito mostra, orgulhoso d'audacia,
Em funda cicatriz os dentes dum leão.

Pelos moveis anneis do povo já cerrados
—Pasto novo lançado aos avidos olhares—
Param, rugindo, dois fundeiros Baleares
Para as luctas da arena inda ha pouco chegados.

Adivinhos do Egypto e magos da Chaldêa
Prophetisam a Roma espantos e desgraças,
Pois prodigios teem visto e lido teem ameaças
Na avermelhada luz que os astros incendeia.

De momento a momento uma liteira assoma
Que a custo fende a turba e de vagar conduz
Orgulhosa praticia—olhar de febre e luz,
Corpo vestido d'oiro e tunicas d'aroma.

Moços Syrios, dançando abandonadamente
Ao rhythmo excitador dos crotálos e frautas,
Um grupo cortam que ouve a narração fluente
Dum grego—poema onde ha tiremas e argonautas.

Ao passo que um soldado—espectro octogenario—
Conta, em voz morta como um echo de ruina,
As façanhas do tempo em que foi legionario
E combateu da Armenia á Gallia transalpina.

*

* *

Entram agora a par no portico doirado
Servilius—o liberto—e um loiro adolescente,
Citharista e cantor, que a Nero omnipotente
Servilius dirá ser dos deuses enviado.

E' cedo para entrar; o dia é longo ainda ;
E Servilius então conduz o moço grego,
—Por tanta maravilha estonteado e cego—
Dum palacio atravez que á vista nunca finda.

Da estatua colossal de Nero inda opprimidos
Seus olhos correm logo a extensas columnatas
E porticos, que vão em tres ordens erguidos
Dando para jardins e toalhas de cascatas.

Entre as columnas, sobre o espelho reluzente
Dos lagedos de côr e dos mozaicos frios
Passam, com garbo nobre e curvo de navios,
Pavões reaes abrindo as caudas lentamente.

Avistam-se, accendendo as aguas de miragens,
A um lado torreões, a outro alvas arcadas,
Priapos, Termos sob umbellas de ramagens,
Cypolineos frontões e cupulas doiradas.

Em frente o lago—um mar com caes brancos e portos
Que abrigariam naus, triremas e galeras.
E ao largo, a ondulação das vinhas e dos hortos,
De arvoredos onde ha casaes de bravas feras.

▲colhem-se, por fim, do causticante dia
No limiar dum templo a Neptuno votado,
Ao topo de suave e larga escadaria
Que em baixo vae morrer no lago consagrado.

Dois marmoreos tritões duma coalhada alvura,
Nos molhados degraus os dorsos apoiando,
Parecem uma barca airosa estar puxando
Que por cordas de seda aos braços teem segura.

Por toda a beira d'agua, e desse templo em torno,
Rosas de Pœstum, myrto, e pampanos erguidos,
Das estatuas prendendo os gestos esquecidos,
Do ar fazendo um vinho embriagante e morno.

Apagaram-se ao longe os ruidos da cidade.
Apenas, perto, e d'entre a voz das aguas, sôa,
Do dia na doirada e livre claridade,
A pallida canção que um velho escravo entôa.

Emquanto dos jardins, das vinhas em festões
Se erguem matinalmente aligeros cantares,
E cahem, sobre a relva e o verde dos pomares,
Das pombas a nevada e o oiro dos faisões.

Sentado agora ao pé do grego adolescente
Servilius diz-lhe, erguendo um gesto tentador;
«Dámis, vês como é tudo aqui magnificante?
Pois de tudo o que vês me vaes tornar senhor.»

«Zombas, em mim, do escravo ou ris-te da creança?»
Pergunta-lhe córando o grego.—«Em breve espero
—Torna Servilius—tanto o meu olhar alcança—
Por Dámis, o cantor, ter dominado Nero.»

«Mas dize-me, Senhor, se acaso tu não zombas,
Como é que um moço escravo um principe domina?»

Deixam-se então vencer as aguias pelas pombas?
Póde á voz dum mortal calar-se a voz divina?»

«Póde. Se esse mortal é como Dámis bello
Jugará Nero ver o proprio Ganimedes.
E teus cantos terão imperceptiveis redes
Que o monstro hão de envolver e que hão de emfim prendê-lo.

Serás o braço, a mão que hei de guiar da sombra.
E o mundo ha de então ver como um liberto alcança
Dum principe fazer, que todos dóma e assombra,
Amarra d'ambição e gume de vingança.

Porque de ha muito o sinto e mais o sinto agora
De odios, de humilhações passadas o travor,
Vendo os que filhos são dos escravos doutr'ora,
E meus eguaes, subir de Cesar no favor.

E se acaso alguém ha que, por superstição
Ou magico poder, em Nero tenha imperio,
Ainda esse vencerei, cercando de mysterio
Aos olhos do tyranno a tua aparição.

Mas, Dámis, vê lá bem: se um dia revelares
O meu segredo, então—o crime não me assusta—
Revelarás da côrte aos pávidos olhares
Na tua prompta morte o genio de Locusta!»

«Servilius, morrerá comigo o teu segredo.
Compraste-me! Descança, é tua a minha vida.
Mas dize-me o que irei fazer—pois, só, me enredo—
Para attrahir de Nero a alma endurecida.»

«Irás atear-lhe a nova e allucinante crença,
O sonho dum thesoiro ha seculos deixado
Pela rainha Dido em Africa enterrado
E que, só d'oiro, atulha uma caverna immensa.

Sei que nada mais ha que tanto agora o tente,
Pois espera, colhendo esse fallaz thesoiro,
Vir atulhar tambem com elle fartamente
Da proxima ruina o aberto sorvedeiro.

Irás cantar-lhe como um poema ha muito ouvido
As estrophes em que eu bordei a prophacia :
De que dum grande imperio o principe viria
Os thesoiros buscar da fugitiva Dido.»

«Mas se Nero, tentando a viagem que cantamos,
Nada encontrar, virá vingar-se em nós, por certo!»
«Dámis, na frota irás. . . e em tempo tão incerto
Não se póde prever todo o futuro. Vamos!

Um dia só que dure o meu dominio basta
Para vingar-me, e enquanto a louca expedição
Nero prepare—eu lanço a rede da ambição
Que, bem lançada, logo oiro e poder arrasta.»

II

O BANQUETE

O dia finda. Sob a cúpula, que imita
Um curvo firmamento,
Prolonga-se o festim. Já todos turva e excita
O vinho de Sorrento.

Já Nero, presidindo, a Jupiter libara
E ao Olympo superno.
Já por Cesar tambem nas taças espumara
O doirado Falerno.

Ainda as mesas refresca a humedecida côr
Opulenta e profusa

Dos fructos de Tibur, das de olente sabor
Escadeas de Venuza.

A cada canto, sobre um candelábros d'oiro,
Uma chamma volteia,
Que as baixellas accende em brilhos de thesoiro
E os vinhos incendeia.

Ao longo da cornija estendem-se festões
Duma viva pintura :
—Sereias abraçando um bando de tritões
De moldura em moldura.

A luz, tombando sobre o pavimento frio
De pórfyro polido,
Lembra que dando está dum fulgurante rio
No espelho adormecido.

Entre esguios tripés, e assente em largo plinto,
Brilha um vaso *murrhino*.
Perto, destáca um bronze antigo de Corintho
No sóco alabastrino.

Os ábacos de cedro, e as mesas mosqueadas
Erguem, de espaço a espaço,
Urnas, em que o fulgor das joias entalhadas
O oiro torna baço.

Klepsydras de cristal, irisadas de lumes,
Marcam rapidas horas,
E soltam, ao correr, impalpaveis perfumes
E musicas sonoras.

Altas portas, abrindo entre cheios pilares
De vermelho granito,
Mostram nympheus, onde ha folhagem de palmares,
E alvos lotus do Egypto;

Onde—de eterna dôr vozes evanescentes—
Os repuxos soluçam,
Orvalhando o palor das estatuas silentes
Que em volta se debruçam.

Aos lados, a parede em nacar emmoldura
E vivas pedrarias
Frescos, onde da Grecia a arte leve e pura
Pôz paisagens macias.

Avista-se, atravez os porticos distantes
Do perystillo, um bando
De mimos que ægipans e possessas Bacchantes
Representa dançando.

Rythmados pelo som das musicas dormentes
Movem-se entre os convivas
Escravos nús da Phrygia, e Syrias pubescentes,
Medrosas e lascivas.

Como se andassem no ar, os rostos afagando,
Caricias amorosas,
Do movel tecto chove um nevoeiro brando
D'aromas e de rosas.

As mulheres, temendo o ardente olor do vinho,
Mascam nardos asiaticos,
Que tornam cada bocca em fresco e doce ninho
De beijos aromaticos.

Os escanções, que têm cabellos anellados,
Em caixos descendendo,
D'aureas cratéras vão nos cyathos lavrados
Flúidas joias vertendo.

Das *Sigmas* sobre a morna e cúmplice doçura,
Aos pares alongados,

Moços e cortezans atam-se na brancura
 Dos braços perfumados ;

Coroados de myrto e a rescender enantho
 Enlaçam-se vencidos,
 Sem bem saber se foi dos beijos tal quebranto,
 Se dos vinhos bebidos.

As synthesis de linho, e as tunicas de seda,
 Que escorrem brilhos humidos,
 Dos olhos furtam mal á viva labareda
 Seios brancos e tumidos.

Os velhos—rogo vão—erguem tremulamente
 Taças nas mãos crispadas,
 Para que Baccho accenda em chamma incandescente
 As cinzas esfriadas.

D'entre estes, um só quer o calor irritante
 Do *Mássico* sombrio.
 Outro prefere *Cós*; bebe outro, mais distante,
 O espumoso *Chio*.

Cada um seu natural no vinho espelha e solta.
 Selvia provoca beijos.
 Novio sonha ambições; mas tudo troca, em volta,
 Sarcasmos e motejos.

Tudo em volta fulgura, e os olhos estonteia
 D'esplendores... sómente
 Alguem, que alli chegou como uma sombra alheia,
 Sorri sinistramente !

—E' Gláphyro, o spectral escravo, que conhece
 Do porvir o segredo,
 Que a Nero ha muito já communicar parece
 Supersticioso medo.

E' velho como o tempo e fragil como um vime.
E' de caveira fria
Esse riso em que não se adivinha o que exprime:
Se é dôr ou ironia...

Mas todos vêem já, suspensos de surpresa,
Na vasta sala entrar
Um moço de apollinea e esculptural belleza
De Servilius a par.

Veste-lhe o corpo esvelto uma tunica urdida
D'alva lan de Canusa,
Que os braços deixa nús, e a linha breve e unida
D'infantil peito accusa.

Como do Sol o brilho ao fundi-los corôa
D'aureos raios os gêlos,
Cae-lhe num jorro tal, que os hombros lhe magôa,
O oiro dos cabellos.

As crépidas, cingindo o branco tornozelo
Por laços verde-mar,
Tornam-lhe o passo brando e só parece, ao vê-lo,
Que vôa em vez de andar.

E' verde-mar tambem a fita que lhe prende
A cintura delgada.
Com suas brancas mãos accordes sons desprende
De cithara doirada.

A medo, relanceia a toda a sala a vista,
E Nero, deslumbrado,
Pergunta se algum deus vem, feito citharista,
Do Olympto mandado;

Se Ganimedes desce, em vez de nectar louro
A trazer-lhe ao banquete

Os hymnos que cantou, coroado de louro,
Apóllo Musagete.

«Quem és?»

«Alguem que á voz dos immortaes ditosos
—Lhe responde o liberto--
Vem sorrindo afastar espectros tenebrosos
Do teu olhar incerto ;

Alguem que a Nero vem num fio de cantares
O rumo desvendar
Das naus que hão de ir á flôr dos azulados mares
Seu thesoiro buscar.

A mesma extranha mão, divina e mysteriosa,
Atou seu verde cinto
E á Italia o conduziu, numa trirema airosa,
Do porto de Corintho,

Para contar-te, Nero, a antiga propheta
Dum poema ha muito ouvido,
Onde se diz «que ainda um principe teria
Os thesoiros de Dido.»

E de Dámis a voz, tão doce em seu cantar
Como um macio favo,
Ha de vencer o riso amargo e o frio olhar
Dum vil e feio escravo !»

Fez-se em torno um silencio attento e palpitante,
E as musicas cessaram
Emquanto as brancas mãos na cithara vibrante
De leve preludiaram.

E ninguem sabe se é de ouvi-lo, se de vê-lo
O espalhado encanto,

Quando o aédo, sentado em marfino escabello,
Levanta o alado canto :

«Sob as duras fragas,
Sob a areia loura
Da lybica praia,
Onde o mar se espraia
E o sol, rindo, doura
O chôro das vagas,

Onde, á luz do luar,
Sorri das ondinas
O bando alvo e lindo,
Dos tritões ouvindo
As tristes buzinas
Que gemem no mar,

—Dorme, inda enterrado,
Tão farto thesoiro,
Que imperios comprara
E todos cercara
Dum muro só d'oiro
A joias cravado;

Thesoiro tão cheio,
Que um Olympo erguera
De nevadas perolas
E saphyras cérulas,
Por onde descera
De rubis um veio.

Mas barras e gemmas
Esperam, confiadas
Da terra ao mysterio,
As dum vasto imperio
Futuras armadas
De naus e triremas,

Que um príncipe, um dia,
 Seu fado cumprindo,
 Fará navegar
 Por aguas do mar,
 O canto seguindo
 Duma voz macia !

Nero é pelo destino e pelos Immortaes
 A príncipe escolhido
 A quem virei trazer dos lybicos araeas
 Os thesoiros de Dido !»

Vendo vogar por sobre aquelle canto brando
 Seu sôno luminoso,
 Libava Nero ainda aos deuses, levantando
 O cyatho precioso,

Quando se ouviu da sombra uma voz que dizia :
 «Hão de remar em vão !»
 E Nero estremeceu de Gláphyro, que ria,
 Ouvindo a predicção.

III

A VIAGEM

O céu é puro, e o azul do mar irmão do céu.
 Nas encostas da curva e limpida bahia,
 D'onde inda ha pouco o sol as nevoas desprendeu,
 Riem *villas* á flôr da verdura sombria.

Invocado Neptuno, e apoz as libações
 Nero, entre a côrte, vê partir a ovante frota,
 Que vae correr do Oiro á tentação remota,
 Por sereias seguida e côros de tritões.

Já do marmoreo caes o loiro Dámis manda
As amarras soltar. Já sobre as aguas neva
Das latinas o bando, emquanto a nau que o leva
Baloíça ao doce arfar da vela erguida e panda.

E' de cedro da Syria a nau, de sêda a véla;
E os argonautas seus—mancebos de Corcyro,
Que a remos de marfim de leve hão de move-la—
Vestem lans de Mileto e purpuras de Tyro.

Sentado á pôpa, sobre o *torus* d'onde pende
Um brando e multicôr tapiz da Babylonia,
Já o loiro citharista a clara voz desprende
Num longo adeus lançado ao calmo céo da Ausonia.

Já das manobras mal se ouvem na terra as vozes.
Vão triremas a par de curvas naus latinas,
E á frente, em longo fio, as velas levantinas
Das liburnas da Illyria esguias e velozes.

Mas quando já das naus o sulco prateado
Da terra se afastava e ao largo se perdia
—Gláphyro, o escravo, erguendo o braço descarnado
E para a ovante frota apontando, dizia :

—«Loucura e empreza van! Da frota, que ainda vemos,
Nenhuma nau jamais á Italia ha de voltar.
Nunca mais, nunca mais aquelles brancos remos
Hão de as aguas fender pelo Thyrreno mar.

E tu, Nero, desperto em breve da demencia,
Que thesoiros te mostra á beira da ruina,
Dessas perdidas naus vaes ler na dura sina
A ironia do Oiro, o nada da Opulencia.»

«A' morte, á morte o escravo, á morte o vil christão!»
Clamam todos. E ao ver a colera fremente

Que accende o olhar de Nero e agita a multidão,
—Servilius lança ao mar o escravo impertinente.

*
* * *

A frota não voltou. Mas Nero, depois, via
Entre agoiros, signaes, sonhos ameaçadores,
E presagios que Roma enchiam de pavores
—A face sepulcral de Gláphyro, que ria.

Coimbra, 5 de março de 1897.

MANUEL DA SILVA GAYO.



SALLA DE VISITAS

De JOÃO CORRÊA D'OLIVEIRA:

Do "Ar da terra,"



Tinha-me já fallado daquella arvore, e do acontecido. Nesse dia ante o tronco secco, contou-m'o assim:

«No nosso lar já eram tantos os desgostos, tantas as desgraças que a gente perdera a esperança nas alegrias e só por tristezas esperava, de mãos cruzadas, de mãos em cruz que é o signal da resignação.

Eram á maneira de creaturas perdidas e sós de noite num caminho muito escuro, as nossas almas... Medo do que ficava; medo do que viria. Se para tras o caminho andado se perdia em sombras feias, para deante... tudo noite fechada sem assomos de manhã. E a gente,—que remedio?...—lá ia andando, caminhando sempre no escuro. Quando o medo era maior... cantava-se para o espantar.

Ah! que é preciso soffrer muito, para nos acostumarmos a soffrer de mãos erguidas!...

Ora havia já umas noites que eu o ouvia lá dentro a tossir, a tossir... Coitado! elle bem queria conter-se! Suffocava para que não fossemos ouvil-o, não fosse ouvil-o a pobre mãe que estava perto e passava as noites em claro a rezar pela alminha do outro filho, que tambem começara assim... e morrera!...

Tão fraquinho, falto de peito, se lhe desse um arejo estavamos sem elle! Mais forte era o nosso José, um moço valente, musculoso, peito largo—e foi-se assim a tossir, a tossir no caminho que leva á cova!...

Ah, caminho escuro, caminho da Dôr! Então o nosso irmão,

o nosso pobre irmão, assim iria por lá levado também?! Que nos ficava então?

Senhor! Senhor! que seria de nós sem elle, se elle andava a fazer em sonhos o castello d'ouro da nossa unica alegria?...

E andava já tudo lá por casa numa grande tristeza. Uma grande sombra a pairar...

A' meza ninguem fallava. Se eu ás vezes me fazia engraçado, dizia graças, mais entristecia—porque só elle sorria!...

De noite, ao serão, todos nós ficavamos a ver, em espasmo, as borboletas escuras que andavam em torno ao candieiro. E confrangia aquelle silencio, com suspiros abafados, e o *trr trr* das agulhas nos bordados, e todos os labios mudos, e só elle alegre, a rir-se... A rir-se e a tossir!... muito despreoccupado, a fingir-se alegre! A querer aclarar a sombra, a querer distrahir-nos os olhos das borboletas escuras...

As gargantas das nossas irmãs seccavam, como seccam as fontes; e o nosso lar era como a terra secca sem agua, onde as flores não abrem... As estrellas não ouviam os versos delle subidos lá nas suas vozes que já não cantavam!

Nossa mãe... nossa mãe e mãe das dores, essa ria ao pé de nós para nos animar; mas lá pela noite alta, á vela, se nossas dores adormeciam, nos seus labios adormecia o riso e madrugava o choro!

No entanto não nos diziamos nada, uns aos outros. Cada um de nós tinha medo de que lhe fosse advinhado o presentimento sombrio. Por sua vez, cada um fingia alegrias que não tinha para esconder dos outros a tristeza que era d'um e era d'outros e andava em segredo!...

Era como se de manhã, a cada um tivesse chegado uma má-nova, que todos encobriam e todos sabiam, mas que por nossas boccas d'uns aos outros havia medo de confessar...

Que todos sabiam, sim!

Ah! ella andava em todos os corações, fallava em todos os olhos; era de todos essa dor que cada um queria soffrer sósinho.

«Quando o nosso José viera doente do Brazil, andavamos tambem todos assim, a fingir...»

Uma noite, para não chorar em casa, abalei cá para fóra com uma grande dor aferrada a mim; a d'aquella incerteza.

Lembra-me bem... O ceo cobria tudo de azul e de estrelas... O céu scismava—(aquellas scismas do céu sobre a paz das coisas...), as arvores dormiam, o rio sonhava, e as noras faziam afflicção num choro longinquo, de apertar almas...

Lembra-me bem... Uma estrella cadente, ao entrar no escuro, fez no azul um risco, que allumiava. A via lactea subia, numa ladeirinha de prata e oiro com o seu pedregulho miudinho d'estrellas, já gastas de S. Theago por ellas andar.

Debaixo d'estrellas, no escuro, fiquei-me apegada á minha dôr. Sentia-me só, muito só. Os meus braços ergueram-se, minhas mãos tatearam na sombra... Encontrei o tronco d'esta arvore, velha amiga d'outros tempos; esta arvore que nos ia pôr os fructos á beira da porta e fazia sombra á entrada do nosso casal caridosamente, como uma bôa companheira do nosso viver. Encontrei-a a ella; só. Cobriam-me os seus braços, esses braços que aos de fóra pareciam mostrar a porta d'esta casita onde tanto se soffria.

E nessa noite, alguma coisa descia do alto, Deus talvez, a alma ou a auréola da luz estrellar, que a humanizou e me disse que ella saberia sentir a dôr do meu peito encostado ao d'ella!

Chorei: chorei; e perguntei-lhe:—Arvore! tu que abençoaste o caixão do meu pae e do meu irmão, ao partirem, diz-me lá se sabes...

E meu amigo, ia jural-o!... ella tremeu; não disse nada, mas os renques apontavam-me ao largo não sei o quê, não sei o quê, num gesto prophetico e mudo.

E no entanto as noras, ao longe, diziam tudo:

—E' o outomno que vem ahí... que vem ahí...

Ai! lá dentro, o pobre irmão tossia, tossia...

«Era elle que vinha ahí... Trazia a desgraça... Que fazer ?...»

Calou-se.

Sobre as nossas cabeças um crepusculo de violeta punha olheiras no céu... De roda, num repouso, tudo era sereno e melancolico. Uma fonte chorava .. Calei-me tambem. Pareceu-me adivinhar o resto : não quiz perguntar... Mas quando o olhei, de brusco, como quem se solta de recordações más, vilhe uma cara alegre, d'uma alegria enternecida, fitando o esqueleto da arvore.

Atrevi-me, cheio de pasmo :

«Depois... ?»

«Perdoe-me! Ia-me a entristecer de mais esta historia, este pensar no que *se foi!*... Depois... O outomno chegou, o outomno veio.—Seccou-a a ella, pôl-a nesse estado, foi ella que seccou... Mas chegou á nossa porta—aquillo teve dó—e passou...»

Calados, fomos andando. Abria-se do alto a boquinha da noite. E eu não me tive :

—Sabe em que me fez pensar a sua historia?... Que essa pobre arvore, quando veio o outomno, lhe pedisse para si todo o mal que elle trouxesse... E de boamente morresse, com tanto que os seus braços não fossem de novo a abençoar outro caixão, que partia... Um sacrificio...

— «Ah! eu tive vergonha de confessar essa ingenuidade...»

Se alguma creatura nos ouvisse, riria. Mas na meia luz do escurecer, pareceu-me que as arvores do caminho se debruçaram para nós...

S. Pedro do Sul, (1899).



De ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA :

RIMANCE



O' sitio dos Cinco Celros,
 A' beira d'agua a fallar
 Com voz rouca de quem chora
 E se cansou a chorar . .
 Agua tão negra e tão funda,
 Que a gente se põe a olhar,
 E os olhos não vêem fundo
 Como nas aguas do mar !
 Mas só vêem agua e céu,
 Quando se vão a voltar ;
 E rochas negras, tão altas,
 Que escurecem todo o ar.
 Nosso coração se aperta,
 Se arreceia de parar.
 A nossa falla se tolhe,
 Começa a alma a fallar...
 Vôa, vôa, ó pensamento,
 A gente põe-se a pensar
 Nas tristezas d'este mundo,
 Nas penas d'este penar,
 Na morte libertadora
 Que d'elle nos ha de livrar.
 E até parece que Deus
 Assiste naquelle logar :
 D'alli falla mais á alma
 Que dos livros do altar . . .

O' sitio dos Cinco Cedros,
 Olha a agua a murmurar,
 Como quem sabe um segredo
 E se põe a segredar . . .

Já entendi suas fallas,
 Não foi preciso estudar:
 Pois fica em 'stado de Graça
 Quem com tristezas lidar...
 Segredos que ella te conta,
 Aqui os hei de eu contar:

—Em tempos que já lá vão
 (Annos e annos havia!)
 Um pastor por esta serra
 O seu rebanho trazia.
 O pastor era de longe,
 Que ninguem o conhecia,
 Mas era airoso o seu modo,
 Ar de nobre galhardia,
 Gravidade natural,
 Sorrisos de cortesia.
 E tinha uns olhos tão tristes,
 Que por elles logo se via
 Quanto n'alma lhe pesava
 A pena que padecia.
 O pastor vinha de longe
 De perto o mal o seguia:
 Que a desgraça tinha azas,
 E as penas elle as sentia...
 E basta, emfim, que se diga
 (E a mais nem elle o sabia!)
 Era o Portuguez mais triste
 Que a rosa do sol cobria.

Mas vae um dia o pastor
 (Ainda o sol não nascia:
 Era assim um lusco-fusco,
 Não era noite nem dia.)
 Assentou-se num rochedo
 Enquanto o gado bebia.
 Alevantou os seus olhos...

Ai Jesus, o que seria?...
 Deu-lhe o coração um pulo,
 Que maravilha que via!
 Era uma linda Menina
 Que pela encosta subia.
 O seu vestido era branco,
 Como outro não haveria,
 Deixando um rasto de luz,
 Como estrellinhas da guia;
 O seu corpinho era airoso
 Como o da Virgem Maria,
 Alto como um pinheirinho
 Que entre os mais sobressahia;
 O seu cabello comprido,
 Resplandecendo, par'cia
 Certo lustre de oiro fino
 Que na Igreja se accendia;
 A sua côr desmaiada
 (Ai como bem lhe dizia!)
 Era como a côr do céu
 Lá pelo findar do dia,
 Quando o sol se põe dum lado,
 Doutro o luar principia...
 Andava colhendo rosas,
 Na arregaçada as trazia...
 Colher rosas numa serra?
 Que grande pasmo seria!
 Mas por onde ella passasse,
 Naquelle terra bravia,
 Logo o mais bravo tojal
 Num rosal se convertia.

Nisto o sol vinha nascendo,
 Naquelle oiteiro batia.
 Alevantou-se uma névoa
 Que por alli se estendia:
 E quando o vento a levou,

Com ella desappar'cia,
 Deixando um lindo jardim
 Onde só tojos havia.
 O pastor dá um suspiro,
 Ai como se entristecia ! . . .
 Já de novo antigo amor
 O coração lhe tolhia . . .
 Já não via o sol tão alto:
 Cuidava que anoitecia . . .

Lá se desce d'onde estava,
 Que muito lhe appetecia
 Colher os cravos e as rosas,
 E o coração lh'o pedia.
 Mette-se pelo jardim,
 Mas quando as rosas colhia
 Cada rosa, cada cravo,
 Em silvas se convertia:
 Tojos e silvas se abraçam,
 Que já d'alli não sahia.
 As suas carnes se rasgam,
 Que grandes dores que sentia !
 Começa o sangue a correr,
 Já em regatos corria . . .
 E alli desmaia, e se fina,
 E tristes queixas fazia:
 «Ai de mim, triste coitado,
 Que negro fado corria !
 Julguei-me desenganado,
 E em novo engano cahia !
 Mal o haja tanto amor
 A quem não m'o agradecia,
 Por entre cravos e rosas
 A morte me promettia.
 Minha signa desgraçada,
 Quem na soubesse algum dia !
 Amei, e fui desamado
 Com rigor e tyrania:

Eis a fonte principal
 De que a desgraça nascia.
 Tomo Deus por testemunha
 Que tal rigor não mer'cia,
 Coração de pedra dura
 Que nada se commovia !
 Nem as lagrimas nos olhos,
 Nem rogos que te fazia,
 Nem a offerta da minha alma
 Como a Deus a offertaria !
 Já livre me imaginava,
 Para tão longe fugia,
 Mas de novo me tentavas
 Na visão que me appar'cia,
 Só para tirares a vida
 A quem por ti morreria . . .
 Adeus vida, onde mil mortes
 Em cada hora soffria.
 Minha manança, eram penas.
 Minhas sêdes, de alegria . . .
 P'ra enganar sêdes d'amor,
 Minhas lagrimas bebia :
 Mas ellas eram salgadas,
 A sêde mais se accendia.
 O soffrimento é roseira
 Que só na terra se cria :
 Nella dá crueis espinhos,
 No céu rosas de alegria . .

O' namorados, olhae !
 Vêde agora o que eu não via !
 Quem ama, não considera,
 Dá largas á phantasia.
 Entra num jardim de rosas,
 Não pensa, nem pensaria,
 Que as mais das rosas são silvas,
 Como a mim me acontecia . . . »

Aqui se cala o pastor,
 E nunca mais fallaria . . .
 Mas chora o vento nas folhas,
 E o rio na penedia.

O' sitio dos Cinco Cedros,
 Lá vae o rio a chorar . . .
 Descobriram-lhe os segredos,
 Não lh'os souberam guardar !
 Ainda outro lhe ouvi,
 E ainda o hei-de contar . . .
 Assim eu tenha saúde,
 E Deus me queira ajudar.

No Poço dos Mólgos, (Castro-Daire).



De *DOM THOMAZ DE NORONHA*:

CARTA



Joaquina, quando ólho para ti,
E o meu olhar se cruza com o teu,
Lembra-me sempre o dia em que te vi

Naquella dança alegre, que era um céu
Aberto de ventura e de alegria,
E céu aberto em que este amôr nasceu.

Nasceu entre canções, quem não diria ?
Ouvindo a tua voz sempre a cantar,
Que eu nunca mais de ti me soltaria !

Comecei logo all a contemplar,
A fina graça d'esse corpo esguio
De cotovia prestes a voar.

E foi tão grande abalo, o que sentiu
Meu peito a esse tempo descansado
Que não sei como o triste resistiu !

Resistiu p'ra viver neste cuidado,
Que nunca mais o deixará, Joaquina!
Emquanto eu não te vir sempre a meu lado.

O' estrella d'alva! ó lyrio da campina !
Nuvem delgada d'anhã d'agosto !
Frente de seda, ma... a seda fina !

Nem podes tu avaliar o gosto,
Que sinto, quando vejo num sorriso,
Formarem se as cóvinhas do teu rosto !

E' que na alvura do teu rosto liso,
Esses signaes do teu contentamento
Valem mais, muito mais, que um paraizo.

E as tristes violetas no momento,
Em que o prado se estende em vivas côres,
Não são mais lindas no retrahimento.

São tuas faces, como aquellas flôres,
Que ha nos jardins do céu, lá nas alturas!
Onde o tempo não leva seus rigores.

Na tua bocca deve haver doçuras,
Nunca provadas, mas que eu adivinho,
Quando oiço historias d'essas travessuras

Que tu me contas mal eu me avisinho
D'esse postigo onde a tua amiga,
Não deixa nunca o nosso amor sosinho.

E' que talvez a pobre rapariga,
Se prenda em nosso olhar tão cheio d'amôr.
E queira separar-se... e não consiga.

E' natural até, e se assim fôr.
Não posso maldizer a sua estada,
—Embora a ausencia fosse bem melhor!

O vela do navio enluarada,
A que os astros se chegam por vaidade!
O' suprema belleza delicada!

Não mostres tanto as mãos, que á claridade,
Das regiões perdidas para a gente,
Não sabe um homem ter-se d'anciedade!

No teu divino olhar resplandescente
Ha tanta luz que até receio ao vê-lo
Perder p'ra sempre a vista de repente.

Não ha nada mais simples nem mais bello,
Do que o toucado que o teu lenço aperta ;
—Nem as freiras o trazem mais singelo !

Ah ! quantas horas passo, ali, áler ta !
Na porta que tu sabes a escutar,
A tua fresca voz d'ave liberta !

Depois, volto para casa a suspirar,
Tendo ainda no ouvido essa harmonia
De passarinho alegre a chilrear.

Assim o grande amor que eu não podia
Furtar de modo algum aos teus enleios,
Se tem fortalecido dia a dia ;

E agora, ai de mim, não vejo meios
De combater o mal que me tortura
Desejos, rogos... máguas e receios.

Dizendo mal á minha desventura,
Por te ver pouco e sempre de fugida,
Irei cantando a tua formosura ;

Até que tu em breve convencida
De que debes amar esta cegueira,
Esta febre, este amor,—ó minha vida !

Me dês em paga a graça feiticeira
De tudo o que me traz tão enlevado,
Desde essa noite alegre da Ladeira...

O' nunca te eu houvesse contemplado !...

Coimbra, 900.

De *AFFONSO LOPES VIEIRA*.

XIV



Senhora, imaginae que se morria,
 Qual da candeia a luz quando assoprada,
 A luz do sol; e toda sepultada
 Em sombra, a Terra em sombras se afundia.

Nunca mais, nunca mais amanhecia
 Côr de manhã, rubor de madrugada;
 Para sempre acabando a luz dourada,
 Para sempre, tambem, anoitecia.

Imaginae a treva irreparavel
 Do mundo morto, e a muda tempestade
 Das coisas, sob o funebre lençol.

Senhora, pois eu acho comparavel,
 Se assim morresse a luz, minha Saudade
 A' saulade do mundo pelo sol.



Dois poetas mortos



Por um triste dia de chuva, muito triste, seguia para a sua derradeira morada o poeta morto, cujo coração, enquanto vivo, em discretas lagrimas se dissolvera como o céu d'aquelle triste—tão triste!—dia de chuva...

Era Simões Dias o poeta morto !

Horas depois, o peito ainda esmagado pela agonia do derradeiro *vale*, outro poeta, já marcado por Deus para morrer do coração como elle, rythmava a sua saudade em quatorze versos que o naufragio d'aquella vida lhe inspirara, a elle que bem depressa iria naufragar tambem...

Esse outro poeta era Luiz Osorio...

Encontrado na pasta por um amigo devotadissimo d'ambos, o dr. Oliveira Martins, sob cujas mãos angustiadas se fecharam os olhos amargurados do grande poeta das *Peninsulares*, por inolvidavel finesa d'este nosso illustre patricio, que a capital furtou ao nosso convivio prendendo-o por isso mesmo ainda mais ao nosso coração pela saudade, obtivemos poder offerecer na *Ave-Azul* aos nossos leitores esse soneto onde o poeta da *Alma lyrica* chorou a morte do poeta da *Hostia de oiro*.

Epigraphando-o *Dois poetas mortos*, quizemos assim irmanar no mesmo preito de saudade essas duas almas que a Poesia irmanou no mesmo quinhão de má ventura.

C. DE L.

De LUIZ OSORIO :

DOIS POETAS MORTOS

Foi num dia de chuva agreste e frio
 Que tu baixaste ao derradeiro porto ;
 Peito gelado ha muito e semi-morto,
 Alma penando pelo céu sombrio.

Timidas gotas d'agua, fio a fio,
 Cahiam torvas dum cypreste absorto...
 Que tristeza no ar ! que desconforto !
 Que abandono na terra ! que arrepio !

Pobre e doce poeta macerado !
 Se um diluvio pudésse, alli, então,
 Impetuoso, caudal, febril, voraz,

Despenhar-se do céu apiedado,
 E arrancar-te do peito o coração,
 E deixar-te, afinal, dormir em paz !...



De *JULIO DE LEMOS* :

ROMANA



(AO DELICADO POETA MANOEL TELLES)

Naquelle manhã, tão clara e tão doce, Celsus, o mais novo e o mais austero dos magistrados, accordára tristonho com o verde olhar annuveado por não sei que estranhas sombras e a face a contrahir-se-lhe, de vez em vez, num esgar dolorido.

Ao jentaculo a familia vira-o indifferente ante as mais saborosas iguarias e o escravo erguêra-lhe da mesa, intacto, o copo de vinho doirado e perfumeo que era as suas delicias. A surpresa tomou o espirito de todos, principalmente o da branca velhinha que o chamára á vida; as interrogações accudiram aos labios, em tumulto; mas Celsus fôra impenetravel, deixando-os numa acirrante incerteza.

—Que seria? O que o magoava?

E as perguntas succediam se, num derivar de suspeições.

Entretanto, o magistrado puzêra a toga de purpura de Tyro e passára á galeria. Fulgido, o sol tombava sobre as coisas, a desfazer-se numa poeira de oiro... Ia pela sala um vago rumorido... Dos quadros resahiam paysagens de uma alegria calma... As esculpturas mostravam-se com aspectos ineditos...

Celsus avelludára o verde olhar nas telas tranquillias e nas esplendidas estatuas gloriosamente núas e, quando passára junto de um maravilhoso marmore que o divino Phidias cinzelára, quedou embevecido, num extasis longuissimo, até que cobriu essa immovel mulher encantadora com uma colcha e sahiu para a via, segredando-se, num murmurio quasi apagado:

—Ella é ainda muito mais bella!

Mal de amor, pois, o que cruciava o coração do mais novo e mais austero dos magistrados. Mal de amor—e tanto mal

e tanto em demasia, que, ao atravessar as ruas, não o distrahiria, como d'antes, o espectáculo da população que apedrejava, immisericordiosa, uns pobres christãos, nem nas columnas do peristillo, depois, vira senão a imagem de Cecilia, a linda e pallida Cecilia, que um dos lictores aprisionára á sua vista, na tarde da vespera.

Ah, ella era tão gentil, tão feiticeira, tão deslumbradôra! Os olhos que tinha! Azues, como a immensidade infinita do mar... E o cabello todo em cachos de um fulvo suavissimo! E os pequeninos seios tão anninhadinhos sob a tunica desbotada! E as mãos patricias, jaspeas, nervosas, sem um anel de cobre sequer! O gesto captivante, com as algêmas! Ah, a Cecilia! A linda, a loira e pallida Cecilia! E havia de condemnal-a, e havia de mandal-a ao circo, de entregal-a ás fauces das feras, já saciadas!

A cidade das sete collinas, ha uma porção de dias que a atroavam os gritos das victimas dos gentilicos enfurecidos. A arena do Colyseu trasbordáva de sangue rubro, vivo, caudaloso... As panteras, os tigres, os leões esmoiam ainda o repasto...

—Ao circo! Ao circo!...

Como este grito horrorisava agora Celsus! Como este grito o accordava agora num remorso obcecante! Elle, que pudera mandar passar a feiches a multidão ignara, temia-a desde a vespera e desde a vespera que, por amor da virgem christã, tinha vontade de pedir-lhe clemencia para os nazarenos.

—Ao circo! Ao circo! rugia a população.

E não houve remedio.

A' tarde, quando o sol se ia afastando do zenith, Roma accorreu ao circo. Roma inteira. O divino Cesar, todo scintillante na riquissima trabea, uma centuria dos celeres, os doze lictores, os consules com a pretexta, o senado com o lacti-clavio e as classes inferiores. Um deslumbramento!

—A's feras! A's feras!

Cecilia appareceu na arêna, o azul dos olhos no azul do céu, as pômas pequeninas a tremerem, as mãos pendentes. Sahe de uma jaula um feroso leão da Numidia. Olha-a, res-

folga estridentemente e prepara-se para o salto. Os latinos mais impacientes aguilhoam-no, atirando-lhe sestercios e outras moedas. Neste comenos, mais rapido que a fera e emquanto um sussurro de assombro percorre a assistencia, cahe Celsus á beira de Cecilia...

Horas depois, noite fechada, o luar piedoso amortalhava com um lençol de prata os dois corpos despedaçados.



De FLORENCIA DE MORAES :

Breviario d'Amor



A Esp'rança do Porvir é um Lar novo
onde dorme a sorrir a F'licidade;
d'onde se avista o Mundo todo em globo
absorto em santa espiritualidade.

E' este o sonho meu, o teu, o nosso;
das nossas almas a elevada esp'rança;
onde phantasia teu coração moço,
onde o meu de phantasiar se não cança.

Em santa communhão d'amor, unidas,
avoejam muito alto as nossas almas,
na mesma aspiração santa embebidas,
antegozando o recolher das palmas!...

Recortam na mais alta phantasia
um santo lar, espiritualizado:
onde canta a Ternura e a Alegria
da amante Paz no frouxel arminhado.

Ninho santo a que voam nossos sonhos
e que de ha tanto vimos construindo,
—tão alto! tão ao pé dos ceus risonhos!—
para ti vão dois corações sorrindo.

E depois, repousando em nosso ninho,
embora haja sombras lá por fóra,

das nossas almas o alvôr do carinho
dará um brilho, ao nosso olhar, d'aurora !

Confundidas no mesmo sonho amante,
no seio d'esse Ideal realiado,
gosaremos a paz inalterante
sem um desejo só vêr descorado.

Tu amante, eu a amar-te como agora ;
ambos sentindo o mesmo arroubamento :
eu a dar-te o viver de toda a hora,
tu dando vida aos sonhos que acalento.

Se eu não puder fitar o estranho mundo
por cansaço ou temôr de desengano,
p'ra não soffrer o abalo profundo
de o que sonho santo vêr profano,

E para te poupares a amargura
de veres apagar-se-me a alegria,
dar-me-has tuas mãos com ternura...
Nellas fechando os olhos vejo o dia.

Quero sentir só o que tu sentires,
o que tu vires pelos teus olhos vêl-o ;
e as phantasias de que a alma vestires
sejam do nosso céo o Set'-estrello.

Todo o enlevo da minha alma seja
a partilha dos sonhos que sonhares ;
que eu nunca um aspirar fenecer veja
sem tu, acalentando-o, o partilhares.

Se eu já fui sonhadora e sonho ainda,
de ti me veio o sonho, e foi por ti,

--vivificando esta Paixão infinda,
que atravez a Dôr o meu viver susti.

Agora o soffrimento não me assombra.
No teu se funda meu sêr em confusão,
de forma que seja eu a tua sombra
e de nós ambos a que espelhe o chão.

E, assim, toda a vida a ti votada,
companheira nas luctas da existencia,
tendo por gloria ser sacrificada
dando-te, assim, do amor a prova em essencia ;

Nas horas do repouso ou de cansaço,
latejante e febril, tua cabeça
tomará por cabeçal meu peito lasso,
e então tuas maguas meu peito adormeça.

Não te peço a partilha do que o Mundo
em gosos possa dár-te—o passa-tempo—;
só quero a paz do nosso amor profundo :
imploro-te o quinhão do soffrimento.

Hoje que nos desgostam, tu desgostas,
dizes não querer que eu soffresse tambem
maguas da vida em nossa estrada postas...
Mas soffrer por amor até faz bem.

Que, não, não é por teu amor que eu soffro ;
pelo nosso amor que nós soffremos, não :
elle não causa os prantos com que aljofro
horas de magua e de desillusão.

Quando por amor choro, é sorrindo,
—prantos que reverdecem as Esp'ranças !

—Palmas de benções em minha alma abrindo
sob o sol dos olhares que me lanças.

Se soffremos, Amor, é porque o Mundo,
no seu egoismo incomprehendedor,
tenta arrojear das trevas do seu fundo
uma sombra de Inveja ao nosso amor.

Se elle tem decretado o soffrimento
e perpetuos prantos á existencia,
doe-lhe que, ao seu decreto, em detrimento,
se forme á Vida do Amor a essencia.

Nós seguimos serenos, animados
da mesma fé, no mesmo ponto attentos,
sem fadiga ou receio, confiados
na alta união dos sentimentos.

Surjam embora essas sombras estranhas,
que havemos de encara-las sem receio :
tambem actuam sombras nas montanhas
e não conseguem penetrar-lhe' o seio.

Cavalga-as a tormenta, a treva, o frio,
mas não lhes muda a forma a furia brava ;
se em si conteem lago de fogo ou rio,
na convulsão nada sustem a lava.

Dois corações unidos, irmanados
pela mesma paixão que lhes deu vida,
não fraquejam na lucta, vão, ousados,
combater 'té que a Dôr fique vencida.

O amor que confunde as nossas almas
na mesma aspiração, no mesmo sonho,
dá á tormenta a placidez das calmas,
torna o negrume num alvôr risonho.

E' chamma e é crystal purificante;
é Sonho e é Ideal realiado;
d'elle dimana a força palpitante
que nos conduz ao norte suspirado.

Funde toda a esperança, é a pura flamma
das mil aspirações da nossa vida;
e alem da morte essa inextincta chamma
antevemol-a em estrella convertida.

Vem do Passado, é como a vida antigo;
integrante da alma, não se morre.
—Vamos formar o Lar p'ra dar-lhe o abrigo
por que aneia na vida que percorre.

Maio de MCM.



De *THOMAZO CANNIZZARO*:

VOX RERUM

(Versão do soneto com o mesmo título publicado no n.º anterior da *Ave-Azul*)

Pari a l'aquila è il vate e nel suo volo,
mentra egli audacemente in alto sale,
fisa la luce ardente ed immortale
e l'erme e impure visceri del suolo.

Del suo sguardo nel giro universale
fan de l'uomo i dolor', da polo a polo,
col pianto de le cose un dolor solo
cui lo stesso commove almo ideale.

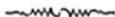
Dal nuziale bacio dei dolori
del poeta nel cor sgorga la santa
estasi, come un fior, per via secreta ;

Le sue voci ascoltando interiori
de le cose e de l'uom traduce e canta
il linguaggio e il dolor sempre il Poeta.



De GUEDES TEIXEIRA :

ORIGINAL



Nunca o meu coração me disse nada
Que vós, um dia, não me houvesseis dito . .
Original em quê? em ter guardado
Em mim a vossa parte d'Infinito ?

Metto a alma d'alguem numa ballada ?
Não bato as azas, que as não tenho: grito!
Escrevo? a penna foi por vós molhada:
O que apenas é meu não fica escripto !

Vós sois a luz e o mais que eu sei é ter-vos
Dentro do peito p'ra depois vos dar
Atravez do meu sangue e dos meus nervos . . .

E, se ao fim qualquer coisa fica erguido,
Não é p'lo que de mim soube contar,
Mas pelo que contei da vossa vida.



De ROBERTO DE MESQUITA :

ALEM...



A mão no rosto, assentado
Num cimeiro terraço,
Medita um velho encanecido e enrugado
Passeando os olhos na extensão do espaço.

Em frente do terraço estende-se, gemente,
O deserto tristissimo do mar.
E pelas aguas alongando o seu olhar,
Suspira o velho saudosamente:

«Nasci num reino bem distante d'estas plagas,
Num castello de torreões sombrios
Que olham, como esta torre, as merencorias vagas
E o esquisso delido dos navios

No horisonte vagamente recortado...
Passei a infancia e a primeira mocidade
D'essas tôrres olhando o mar illimitado.
Suspirava em minh'alma uma vaga saudade

De bellas regiões perdidas
Na extensão do mar...
E eu sentia um desejo ardente de viajar
Em busca de terras desconhecidas.

A minh'alma gemia :—«Quem se vira
Bem longe d'este velho e soturno castello!»
E, contemplando o horisonte de saphira,
Scismava num paiz feericamente bello...

Um dia vi-me em fim (que dita!) commandante
 D'uma airosa-corveta
 Destinada a partir para um paiz distante
 Que a minha phantasia de poeta

Doirava. Fiz-me ao largo. Impaciente
 Cansava os olhos na extensão indefinida,
 Ancioso por vêr surgir longiquamente
 A minha *terra promettida*.

Uma tarde, afinal, entramos na bahia
 Da Canaan ignota.
 Com que alvoroço, com que alegria
 Eu conduzi á terra a minha galeota!

Mas em vão percorri dias e dias
 Este paiz que eu sonhara tão bello:
 Aonde estavam as feerias
 Que eu phantasiara outr'ora, a sós, no meu castello?!...

Amarga decepção! Minh'alma suspirava,
 Sentindo como d'antes
 A nostalgia de regiões distantes...
 Onde seria o *Eldorado* que a chamava?! ..

Hoje neste terraço, olhando o mar,
 Apoiada na mão minha enrugada fronte,
 Eu scismo no meu solar
 Perdido para alem do horisonte...

E aquelle encanto de que estava revestido
 Este paiz, quando eu de longe o entrevi,
 Sinto-o agora transferido
 Para o solar d'onde parti...



De CARLOS DE MESQUITA:

Fragmentos do romance

O ESTRANGEIRO

On viendra bientôt nous prier de dire dans quelle géographie se trouvent la Ville-aux-Fayes, l'Avonno et Soulanges. Tous ces pays et ses curassiers vivent sur le golfe immense où sont la tour de Ravenswood, les eaux de Saint-Ronan, la terre de Tillietudlem, Ganderleug, Lilliput, l'abbaye de Thelème, les conseillers privés d'Hoffmann, l'île de Robinson Crusôé, les terres de la famille Shandy, dans un monde exempt de contributions, et où la poste se paye par ceux qui y voyagent à raison de vingt centimes le volume.

Balzac (nota a *Les Paysans*).

Os Borrecos da Ilha dos Cedros eram uma das muitas famílias nobres estabelecidas pelos fins do século XV nas ilhas ainda agora chamadas Encobertas, como nas maravilhosas lendas que antes do seu reconhecimento e colonização envolviam o Mar Tenebroso. De todas essas famílias, esta dos Borrecos era talvez a que mais obscuramente vegetara sempre. Mesmo no archipelago era pouco conhecida e só remotamente aparentada. A Ilha dos Cedros, muito afastada para o occidente, é separada da mais próxima por cento e bastantes milhas d'um mar tempestuoso e temido. Os primitivos barcos ilheus, pequenos e sem coberta, só durante os mezes de verão se aventuravam a essa travessia, e ainda assim raras vezes por causa dos terríveis piratas que cruzavam aquellas paragens. Isto deu á ilha uma vida quasi completamente isolada e explica a obscuridade em que os Borrecos foram caindo en-

tre os fidalgotes insulares. E' até para admirar que se não esquecesse d'elles uma obra publicada sobre as Encobertas no principio do seculo XVIII, *Historia e Nobiliarchia das ilhas que no Oceano Atlantico dão obediencia a este Reyno de Portugal, composta pelo Padre E tanislau Cogombreiro, da Companhia de Jesus e insulano tambem, para memoria de nobres antepassados e exemplo de presentes e futuros descendentes seus e para maior gloria de Deus.*

Este livro, d'um estylo diffuso e grandiloquo, apresenta as Encobertas como podendo ter «muitos Reys, mas com muito maior razão em todos hum verdadeiramente grande, illustre, rico e poderoso Rey»; e da nobreza ilhõa, cuja grande maioria foi sempre composta de medianos e mesmo de miseraveis morgadetes, falla em termos taes que faz suppor essas ilhas habitadas somente por opulentos principes. A linhagem dos Borrecos desfiada por elle é, como todas, pomposa, apresentando-os com as principaes casas historicas da Peninsula. Como residencia d'esta familia antes do seu estabelecimento nas ilhas aponta uma villa do Algarve. De toda essa embrulhada é talvez este o unico ponto sufficientemente provado. Parece que os Borrecos eram com effeito uns fidalgotes algarvios que, attrahidos de certo por boatos de riquezas fabulosas, se resolveram a ir viver numa ilha apenas começada a povoar, numa cabana terrea, de pedregulho negro, allumiada por um postigo e coberta de colmo. Cogombreiro explica tambem a origem do appellido Vandagra que alguns Borrecos usavam, dizendo-o «corrupção do nome de hum illustre fidalgo flamengo, o qual era neto de hum conde natural de Bruges e muito rico em Flandres, e por o quererem lá metter em huma injusta guerra que havia entre poderosos christãos, elle, como não menos justo e bom christão do que fidalgo, se saiu de Flandres e veio á famosa ilha chamada dos Flamengos de que era capitão donatario hum outro grande fidalgo de Flandres como em seu logar tratámos, e d'esta á dos Cedros onde caou mui nobremente com Dorothea Borreca, filha de Pero Borreco, de quem houve a Eannes Borreco Vandagra que casou com sua prima Violante Borreca e foi pae etc.

Esta familia formava por hereditariedade nunca interrompida no ramo principal uma longa dynastia de capitães-móres. Debalde se procuraria numa chronica o nome d'um Borreco, nas extensas listas de fidalgos que se acharam numa escaramuça d'Africa; é muda sobre elles a *Historia tragico-maritima* e não consta que nenhum pirateasse no extremo oriente em companhia de Fernão Mendes Pinto. Por isso este nome não desenvolve em nós a commovida visão de brutalidade epica e de coragem aventureira que se evola de quasi todos os nossos nomes heraldicos, como um perfume enternecedor de passado remoto. A alguns a nobresa de versos dos *Lusiadas*, de episodios de chronica, de tal modo os repassou que mesmo creaturas despresiveis que hoje os usem parecem reliquias sagradas e impõem aquelle irresistivel sentimento de veneração que nos causa um costume ou um rito em que descobrimos os restos delidos de edades crepusculares. Este appellido de Borreco, porem, desterrado por seculos numa ilha amodorrada e quasi desconhecida, quando o vemos repetido em inextrincaveis linhagens, unido a nomes caídos em desuso,—Pero, Fernão, Eannes, Mendo, Agueda, Brites, Mafalda,—lembra-nos, pela emoção que suscita, um mosteiro arruinado, em cuja cerca d'um silencio de morte cresce livremente a herva do abandono, ou as salas baixas e escuras d'um vetusto solar-choupana da provincia. E' uma tristeza vaga, que affoga brandamente e que se furta á analyse, não deixando ver se é filha da saudade do monotono e calmante viver desaparecido que essas ruinas evocam, se da nostalgia do movimento, do prazer—da Vida!—de que essa ressurreição do passado nos aparta mentalmente, enclausurando-nos por um pouco.

Este incenso de melancolia que se eleva d'uma arvore genealogica dos Borrecos é o mesmo que respirariamos no espectáculo da existencia adormecida e pobre dos homens que usaram esses nomes, e para quem esses nomes eram, por assim dizer, a unica cousa que nelles representava a individualidade. No mais o capitão-mór Mendo Borreco era uma reprodução fiel do capitão-mór Fernão Borreco, assim como o

capitão-mór Fernão Borreco, *o moço*, era uma ressurreição completa do capitão-mór Fernão Borreco, *o velho*.

Os mais ricos dos Borrecos viviam em casas pequenas e baixas, quasi sumidas de traz do muro d'um pateo estreito que tinham á frente. Eram solhadas com a madeira dos cedros que deram o nome á ilha; e como elles são anãos, o pavimento composto de pequenas taboas aos altos e baixos parecia cheio de remendos. Na base da cupula de caibros tortuosos que formava o tecto havia toscas traves parallelas, talhadas a machado. As paredes denegridas e d'uma superficie caprichosamente irregular eram tão baixas, que, levantando o braço podiam-se tirar das traves as maçãs postas sobre ellas e as restecas de cebollas e os cachos d'uvas pendentes de pregos. De trave a trave estendiam cannas grossas: e quando a chuva ameaçava apodrecer o milho nos *estaleiros* (renques de estacas altas atravessados até ao topo de varas onde se penduram as massarocas unidas a quatro e quatro pelo folhelho entrançado) punham-no ali a acabar de seccar. Os tectos ficavam então com um aspecto extranho, completamente revestidos de massarocas pendentes, quasi a tocar na cabeça. Em algumas casas ainda havia graneis; mas na maior parte o trigo que traziam os rendeiros era arrumado em saccos ao longo das paredes das salas, ou mesmo deitado a lastro no chão. Enormes arquibancos de costas altas encerravam debaixo do seu assentotampa os feijões e o grão para os gastos diarios; e o bragal da familia occupava com outros arranjos caseiros monumentaes bahu de grandes ferragens grosseiramente forjadas. Singelas cadeiras de assento e espaldar de sola lisa, e rudes tamborettes rodeavam uma pesada mesa de pés quadrados e divergentes unidos por travessas. Em raras casas, a mesa era de torcidos e fora levada talvez de Flandres pelos navios que iam carregar de *pastel* nos primeiros tempos da colonisação. As casas tinham apenas tres ou quatro salas e em cada uma dividiam com madeira um pequeno espaço para as camas, que ficavam pés com pés e separadas por outro tapume. Eram os *camarotes*; tinham apenas a largura do leito para onde se entrava por uma porta com cortina, e sobre as taboas do seu

tecto viam-se arrumadas as dobadoiras e as rodas de fiar. Estes interiores pobres e rusticos eram frouxamente allumiados por janellas pequenissimas de peitoril muito alto e cujas vidraças, quando as havia, abriam d'um modo singular, correndo para os lados, num encaixe pregado á parede exterior.

Os habitantes d'estas casas não eram verdadeiramente nem alegres nem tristes. Para ali estavam numa somnolencia beatifica, que parecia dar graças a Deus de não ser perturbada por esse agitado mundo, cujos rumores apagados vinham, de longe a longe, morrer de encontro á sua invencivel apathia, como restos de vagalhões tempestuosos contra navios encalhados. Ouviam fallar do que ia lá por fora com o sentimento de quem ouve o bater da chuva e o uivar do vento por entre os nevoeiros do adormecer, bem aconchegado e quente; ou do misanthropo que escuta, na paz d'um velho jardim musgoso, o broháhá d'uma cidade, a distancia. Era uma vida amodorrada pelo marasmo do clima e embalada pelo sussurro d'aquelle vasto e deserto mar que traduz em som o seu horisonte quasi sempre pardo e scismatico de vagos agoiros sobre o segredo dos longes.

A indifferença d'esta obscura aristocracia pelas vicissitudes politicas do paiz, era absoluta. Uma manhã appareceu uma chalupa demandando a terra. Era a embarcação que levava a noticia de estar acclamado em todo o reino o senhor D. Miguel I e a ordem de o acclamarem egualmente ali. Foi acclamado sem replica o senhor D. Miguel I e declarado no auto de acclamação que era aquelle um dos dias de maior jubilo que o céo em todos os tempos tinha enviado áquella ilha. Uns annos mais tarde, depois do triumpho do novo regimen, um juiz de fóra encontrou na camara esse auto de acclamação. Convocou logo «o senado e mais pessoas nobres da ilha» e numa allocação cheia de «ferreo despotismo» e de «vis grillhões que pesavam nos nossos pulsos» propôz, amavel mas intimativamente, a destruição de «tão vergonhosa mancha». E a vergonhosa mancha foi destruida no meio de unanimes applausos d'aquelles mesmos que a tinham lançado, e o dia em que ella deixou

de macular o livro das actas foi proclamado tão ditoso como aquelle em que lá caíra.

Era a familia Borreco com os seus numerosos ramos collaterais quem formava toda a nobreza da ilha, eram d'ella todos os capitães e alferes da ordenança. Muitos d'elles viviam pelas aldêas em casas cobertas de colmo, com o pavimento de terra batida, como as dos camponêses. Tinham uma vida de pequenos lavradores, pegando na rabiça do seu arado e indo pelos caminhos de aguilhada ao hombro, á frente de carradas de lenha ou de fetos para a estrumada. Os parentes mais illustres, «os senhores da villa» troçavam-nos e, rindo muito, achando sempre o mesmo fino sal nesse velho gracejo, a todos attribuiam o desastre de não terem podido um dia, num acto solemne, desembainhar a espada d'honra, emferrujada de ceifar tremoço. Estes officiaes eram conhecidos entre o povo pelo seu posto e pelo lugar em que moravam: o senhor alferes da Pedra Ruiva, o senhor capitão da Ribeira Funda. As senhoras não eram designadas pelos nomes: diziam a senhora dona do Morro, a senhora dona da Grotta. E quando lhes falavam: — «Nosso Senhor lhe dê muito boa tarde, senhora dona».

Como o tinham feito seus paes, como o tinham feito seus avós, todos os Borreco casavam muito novos e sempre com primas. Estas senhoras herdavam de suas mães e transmittiam ás suas filhas um enorme peculio de proverbios, que repetiam a cada instante e não raro pelo meio de ralhos na lingua crua dos personagens de Gil Vicente. Fiam com as creadas nos serões d'inverno, ouvindo cantar ou dizer «resado» o romance de *Santa Iria*, da *Dona Infanta* ou do *Bernal Francês*; e todos os sabbados tendiam o pão para toda a semana, funcção augusta e quasi sacerdotal que em ninguem delegavam. Jantava-se frugalmente ao meio dia e dormiam-se depois longas e regaladas sestras. Em seguida, pelas ruas da villa calçadas de pedras enormes e deseguaes, ladeadas de muros negros onde o vento do mar fazia ramalhar as cannas, os fidalgos arrastavam-se, como seus paes, como seus avós, até ao convento de franciscanos. Ahi espapaçavam pesadamente o seu torpôr ilheu nos degraus da entrada ou nos bancos da portaria,

conversando com os frades. Se fosse possível uma definição mystica da eternidade tomar raizes de idêa-fixa na cabeça dum dos primeiros franciscanos dos Cedros e Deus o allumiasse como ao frade da lenda fazendo-o ouvir o canto dum rouxinol durante um illusorio momento de duzentos annos, elle não teria, ao calar-se a ave, a estupefacção do outro. Ao entrar de novo na portaria, vendo ahi o ultimo capitão-mor dos Cedros com alguns primos, toma-los-hia pelos sobrinhos direitos do padre Bartholomeu Borreco, fundador do convento, e continuaria com elles a conversa da vespera, — a conversa de dois seculos atraz. O frade voltaria duma amostra da eternidade para outra. A estagnação dos acontecimentos que lhe teria dado a illusão dum momento pouco maior podia ser no seu milagroso sonho do que na vida real da ilha. Porque mesmo as differenças physionomicas de pae para filho deviam limitar-se ás que existem entre um homem novo e esse mesmo homem depois de velho. Como mutariam elles, se os casamentos entre primos mantinham os traços geraes do typo de familia e se a monotonia da vida e a acção constante dos mesmos aspectos tinham feito coalhar numa mascara hereditaria as expressões habituaes dessas faces? Os dois ultimos capitães-mores dos cedros retrataram-se durante uma estada na cidade de Calheta. O exame dessas caras miniaturadas em marfim absorve profundamente. Tanto a do velho como a do rapaz nadam, com uma evidencia irrecusavel, numa atmospheria sombria como as das suas habitações, numa nevoa feita dos dias semelhantes, dos annos indifferençaveis que lhes moldaram as feições apathicas, duma felicidade pacifica e material de ruminantes fartos.

.....

O rapaz saiu da ilha aos desasete annos, noivo d'uma prima segunda, Thereza Borreco, e já forte em latim que estudava desde os onze. Em Coimbra, hospedou-se em casa d'um doutor Soares, lente de theologia e tambem ilheu, que mais tarde foi bispo no ultramar. O doutor Soares era um homem amavel que frequentava pontualmente as casas d'algumas familias nobres que então recebiam, em dias certos na semana,

uma sociedade de lentes caturras d'uma gravidade ecclesiastica, pitadeando-se doutoralmente em volta de bancas de voltarete. Às quartas e sabbados, vespéras de feriado, o doutor Soares era acompanhado pelos seus hospedes, meia duzia de moços bem nascidos, que viviam fóra da bohemia coimbran, sem espancar futricas, sem levar *RR*, sem frequentar tabernas celebres e cumprindo religiosamente os seus deveres de sociedade.

Este cathedratico era filho d'uns pobres cavadores da ilha de S. Gonçalo; mas alguns herdeiros de titulos historicos, que hospedara durante a formatura, tinham-no relacionado intimamente com a alta nobreza. Quando ia a Lisboa, mal lhe chegava o tempo para apresentar os seus respeitos ás senhoras marquêsas e ás senhoras condessas, que o estimavam sinceramente e o disputavam umas ás outras para missas e confissões geraes. Era alto, direito, com o andar um pouco dansado e um nariz de cavallete que realçava mais o seu ar triumphante e o sorriso em que o trazia constantemente banhado a beatitude nunca embotada de se ver erguido a tamanhas alturas. Quando fallava a pessoas illustres, a sua felicidade transbordava em repetidos e convulsivos apertos de mão. Curvava-se innumeradas vezes, encolhendo energicamente a cabeça contra um hombro e tomando, com os olhos cerrados, um profundo hausto de boa vontade serviçal, antes de arrancar do peito, a que tinha levado as mãos ambas, áphono de obsequiosidade, todos os seus prestimos, o seu adorado capello, a sua já então provavel mitra—e pôr tudo inteiramente ás ordens do seu nobre interlocutor. Ainda hoje nas Encobertas, sempre que se ralha a um cábula, é inevitavel o exemplo do doutor Soares, «que em pequeno, quando o mandavam levar as vaccas ao pasto, ia pelo caminho com o livro na mão, a estular,—por isso chegou ao que chegou». Quasi todos os ilheus lhe iam recommendados, mas no tempo de Nicolau era elle o unico hospede ilheu. Os patricios, em regra, vendo-se longe da pressão paternal, pouco tempo paravam em casa do doutor, onde tinham que recolher a horas decentes e guardar um certo decôro. Os companheiros de Nicolau eram quasi todos do Minho e passavam o tempo a desfiar parentescos e a fazer confrontos en-

tre a casa do Sardão, a casa da Murta e outros solares minhotos.

Nicolau amoldou-se sem dificuldade a este meio pacato e deixou-se mesmo invadir pelo contagio das pretensões aristocraticas que o rodeavam. Mandou fazer no Porto um anel d'armas e passou a escrever tambem em papel timbrado em relevo com o velho brazão da sua familia, que, no meio do costume portuguez de alterar as armas a cada geração, conservara, em virtude da vida selvagem dos Borrecos, isolados por seculos de todas as preocupações do luxo e da vaidade, a estabilidade que só teem em Portugal as armas das grandes casas historicas. O brazão que agora figurava no dedo de Nicolau era exactamente o mesmo de que tirara carta o primeiro ou segundo dos seus ascendentes estabelecidos nos Cedros: *Em campo verde cinco borrecos passantes de prata, postos em santôr, e por timbre um borreco das armas.* A mesma hereditariedade selvagem que conservara sem esquarteramentos o seu brazão fazia com que elle, apezar dos seus prudidos aristocraticos, saboreasse com uma secreta delicia de intruso a sociedade polida e fidalga em que vivia. Essa delicia communicava-a sómente á prima, a quem se conservara fiel, em longas cartas escriptas no seu bello papel armoriado, com a sua lettra igual, legivel, respirando ordem e methodo como tudo o que era seu. Os outros ilheus que viviam na estroinice das *republicas*, perdendo a mesada á batota no mesmo dia em que a recebiam, troçavam-no por causa da sua pacatez. Era todavia estimado entre a colonia por ser prestavel e serviçal, tendo sempre meia moeda, quantia então enorme, á disposição d'um patricio afflicto. O seu ar era tão commedido, que um dia, vendo-o apparecer num jantar de ilheus com um inexplicavel buraco no cotovello da batina irreprehensivelmente tratada, André da Camara, celebre pela violencia das suas modas e pelo cynismo da sua porcaria, agradeceu-lhe «este attencioso cuidado de toilette tomado expressamente para a solemnidade».

Poetava tambem, mas com moderação e só nas horas que lhe deixavam livres as Ordenações e o Digesto. Sempre que

publicava no *Repositorio litterario* alguns *Anhelos* ou algum *Ai!* pachorrentamente arrastados em longos rosarios de redondilhas, mandava o numero da revista á noiva. Aconselhava-lhe constantemente que se «illustrasse», fallava-lhe, como querendo estimulá-la, na educação primorosa das senhoras com quem passava noutes deliciosas, fazendo musica e recitando ao piano. Como ella lhe dissesse uma vez que andava bastante divertida com a leitura dos romances da *Bibliotheca economica*, que o tio Thomaz levara de Lisboa, escreveu-lhe uma longa carta dissuadindo-a de ler «traduccões mascavadas de más novellas francezas» e começou a mandar-lhe as obras celebres de então: os livros de Herculano, de Castilho, de Garrett e alguns de estudantes poetas. Tomou-lhe tambem uma assignatura do *Panorama*.

A pobre menina que nunca saíra da sua pequena ilha adormecida no meio das brumas do mar, conhecia o mundo através dos romances da *Bibliotheca economica*: e Paris, todas as grandes capitães da Europa, Coimbra, mesmo um pouco as cidadezitas ilhóas, fundiam-se no seu espirito numa ingenua imagem, vaga e deslumbrante, d'uma vida toda de maravilhas e de nobres espectáculos, extranha aos pequenos cuidados quotidianos e prosaicos. A expressão «lá-fora», suspirada com os olhos afastados pela contemplação mental d'esse mundo remoto e com as sobranceiras erguidas de resignação ao exilio, era para ella a essencia condensada d'essa imagem brilhante como uma phantasmagoria de poente. Nos domingos á noute folheava ao acaso *O Panorama*. Contemplava demoradamente as gravuras, com um olho só, através da mão arqueada em oculo, e os informes borrões animavam-se em cidades gloriosas e chimericas paizagens, alimentando-lhe a nostalgia do desconhecido.

E via-se obrigada a admirar bem repetidas vezes os mesmos numeros, porque as communicções com a Ilha dos Cedros eram ainda então irregularissimas, espaçadas por longos intervallos, quatro, seis meses, durante os quaes só tocavam no seu porto navios baleeiros para fazer refresco ou agua-da. Vinham de andar meses e meses a vêr céu e mar, mais

separados do mundo do que os *tripulantes* da ilha. Só alegravam camponêses que lhes vendiam por preços exorbitantes gallinhas, ovos e as poucas e pessimas fructas da terra. A's vezes nem isso; as suas canôas tripuladas por negros vinham á terra encher as pipas d'agua e pouco depois desappareciam, deixando o mar ainda mais deserto e triste. Mas quando surgiam ainda longe, demandando nobremente a terra, velas infladas de novidade e de imprevisto—era um geral alvoroço!

Viam-se passar os principaes da villa d'oculo a tira-collo; remadores que trabalhavam no campo abandonavam precipitadamente as enxadas e abalavam para o porto; corriam mulheres do povo a chamar os maridos para o barco da visita. E por toda a villa, que parecia subitamente varrida por um sopro messianico, todos diziam esbaforidos, correndo sempre como para ir levar ao longe a Boa-Nova redemptora:

—Um navio que vem p'rá terra!

Pouco depois passavam com um ar alquebrado e molle:

—E' uma baleeira. Iam respondendo com a secreta decepção de quem ouve tocar urgentemente a campainha, vôa ancioso, com o coração aos saltos, certo d'um acontecimento extraordinario, abre—e depara com um mendigo. O alvoroço morria tristemente, a ilha caia de novo na sua habitual modorra.

De longe a longe toda esta agitação era causada pela pequena escuna que levava o correio acumulado na capital do districto, a pequena cidade da Praia Grande, na Ilha dos Flamengos.

As cartas do primo, que lhe chegavam atrazadissimas, ás tres e quatro, faziam-lh'o ver divinizado pela saudosa e quasi mystica atmospheria do *Lá-fora*. Elle sabia-o. Como todos os ilheus, mas muito particularmente os das pequenas ilhas sem cidade, vivera tambem na crença de que para alem do monotono e deserto circulo de mar que o rodeava, tudo era resplandecente do oiro e da pedraria dos palacios encantados. Agora, quando lhe escrevia, um irresistivel charlatanismo levava-o a explorar em proveito da sua gloria a illusão de que tambem padecera. Exagerava os encantos da vida de sala, fallava em termos extasiados dos sitios celebres de Coim-

bra, que todavia lhe tinham causado uma profunda decepção, da «historica quinta das Lagrimas», deliciando-se intimamente com a certeza de ficar enobrecido aos olhos d'ella pelo meio quasi romanesco em que se mostrava, de ser visto ora entre delicados requintes palacianos, ora envolto pela nevoa poetica de logares de lenda.

Era por uma rasão identica que lhe mandava o *Repositorio litterario* com as suas composições. Lembrava-se bem da lettra de imprensa ter exercido aos seus olhos um poder divinizador. Não era por que tivesse nunca sido um leitor apaixonado; o motivo era mais subtil, e derivado tambem das particularidades da vida d'uma minuscula ilha isolada e quasi incommunicavel. Como lá não havia nenhum *auctor* e os livros vinham todos de fora, todos os auctores, até o da sua grammatica latina, mais tarde seu professor de humanidades em Coimbra, lhe pareciam seres irreaes vivendo fora do tempo e do espaço, numa incerta região, intangiveis, quasi simples mythos explicativos da existencia das obras. Se nesse tempo visse o nome d'uma pessoa das suas relações impresso na capa d'um livro, fosse esse livro um cathecismo ou uma *taboada*, o seu pasmo seria pelo menos igual ao de encontrar uma matta sua povoada de dryades, de ver nereidas a nadar no porto da sua villa, ou de ouvir o seu cão de caça a discorrer comtanto acerto como os animaes do seu Phedro. Quando chegou a Coimbra, escreveu logo para a ilha ao seu antigo mestre de latim, o padre João, e dizia-lhe que era agora discipulo do dr. Figueiredo, auctor da *Arte* por que estudara,—certo de que não maravilhariá mais noticiando a sua inimizade com o proprio Virgilio em carne e osso.

Por isso, sempre que voltava para casa de deitar no correio, dirigidos para a noiva, alguns numeros do *Repositorio* com poesias suas, ia absorvido pela imaginação do orgulho que causaria na terra o seu conhecimento e o seu parentesco. Via os parentes prodigalisarem vaidosamente os pormenores ácerca d'elle a um juiz que, tomando a revista de cima d'uma banca da sala, lesse alguma das suas composições,—deliciados por poderem dar noticias sobre a personalidade d'um *auctor*, d'um

habitante do impalpavel reino dos deuses da letra redonda. Era com effeito o orgulho da terra, o seu grande homem; todos viam os triumphos, as situações brilhantes que o esperavam na vida amontoarem-se no futuro, confusamente, como um nevoeiro de deslumbramentos.

Nunca as constantes referencias das suas cartas ás encantadoras senhoras das suas relações tinham despertado na prima a mais leve sombra de ciúme. Quando as amigas lhe pediam noticias d'elle respondia com uma serenidade confiada:

—Diz que se tem divertido muito, muitos bailes, muitas partidas, muitos passeios nas férias... que é tratado com muita consideração... senhoras muito prendadas, muito delicadas...

Essas senhoras appareciam-lhe quasi tão vaporosas e incorporeas como as grandes damas dos romances da *Bibliotheca economica*. E depois, mesmo que soubesse d'um namorado do primo com alguma d'ellas, a sua confiança nem por isso seria abalada e a sua admiração por elle redobraría até. Os galanteios, as côrtes, as serenatas em noites de luar eram aos seus olhos um complemento indispensavel do viver aristocratico e poetico do seu aereo Lá-fóra construido sobre romances. O primo a fazer a côrte a uma senhora seria apenas para ella um traço pittoresco de costumes, d'um interesse por assim dizer litterario, sem penetrar na região profunda e séria do sentimento donde jorra o ciúme:—um simples caso da rissonha e sympathica curiosidade que nos causa uma pessoa da nossa intimidade transportada para um meio extranho, e submettendo-se aos usos d'elle com um rigor quasi ironico á força de voluntario. Causar-lhe-hia isso o mesmo irreprimivel sorriso de enlevo com que contemplara o primeiro retrato d'elle de capa e batina, muito grave, de pé, sapatos de fivella, um joelho um pouco curvado, a capa caíndo em pregas nobres, uma mão pegando num livro firmado sobre uma banca em columnata e a outra suspensa negligentemente pelo polegar do cordão da luneta.

Com effeito quando elle, de volta á ilha, já formado, deixava entrever como por descuido brilhantes conquistas nas reticencias fátuas das suas narrativas, ella ouvia-o sorrindo, fin-

gindo-se amuada—no estado de espirito a mil leguas do ciu-me d'uma amante intelligente a quem o amante, ao regressar d'uma viagem aventureosa por paizes remotos, descrevesse uma noute passada no meio d'uma tribu barbara, partilhando o leito com a mulher ou com a filha do seu hospede, em homenagem á prostituição hospitaleira, venerada na tribu como um rito inviolavel.



Apolonio de Tiana ¹



Entre os grandes philosophos do mundo antigo, poucos têm tanto direito á attenção dos que se dedicam ao estudo da Theosophia como o philosopho pithagorico Apolonio de Tiana, acerca do qual formaram uma opinião geral tão erronea historiadores não theosophicos. O historiador ordinario passou por alto desdenhosamente os annaes da vida e ensinamentos de Apolonio, taes como na realidade são, pela mesma rasão porque o estudante de Theosophia lhes concede a maior importancia.

As narrações maravilhosas que de Apolonio se fizeram inspiram ao materialista moderno a crença de que elle foi com certeza um impostor que explorava com a credulidade dos seus sequases; e estas mesmas narrações, ás mentes illuminadas pela luz da sciencia occulta, suggerem a ideia de que não somente elle devia de ter sido um poderoso genio intellectual—como o provam os simples factos externos da sua vida—senão tambem um Iniciado da Grande Fraternidade, um dos ultimos a quem permittido foi—pela razão de que o mundo se afundava gradualmente no materialismo, em que devia submergir-se, para que chegasse ao seu maximo de desenvolvimento a sciencia phisica—usar publicamente dos seus poderes de Adepto, produzindo resultados que á ignorancia commum reputava milagrosos. A aureola d'estas proesas deslumbrou ou perturbou o juizo das gerações posteriores; e o significado da vida em que occorreram, assim como o valor intellectual e espirital do seu exemplo, passaram totalmente despercebidos aos directores litterarios do pensamento moderno. Mas quasi que os não podemos censurar por esta falta de vista; porque, para comprehender Apolonio, até ao restabelecimento do occultismo nos ultimos vinte annos, nenhum estu-

1) Tradusido do hespanhol, da luminosa revista theosophica «*Sophia*», que se publica em Barcelona.

dante moderno de philosophia possuia chave alguma. Intellectualmente, apenas eram obrigados a tratar as narrações dos seus feitos milagrosos como outras tantas fabulas. Mesmo que o character do seu ensinamento philosophico tivesse podido chamar-lhes a attenção, justificados estavam de não a prestar senão a outros annaes mais completos e mais claros, que nos foram legados por outros expositores do mesmo systema philosophico. Em resumo, entre as gerações presentes, estava reservado a nós, theosophistas, comprehender o verdadeiro valor da historíá altamente interessante que me proponho examinar.

O ponto principal, devo declarar-o desde já, está em a nossa comprehensão do adeptado. Todos os theosophistas sabem hoje com segurança o que no principio do restabelecimento moderno se declarou d'um modo enfatico, isto é: que os poderes aparentemente sobrenaturaes associados ao adeptado, são apenas circumstancias collateraes proprias do grande progresso espirital, e não um objectivo que só por si seja buscado pelas pessoas que o obtem. Nem por isso é menos certo que a maior parte da humanidade moderna concentrou, em primeiro lugar, a sua attenção sobre os factos que dizem respeito ao mundo occulto e a essa mysteriosa exhibição de poderes que nos mostram as gerarchias d'esse mesmo mundo de posse do dominio sobre forças da natureza de que a civilisação corrente não conhece ainda nada. Esta attitude mental, como attitude preliminar, não é de modo nenhum censuravel. E' realmente verdade, como frequentemente o têm afirmado os criticos da litteratura theosophica, que esta apenas contém um pensamento puramente philosophico, ou um fragmento de preceitos moraes que se não encontram em outros systemas religiosos ou philosophicos, se não considerarmos todos esses pensamentos e conceitos como provenientes do exercicio de faculdades e poderes anormaes na investigação da natureza. A nossa comprehensão theosophica de todo o schema da evolução humana depende do exercicio d'estes recursos. Os theosophistas não teriam nenhuma missão nova a realisar neste mundo se não tivessem outra coisa a confirmar senão a sublimidade

do altruismo, ou se expoessem a doutrina da fraternidade humana relacionando-a, apenas, com os factos da vida dentro da observação phisica. A nossa missão no mundo mira principalmente a restabelecer o conhecimento que diz respeito á possibilidade do progresso humano até estados de sabedoria, de poder e de utilidade cosmica superiores aos que atégora têm figurado dentro do circulo das aspirações humanas. Toda a purificação ou toda a luz que desejamos infundir nas religiões correntes tem por fim ultimo o melhor esclarecimento d'esta ideia. Não ha uma só phase da vida e do dever quotidiano que esta ideia não possa de algum modo illuminar; e não poderá continuar o progresso geral do mundo sem que todos tenham comprehendido a insensatez de suppor que as energias da natureza se mantem dentro dos limites em que as confinam as crenças civilisadas convencionaes que d'ellas derivam. A comprehensão do character e recursos da sabedoria do adepto, está, effectivamente, na raiz do verdadeiro progresso espiritual para a maior parte dos homens d'hoje. Aqui e acolá a devoção pura pode elevar alguns a uma apreciação intuitiva da verdade, ou, melhor, póde dotal-os de uma fé vasta e indefenida, que lhes assegurará a oportunidade, cada vez mais proveitosa em vidas posteriores, de adquirir um conhecimento mais completo; mas, para a maior parte dos pensadores, nesta epoca de ideias positivas e de progresso constante d'um ponto a outro, só quando o Adeptado se tenha feito crível é que o ensinamento espiritual superior, que provem do conhecimento do Adepto, adquirirá a influencia devida como factor imperante na vida do mundo civilisado moderno.

Pareceu-me necessario este breve exordio como introdução ao estudo da vida de Apolonio de Tiana. Que em todo o caso elle se encontrava no caminho que leva ao Adeptado — sem que procuremos determinar o seu posto exacto na grande gerarchia — é um facto sobre que tenho garantias, assim o julgo, inteiramente alheias ao testemunho da historia antiga. E' uma ajuda para desenredar uma enfiada de provas um pouco emmaranhada, uma chave d'esta natureza; pois o testemunho

historico que se refere a Apolonio depende principalmente do Diario do seu devotadissimo partidario Damis; ainda assim não por completo, porque, como veremos em breve, foi mencionado—sempre com immenso respeito—por diversos escriptores contemporaneos ou quasi contemporaneos, se bem que devemos a Damis os pormenores da sua vida, aventuras e prodigios; e como Damis era um devoto sem restricções do seu amado Mestre, bom é saber que, extranho ao seu testemunho, o enthusiasmo, por via de regra, estava amplamente justificado.

Apolonio nasceu em Tiana, Capadocia (provincia da Asia Menor), ali pelo anno 1.º da nossa Era. Pertencia a uma familia influente e herdou sobejos bens de fortuna; d'elles cedeu a maior parte, com certeza, aos parentes, nunca se encontrando, porem, em circumstancias precarias. Foi educado em Tarso, e, á medida que crescia, iam-se-lhe tornando insupportaveis os costumes frivolos da sociedade em que vivia—«mofadores insolentes», diz Filostrato, «dados aos prazeres e apaixonados pelos vestidos faustuosos»;—por isso é que, passado certo tempo, se foi, com permissão do pae, para Aegas, onde entrou em um templo de Esculapio. Foi seu mestre ali um philosopho epicurista; não obstante, obedecendo a um impulso interior, converteu-se, assim moço como era, num devotado partidario da doutrina muito mais severa de Pithagoras. As curas que fez no templo de Esculapio provocaram a attenção universal, e o que d'ellas conta Filostrato harmonisa-se com relatos do conhecimento clarividente que Apolonio possuía acerca dos seus doentes.

A morte do pae deu-se quando estava ainda no templo. Partiu para Tiana a pôr em ordem os negocios, cedeu a maior parte da fortuna aos parentes e voltou depois para o templo onde se conservou ainda por algum tempo. Uma vez ahí, sujeitou-se á extranha prova prescripta por Pithagoras aos seus discipulos: os cinco annos de silencio.

Jamblico diz-nos alguma coisa acerca d'este systema de disciplina mental na sua *Vida de Pithagoras*. O grande philosopho impunha uma demorada prova aos candidatos á inti-

midade dos discipulos accites. Depois de umas averiguações preliminares deixava o candidato, diz Jamblico,

«abandonado por espaço de tres annos, observando durante esse tempo a sua constancia e desejo de aprender, se estava sufficientemente preparado a respeito da gloria, que desprezasse as honras populares. Depois d'isto ordenava aos que vinham para elle a observancia do silencio por cinco annos, afim de conhecer experimentalmente em que altura se encontravam na continencia da linguagem, por ser a subjugação da lingua a mais difficil de todas as victorias, como no-lo revelaram os que instituiram os *Mysterios*.

Só depois de terem passado pelos cinco annos de silencio eram admittidos ao ensino esoterico intimo do Mestre.

Não se pode comprehender o fim que Apolonio teve em vista ao sugerir-se a esta prova, quando aparentemente não existia para elle nenhum ensino esoterico a alcançar como recompensa; mas, neste ponto, a critica precisa de ser prudente, dado o nosso imperfeito conhecimento da sua vida, que apenas lhe abarca o aspecto phisico; todavia, quasi que podemos estar certos que de qualquer modo havia igualmente um lado espirital consciente.

Nunca pareceu de genio aspero nem desanimado durante os seus cinco annos de silencio, diz o seu biographo. Concluidos que foram, marchou para Antiochia e ahi viveu no templo de Apollo-Daphneo. Parece que já tinha então «proselitos a quem ensinar». Uma vez contestadas todas as perguntas que lhe faziam os amigos, dirigia-se á multidão, com quem conversava sempre pelas tardes. «Usava nos seus discursos um estilo nada elevado nem inflado com a linguagem da poesia...; fallava como se o fizesse d'uma tripode. . . As suas sentenças eram curtas e diamantinas; as suas palavras auctoritarias e adaptadas ao sentido».

Depois de levar esta vida por algum tempo, resolveu Apolonio visitar a India. Foi nos começos d'esta viagem que Damis se lhe uniū: «Deus será o vosso guia e vós o sereis meu» — disse Damis; e lealmente, até ao seu ultimo alento, foi fiel a esta declaração. Filostrato, na sua narrativa da viagem á India, teve que sugerir-se ao unico diario de Damis, inutilmente

ampliado com historias de viajantes recolhidas por Damis com toda a simplicidade, historias que Filostrato, por sua vez, recapitulou. Muitas d'essas historias são evidentemente absurdas, e d'ahi a duvida dos leitores criticos da nossa epocha, sobre se serão dignos de attenção os factos maravilhosos executados por Apolonio, estando a sua unica garantia de verdade num testemunho tão falto de critica. Mas é facil distinguir entre os relatos que Damis repete de ouvido e os que conta sob a sua propria auctoridade como testemunha.

A relação de toda a viagem pode compendiar-se em pouco, porque só nos interessam os incidentes que arrojam luz sobre a figura central. Entrando no territorio de Babylonia, encontrou Apolonio uns guardas e foi interrogado por um sátrapa. Como respondesse com modos um pouco altaneiros, o sátrapa irritou-se a principio; mas, «vendo que o homem não necessitava de interprete, e comprehendia e contestava tudo sem a menor vacillação, mudou de tom e de modos e rogou-lhe, em nome dos deuses, que dissesse quem era. Visto que me interrogaes com tanta cortesia—lhe disse Apolonio—ouvi pois quem eu sou: sou Apolonio de Tiana; vou-me a ver o rei dos Indios, para por elle saber o que se passa no seu reino. Terei muita satisfação em ver o vosso rei, porque todos os que fallaram [com elle o dizem possuidor de muitas virtudes, e estas informações me inclino eu a acreditar-as, se se trata de Vardanes que acaba de recobrar o seu perdido reino.—«E' o mesmo homem, divino Apolonio—replicou o sátrapa;—pois de vós ha já tempo que temos ouvido fallar. . .»

E assim por este theor. O interessante da historia está em o sátrapa reconhecer Apolonio e o tratar com todo o respeito assim que lhe ouviu o nome, fazendo-lhe todo o genero de offerecimentos, hospitalidade e serviços. E o mes no succede em outras partes. O mundo antigo não tinha as vantagens do telegrapho nem dos periodicos, mas a fama dos homens notaveis pela sabedoria e pela santidade sempre encontrava meio de chegar a toda a parte.

O rei de Babylonia recebeu-o com o maior respeito e consideração, e na côrte d'elle permaneceu por mais d'um anno,

se bem que recusando todo o genero de festas sumptuosas. Segundo se conta no livro de Filostrato, as suas respostas, quando lhe offereciam luxos de que não tinha precisão ou regalos que não desejava, pareciam um pouco affectadas a julgarmolas pelo gosto moderno, mas o estilo da epocha sem duvida que era mais sentencioso, havendo alem d'isso a acrescentar que as palavras de Apolonio nos chegam atravez de duas interpretações.

«A sabedoria que professo—diz explicando-se perante o «rei de Babylonia—é a de Pithagoras de Samos, que me ensinou a adorar os deuses da maneira que vedes, a distinguir-lhe as diversas naturezas e a respeitá-las por conseguinte, a fallar com elles e a vestir-me de roupas fabricadas com o «producto genuino da terra e não arrancadas aos animaes, mas «do que cresce puro entre o mais puro: do linho, o simples «producto da terra e da agua. Em obediencia á doutrina de «Pithagoras é que deixo crescer os cabellos e me abstenho de «todo o alimento animal».

Mais tarde, quando lhe foram concedidas dez mercês, pediu apenas um tratamento melhor para os Eretiacos, communiidade grega estabelecida em territorio babilonico. «Mas «porque não acceitae as outras nove mercês?—disse o rei.— «Porque não tenho mais amigos»—respondeu Apolonio. Então o rei lhe perguntou se não queria alguma coisa para si. «Nada,—lhe respondeu—senão pão e alguma fructa, o que «constitue para mim o mais sumptuoso-banquete.»

Puzeram-se por fim os viajantes a caminho, montados em camellos, bem providos de tudo o que necessitavam para a sua larga viagem, que devia ter-se estendido pela Persia e pelo Afghanistan até á India; mas, mesmo quando o diario de Damis se refere a montanhas muito elevadas e empinadas que era preciso atravessar a pé, o relato occure-se pouco de detalhes geographicos. Mais para alem dos indios, em *Targilla*, conheceu Apolonio o Rei da India, como Damis lhe chama algumas vezes, Phraotes, de quem fallou depois muito. Era tambem philosopho, Phraotes, e a sua sabedoria e virtudes causaram grande satisfação a Apolonio. Deu elle ao seu hos-

pede illustre uma carta de apresentação para Yarcho, chefe dos sábios indios, a quem mais especialmente viera visitar. O curso d'esta viagem, depois de deixar Taxilla, não está muito claro, porque Damis tem o costume de chamar *Caucasos* a todas as montanhas, e este termo não identifica explicitamente as diversas regiões do Himalaya. Mais adiante encontramos-nos ainda com uma allusão a *correntes de agua*, naturalmente riachos derivados do Ganges; mas nenhuma classe de theorias a respeito da direcção que tomaram pode pôr-nos em relação com o rio d'este nome. E' possível que elle servisse a Damis para designar os rios, como o de *Caucaso* lhe servia para designar as montanhas. A' vista d'algumas indicações não seria impossível que o curso da viagem tivesse sido através de Cachemira.

Fosse como fosse, depois de cruzar muitas montanhas e de recolher com toda a boa fé muitas historias maravilhosas referentes a *dragões* do paiz, ou pithons, como diria um viajante mais moderno—Damis conta como se aproximaram do *castello dos homens sabios*. O guia mostrou grande agitação, se bem que a sua emoção parece mais ter sido de respeito que de temor. Estes sábios são «mais respeitados pelos indios do «que o proprio Rei que, ainda que senhor da terra, se aconselha com elles em tudo, como se fossem outros tantos oráculos». Ao subirem os viajantes a collina em que viviam os sábios, veio-lhes ao encontro um mancebo que se dirigiu a Apolonio chamando-o pelo seu nome e o conduziu em seguida á presença de Yarcho, depois de dizer aos companheiros d'elle que ficassem para traz. Logo que Yarcho viu Apolonio, saudou-o em lingua grega e pediu-lhe a carta que trazia do rei da India. Como Apolonio parecesse maravilhado com esta primeira amostra de conhecimento superior, Yarcho lhe disse: «Nessa carta, Apolonio, falta uma letra, um delta»; e ao abrirem a carta reconheceram que assim era. Respondendo ás perguntas que lhe eram dirigidas sobre o motivo da sua viagem, Apolonio expoz a sua crença na elevada sabedoria dos indios, e estes o trataram com muita bondade, dando-lhe logo provas—alem da pequena amostra de clarividencia da

carta — das suas faculdades anormaes. Mostraram conhecer intimamente a vida particular e de familia do seu hospede; e pormenores referentes ás suas vidas anteriores. No templo, durante algumas cerimoniaes a que Apolonio foi admittido, elevavam-se ou fluctuavam a dois covados sobre o solo.

A narração das practicas entre Yarcho e Apolonio, por Filostrato, deve necessariamente ser muito imperfeita. Damis e os outros servos de Apolonio foram bem recebidos por indicação dos sabios, mas, como não eram admittidos á sua presença, Damis no seu diario só pôde ter dito o que na occasião lhe occorreu do pouco que sobre o assumpto Apolonio lhe houvesse contado. Porque, tudo o que de interesse real elle pudesse ter apprendido com os indios, com certesa que ficou nos dominios do segredo occulto. Durante a sua visita elle foi sem duvida iniciado de alguma maneira, ou elevado na iniciação a ponto de se converter num adepto superior ao que era d'antes; e desde então elle considera invariavelmente os sabios indios, e Yarcho especialmente, como os philosophos mais sublimes, mais grandiosos e mais nobres da terra.

O trecho relativo á maneira como Apolonio e Yarcho se referiam, em conversa, ás suas vidas anteriores, é particularmente interessante para todo aquelle em quem despertou ou começa a despertar a comprehensão da lei em todos os pontos principalissima e importante da reencarnação.

Yarcho pergunta a Apolonio se sabe que situação era a sua na vida anterior á presente, e Apolonio responde-lhe: — Como não foi nobre, recordo-me pouco d'ella. — Yarcho, que evidentemente estivera, como diria um occultista moderno, contemplando os annaes da luz astral, diz-lhe: — Porque é que não julgaes nobre ser piloto d'um navio egypcio, pois sei que o fostes? — Tendes razão, fui-o. E logo prosegue falando do incidente principal d'essa vida, quando teve de resistir, em circumstancias muito criticas, ás sollicitações dos piratas que o queriam levar a uma traição, obrigando-o a entregar-lhes o navio de que era commandante. Yarcho parece que não dava grande importancia ao caso, sendo de parecer que

a justiça consiste em não commetter injustiças, o que é uma opinião geral entre os gregos.

Merece a pena que, ao estudar-se a vida de Apolonio, se não percam de vista os relatos, taes como são, que se referem á vida e ensinamento do seu grande predecessor Pithagoras. O que vulgarmente se julga é que Pithagoras ensinava a doutrina da metempsichose pela forma supposta de que as almas dos homens passavam depois da morte para o corpo dos animaes. E só a illustração é que em alguns casos tem corrigido esta impressão. Num resumo admiravel de antigas doutrinas philosophicas, intitulado *The Story of Philosophy*, por Aston Leigh, vemos a theoria de Pithagoras explicada da maneira que segue :

A ideia devia ser principalmente o seguinte : que a Alma ou parte immortal do homem era o alento do Todo-poderoso, partindo da existencia infinita e convertendo-se em uma essencia finita, temporal, separada, que possuia, separada, distincto e livre arbitrio; alma destinada finalmente a gosar a ineffavel felicidade da sua eterna união com a Perfeição Una. Destino grandioso a que só podia chegar por meio da consciencia separada, imperfeição e progressão. Porque se permanecesse parte da unidade, não podia separar-se nunca, ter consciencia definida e por si propria; e se se separasse da Perfeição Una, ficaria em estado embrionario, que carecia de converter-se ou de adquirir certas qualidades antes de chegar ao estado de reabsorção. A alma foi, pois, lançada a viajar atravez da materia para unir-se a varias formas e para que, pelo seu contacto com a materia, a guerra entre a alma e o corpo pudesse desenvolver essas necessarias qualidades. Só um certo numero d'almas se suppunha que estavam na terra... Algumas vezes progrediam passando a organismos humanos superiores; outras retrocediam a seres humanos inferiores ou animaes.

Pondo de lado as ultimas palavras d'esta exposição, tomadas provavelmente de alguma versão adulterada da verdadeira doutrina pithagorica, a passagem citada é uma exposição quasi tão perfeita como a que hoje se poderia fazer do ensinamento da reincarnação, sem os pormenores do processo, os quaes, pela primeira vez na historia da litteratura, foram dados ao mundo em geral nos escriptos theosophicos.

Platão ampliou e ajustou alguma coisa a tudo isto—diz Mr. Leigh—communicando aos seus leitores que «muitas seitas

deístas, christãs, e outras, para cujos philosophos a religião era secundaria, acharam que esta doutrina era uma explicação do misterio do mal, que reconciliava a imperfeição finita com a infinita perfeição, com a força omnipotente.»

E continua dizendo :

Os historiadores dizem-nos que os Druidas a possuíam; apparece nos livros religiosos da India, particularmente nos Vedas; floresceu no Egypto; suppõe-se que existe em uma das mil e mais obras doutrinaes de Origenes, o primitivo escriptor christão; e por ultimo encontram-se tambem na cabala judaica essas explicações e commentarios mysticos, tradicionaes, do Pentateuco, sobre que tanto se tem escripto e meditado e que fascinaram por completo tanto a judeus como a christãos antigos e modernos.

Esta ideia parece que era uma coisa tão corrente, até epochas recentes, que os primeiros escriptores philosophicos não achavam que valesse a pena alargarem-se muito a tal respeito. Na vida de Pythagoras, por Jamblico, o assumpto apresentase incidentalmente, em vez de ser discutido com amplitude, como principio fundamental que fosse importante estabelecer; mas felizmente não ha nenhuma ambiguidade na passagem que a menciona :

Para elle, o melhor principio tambem se fundava numa vigilante attenção ao que diz respeito aos homens, principio que devia ser reconhecido de antemão pelos que quizessem aprender a verdade sobre outras coisas; depois recordava a muitos dos seus familiares, com as indicações mais claras e evidentes, a vida anterior das suas almas antes de estarem ligadas ao corpo actual, e com argumentos indubitaveis demonstrava que elle proprio fora Euphorbio, filho de Panto, que venceu a Patroclo... Sem embargo, o que com isto queria indicar era que conhecia as suas vidas anteriores, e que d'ahi surgia a sua attenção providencial para os outros, recordando-lhes a sua vida anterior.

Não podemos tirar bem a limpo no relato de Filostrato que tempo Apolonio permaneceu com os sabios indios; mas ao despedir-se d'elles enviou a Yarcho uma carta em que lhe dizia : «Vim a vós por terra, vós me haveis dado o mar. Communicando-me a vossa sabedoria, abristes-me o caminho do céo. Continuarei gosando da vossa conversação como se ainda estivera ao vosso lado, se é que não tenho bebido em vão na

taça de Tantalos». Estas phrases estão cheias d'um significado occulto e referem-se, como se pode avaliar, aos novos conhecimentos e faculdades adquiridas numa iniciação.

Parece que nenhum successo importante se deu com os viajantes na volta da India, por mais que o relato de Damis se tenha enriquecido de contos phantasticos ácerca das estranhas gentes e estranhos logares que viram durante a viagem. Apolonio foi então residir por algum tempo em regiões que lhe eram familiares, no Epheso. Ali foi desde logo rodeado d'uma multidão de proselytos, sendo difficil comprehender a celebridade que havia alcançado já, a menos de suppor que os relatos que possuímos ácerca dos primeiros tempos da sua vida não indicam, de modo algum, a verdade, no que respeita á extensão da sua fama como philosopho. Pouco depois do seu regresso realisou elle um feito que só por si bastava a tornal-o celebre. Estava em Smirna, quando em Epheso rebentou uma praga já por elle previamente annunciada. Enviaram-lhe eimssarios, supplicando-lhe que salvasse a população da sorte que a ameaçava. Quando isto ouviu, diz Filostrato, exclamou: «Parece-me que a jornada não deve ser retardada»; e, mal pronunciadas estas palavras, estava em Epheso, pelo mesmo modo que Pythagoras se tinha mostrado ao mesmo tempo em dois sitios: Thurim e Metaponto. Outro prodigio do mesmo genero, e ainda mais sensacional, se conta de Apolonio, como veremos mais adeante. Mas os criticos modernos, sem mais exame, consideram os factos d'esta cathegoria indignos de que se lhes preste a mais pequena attenção. Todavia, á luz do muito que nos ultimos annos se tem publicado relativamente ao dominio exercido pelos Adeptos sobre as forças da natureza, forças desconhecidas da sciencia ordinaria, não devemos regeitar como absurda a passagem rapida de um d'elles d'uma terra para outra, dentro de certos limites de tempo e de distancia. Tractaremos este ponto mais desenvolvidamente quando nos referirmos ao desaparecimento de Apolonio, annos depois, do tribunal de Roma, onde estava sendo julgado perante Domiciano.

Tendo Apolonio apparecido aos habitantes de Epheso, diz-

se que os tranquillizou, promettendo-lhes fazer desaparecer a epidemia. O relato occupa-se em seguida de minuciosidades que são perfeitamente inintelligíveis, e do exorcismo de um demonio.

A critica convencional pode perguntar porque é que nós accetamos um facto e regeitamos outro, quando é certo que ambos elles são incríveis vistos á luz das leis naturaes conhecidas. A isso responderemos que o recente desenvolvimento no estudo da sciencia occulta, apesar dos seus methodos serem ainda muito obscuros mesmo para a maior parte dos que a estudam, nos dá a chave para podermos comprehender por que é que esse chamado milagre se encontra nos dominios d'ella, ao passo que o outro é evidentemente a manifestação da superstição popular, apresentando corrupções correntes de verdades occultas. Podemos ignorar *como* é que um Adepto consegue fazer desaparecer a infecção d'uma praga numa cidade atacada, mas sabemos o bastante ácerca dos poderes dos Adeptos sobre as forças elementares que devem encontrar-se detraz de qualquer forma de epidemia, para vislumbrarmos a possibilidade do facto. Quanto ao demonio visivel, expulso do corpo de um velho mendigo, que depois se converte em um cão furioso, é, evidentemente, a caricatura popular do verdadeiro facto occulto, tão pouco comprehendido pelo populacho da Grecia antiga como pelo da moderna Londres. Mas o populacho da Grecia antiga é que, vendo desaparecer uma praga ao mandato d'um grande philosopho investido d'um poder divino, precisava de explicar o caso de alguma maneira, e bem podia ser que isso tivesse dado logar a narrações em harmonia com os seus grosseiros conceitos sobre o mundo supra-phisico.

Fosse como fosse, a praga de Epheso desapareceu ao mandato de Apolonio, o que com o andar do tempo lhe valeu contrariedades, por obra dos que o accusavam de practicas *magicas*. Tudo o que se refere a poderes que transcendem os limites do ingenho moderno é tão confuso hoje que suppõem os criticos modernos que aquelles dos contemporaneos de Apolonio que negavam que elle fosse um mago, queriam com isso

mesmo dizer que elle nunca tinha effectuado as maravilhas que se lhe attribuiam. Mas não é esse o sentido da sua negação. A accusação de magico não era pelas maravilhas realisadas, mas por que implicava a aquisição de poderes na senda de uma evolução perversa, destinada a ser pernicioso á humanidade, mesmo que em alguns casos particulares parecesse ser agente de factos beneficis. A defesa do executor de prodigios baseava-se na theoria de que os seus poderes os tinha adquirido por meio da perfeição divina do seu character e natureza; de que era um verdadeiro Adepto na moderna e elevada acepção theosophica do termo.

Ao que parece, Apolonio, depois do incidente da praga de Epheso, levou muito tempo vagueando pela Grecia e ilhas adjacentes. Contam-se então d'elle muitas historias que demonstram previsão clarividente, bem como o «expulsar os maus espiritos do corpo»; mas coisas são estas que fazem lembrar de quanto é capaz a imaginação popular, porque no relato muito pouco ou nada vemos ácerca das verdadeiras palavras do philosopho mestre. Que estas deviam causar grande impressão, é o que podemos deduzir da illimitada veneração publica de que elle era alvo.

A sua primeira visita a Roma fê-la elle durante o reinado de Nero. A philosophia não estava então nas boas graças da cidade imperial, e foi avisado no caminho de que elle e os seus partidarios corriam perigo. Hospedou-se nos templos passando de um a outro, «em nenhum deixando de introduzir alguma reforma». Era naquelle tempo Tigellino o favorito todo poderoso do imperador, e quem, depois d'eile, tudo mandava na cidade. Parece que temia Apolonio pela sua arte de prophetisar os successos. Este sentimento foi uma vez exacerbado ainda por um curioso incidente. Como Apolonio fallasse severamente do Imperador, por causa do seu procedimento relativamente a «bufões e burlões», foi chamado á presença de Tigellino e

Apresentou-se um delator afamado que tinha causado a ruina de varios. Trasia nas mãos um rolo onde estava escripta a accusação, que brandia como se fosse uma espada ante os olhos de Apolonio, alardeando que o havia

filado bem, e que a sua hora estava chegada. Depois d'isto, Tigellino desenrolou o rolo e, oh surpresa!—nem caracteres nem letras se viam em parte alguma.

Esta desaparição da escripta recorda-me um extranho incidente que ouvi, de data recente, em que um documento importante apresentado em juizo se viu não ser mais que uma simples folha de papel branco. Acresce tambem o conhecimento que possuem os estudantes occultistas modernos, para acreditarem uma historia que de outro modo seria considerada como uma fabula absurda.

Tigellino, depois d'isto, levou Apolonio para um sitio mais reservado do tribunal, e ahi conversou com elle, concluindo por dizer-lhe que podia ir para onde quizesse; simplesmente tinha que prestar fiança de que se apresentaria quando fosse chamado. «Mas quem é que pode, replicou Apolonio, prestar fiança por uma coisa que não pode estar sugeita?» Observação de muito alcance em vista de successos posteriores.

Tudo isto fez crer a Tigellino num poder divino e sobrehumano, e para mostrar que não queria avir-se com um deus, declarou-lhe que fosse para onde quizesse pois era forte em demasia para estar sugeito á sua auctoridade.

Foi por este tempo que Apolonio executou em Roma uma das suas maiores maravilhas.

Uma jovem que estava para casar morreu, segundo o parecer de todos, e o seu feretro seguia acompanhado pelo que deveria ser seu esposo, com a attlicção que é de suppor num caso tal. Como ella era de familia consular, Roma inteira o acompanhava na sua dor. Apolonio encontrou-se com o enterro e disse aos que levavam a morta: Ponde o feretro em terra, que eu enxugarei as lagrimas que derramais por ella. Em seguida perguntou o seu nome. Julgaram quasi todos os espectadores que ia pronunciar uma oração funebre. Mas elle o mais que fez foi tocar a joven e, depois de pronunciar unas palavras em voz baixa, despertou-a d'aquella morte em que parecia mergulhada. Começou ella immediatamente a fallar, e voltou para casa de seu pae, como outrora fez Alcestes quando foi chamada de novo á vida por Hercules. Os paes da joven fizeram presente a Apolonio de 150:000 drackmas, quantia que elle, por sua vez, rogou que se adjudicasse á noiva como dote.

Este incidente parece que suscitou, mais que nenhum ou-

tro, as controversias theologicas, nas quaes se passou a maior parte da vida de Apolonio. Tem este milagre uma similhaça demasiado frisante com os descriptos no Novo Testamento, para ser bem recebido pelos christãos da epocha medieval que não comprehenderam o verdadeiro e sublime significado da historia do Evangelho.

Nada soffreu Apolonio na sua primeira visita a Roma; depois do que, vagueou algum tempo pela Grecia, e em seguida, ao que se diz, esteve em Alexandria. «Consideravam-no como a um Deus» diz Filostrato, descrevendo a attitude do povo para com elle. Uma vez que ia seguido de uma grande multidão, como de costume,

Encontrou doze homens accusados de roubo, que eram levados ao logar da execução. Quando Apolonio os viu, disse:—Prevejo que nem todos serão executados, pois esse homem, e apontou-lhes um d'elles, fez uma confissão falsa. E voltando-se para os carrascos, rogou-lhes que executassem em ultimo logar ao homem que lhes indicava, pois vejo, acrescentou, que não é culpado do crime por que vae morrer. Succedeu tudo como elle dizia. Depois de terem sido decapitados oito d'elles, um cavalleiro chegou a toda a brida e gritou: Larguem a Phoriano! não é ladrão! confessou-se culpado por medo á tortura, como se evidenciou pela confissão dos outros que estão nos tormentos.

Pondo de lado incidentes de menor vulto, vamos occupar-nos agora dos surprehendentes successos relacionados com o seu julgamento em Roma, sob a presidencia de Domiciano. Empregaram os amigos todos os esforços para dissuadil-o de ir a Roma em cumprimento de ordens do Imperador; mas, longe de os attender, emprehendeu a viagem antecipando-se a essas ordens, por havel-as previsto. Só permittiu a Damis que o acompanhasse, obrigando-o, porém, a deixar o traje pythagorico.

Sei que havemos de soffrer muito pelo modo de viver que adoptamos; mas estou resolvido a evitar que arrostes com esses perigos e que te mettam em uma prisão, o que aconteceria inevitavelmente se te apresentasses com esse vestuario. Quero que me sigas e presenciees tudo o que me aconteça como alguem que me ama por outros motivos, que não por estar filiado na minha philosophia.

O prefeito dos pretorianos, Eliano, fôra muito afeiçoado a Apolonio e com elle conferenciara bastantes vezes quando estava em Alexandria. Fez o que pode para lhe ser util quando elle chegou a Roma, posto que occultando a sua intenção sob o disfarce d'uma severidade superficial. Sob pretexto de o interrogar, teve com elle uma longa conversa sem testemunhas em que o informou do estado d'animo em que Domiciano estava, e lhe deu alguns conselhos prudentes. Expoz-lhe tambem as accusações que no julgamento lhe seriam imputadas:

Entre ellas está o vosso trage, o vosso modo de viver e as adorações de que sois objecto, afora o terdes feito desaparecer a praga que grassava entre os ephesios. Mas a accusação mais increditavel de todas, cuja falsidade me consta pela vossa aversão a todo o derramamento de sangue, é aquella que ao imperador parece mais verosimil. Diz elle que encontrastes a Nerva num campo, e ahí sacrificastes em seu favor uma creança, para assim causardes a morte d'elle Imperador, dando por essa forma a Nerva a esperança de obter o imperio em breve.

Eliano tractou de alliviar a sorte de Apolonio quanto lhe foi possivel, enquanto elle esteve na prisão. Mas num interrogatorio preliminar ante o Imperador, Apolonio augmentou-lhe a colera com as suas respostas, e foi por isso mandado para a prisão carregado de cadeias. Segue depois um incidente que tem sido desfigurado muitas vezes em artigos fragmentarios sobre Apolonio. Suppõem-no libertando-se das cadeias e voltando de novo a pol-as d'um modo milagroso; mas não é natural que houvesse exhibido esta demonstração dos poderes de Adepto pela maneira theatral que se lhe attribue. O diario de Damis conta como o factó realmente se deu. Estava elle sozinho na prisão com o seu amado Mestre, desolado pelos perigos que de todos os lados o ameaçavam. Apolonio fazia por o tranquillisar.

Ninguem nos dará a morte. — «Mas quando, senhor, perguntou Damis, seis posto em liberdade?» — «Amanhã, respondeu Apolonio, se dependesse do juiz, e neste mesmo instante, se dependesse de mim». E sem dizer mais palavra desprende uma perna das cadeias, dizendo a Damis: — «Já vês a liberdade de que goso; e pois, peço-te que não desanimes». Conforme Damis confessa, foi nesta occasião que principiou a comprehender que Apolonio pos-

sua uma natureza mais ou menos divina e sobrehumana, porque, sem offerer sacrificios, coisa que não podia fazer numa prisão, sem dirigir sequer uma oração aos deuses, sem proferir palavra, soltou a perna das cadeias e depois novamente a metteu nellas, continuando como se estivesse preso

No dia que se seguiu a este incidente disse Apolonio a Damis que o deixasse e se fosse com um seu amigo, Demetrio, a Puteolos, perto de Napoles. «Saudarás a Demetrio e ireis depois ambos para o lado do mar, onde fica a ilha de Callipso; ali me vereis » Damis obedeceu, ainda que muito a seu pesar. Pouco depois chegava o dia marcado para o julgamento.

Apolonio, diz o seu biographo, parecia mais um homem que tomava parte num assumpto de mera disputa; do que alguém que vae defender-se d'uma accusação que põe em jogo a sua vida. Respondeu a todas as perguntas que lhe dirigiram os empregados da prisão e do tribunal num tom zombeteiro, que não abandonou nem mesmo com o Imperador.

Apolonio preparara uma extensa defesa escripta, que foi guardada, e está impressa toda na biographia de Filostrato, mas não lh'a deixaram ler no julgamento. O processo empregado parece que consistiu em perguntas dirigidas pelo accusador e em contestações de Apolonio de feitiço ironico. Quanto á accusação do sacrificio da creança, a defesa foi completa e desdenhosa, provocando o applauso dos espectadores de um modo mais ruidoso que o devido á gravidade de um tribunal imperial. O Imperador attribuiu esta manifestação dos espectadores a approvação, e, como elle proprio estivesse impressionado pela força e simplicidade das contestações, disse:—Absolvo-te dos crimes que te são imputados; mas deixa-te estar até que eu te vá fallar.

Apolonio agradeceu ao Imperador, mas acrescentou que em consequencia dos delatores perversos que o assediavam estavam as cidades em ruinas, as ilhas repletas de desterrados, o senado suspeito.

Vêde lá pois se enviaes gente que se apodere do meu corpo, porque da minha alma é impossivel a alguém apoderar-se, e acrescentarei que nem mesmo do meu corpo, pois, como diz Homero, nem mesmo a tua mortifera lança pode dar-me a morte, porque eu não sou mortal.

E ao pronunciar estas palavras, desapareceu do tribunal.

Todos os escriptores modernos que tocaram em tal assumpto, tractam este relato de fabula sem sentido, mas aquelles dos nossos leitores que, por conhecerem mais ou menos os

ensinamentos theosophicos, tem a prudencia sufficiente para não regeitar desdenhosamente uma affirmação só porque ella não cabe dentro do limitado circulo do conhecimento scientifico, hão de julgar este relato maravilhoso com um criterio muito differente. Muitos, entre os mais avançados dos que se dedicam ao estudo da theosophia, sabem que não é preciso ir muito longe na sciencia occulta para explicar uma desappareição como esta. Ha meios na natureza, se bem que não estão hoje ao alcance do commum dos mortaes, que permitem envolver de tal maneira um objecto tangivel que os raios da luz, batendo neste *envolucro âkâsico*, são desviados por causas inteiramente diversas das da refracção ordinaria. Curvam-se em redor do objecto e continuam depois o seu curso na direcção inicial. O objecto assim envolvido torna-se invisivel para toda a gente, mas fica tangivel, e é preciso retiral-o logo para fora do contacto casual com outros corpos. Isto, porem, não tem difficuldade para quem seja experimentado na sciencia occulta: porque os phenomenos espiritistas, pelo força da evidencia, levaram a todos os espiritos a quem a vaidade da ignorancia não infatuou demasiado, a convicção de que a levitação de objectos pesados, incluindo o corpo humano, é uma possibilidade na natureza. Suppondo que Apolonio dispunha dos poderes inherentes não só ao Adepto, mas em alguns casos tambem a um grao de progresso já no caminho que leva ao *Adeptado*, ainda que longe bastante da meta final, suppondo isso, elle poderia rodear-se de um envolucro âkâsico, elevar-se depois até uma certa altura e, passando por cima da cabeça dos espectadores, sahir de um edificio como o tribunal romano, aberto sem duvida ao ar livre em muitas direcções. Posto que o relato que d'este julgamento faz Filostrato tracte de successos extraordinarios, ou, como diria a critica moderna, impossiveis ou improvaveis, nenhuma rasão apparente ha todavia para pôrmos em duvida as suas declarações. Este escriptor foi encarregado por uma imperatriz de investigar os factos relacionados com a vida dum varão muito eminente e celebre e falla de coisas que se tinham passado havia apenas cem annos. Estavam á sua disposição, alem do diario particular do prin-

cipal amigo do interessado, os annaes officiaes. Não falla da desaparição como de uma tradição popular vaga, como succede com alguns dos suppostos incidentes relacionados com a suppressão da praga de Epheso; pelo contrario: refere-o com toda a precisão como o facto primacial relacionado com o processo judicial cujos documentos tinha á mão. Chega até a dizer que o imperador ficou tão perturbado em consequencia do caso, que, apesar de ter ouvido ainda no mesmo dia outra causa referente a um pleito sobre um testamento, não poude, por mais que quiz, prender a sua attenção ao assumpto, esquecendo-lhe os nomes das partes e os argumentos pró e contra adduzidos.

Já alludi a um incidente na vida de Pithagoras que alguma semelhança tem com o prodigio da translação propria de Apollonio. Diz Jamblico :

Quasi todos os historiadores da sua vida affirmam confiadamente que num mesmo dia se achou presente no Metaponto (Italia) e em Taurominio (Sicilia), percorrendo publicamente com os seus discipulos em ambos os pontos, sem embargo de estarem estas duas cidades separadas uma da outra por muitos estadios, quer por terra quer por mar, e serem precisos portanto muitos dias para se percorrer tal distancia... Mil e mil outros casos que d'elles mais divino e mais admiravel se contam uniforme e unanimemente deste varão, taes como predicção infallivel de terramotos, extirpação rapida de epidemias, cessação rapida de saraivadas e acalmação das ondas de rios e mares, para que os seus discipulos pudessem atravessal-os facilmente.

Os escriptores europeus não prestaram até agora nenhuma attenção a este aspecto de Pithagoras. A critica moderna preferiu discutir-lhe as ideas philosophicas como se estivessem «livres de toda a macula de charlatanismo»: assim se exprimiria indubitavelmente este sentimento. Isto é que nos tapa os olhos sobre a significação de muitos dos factos que nos são transmittidos não só a respeito d'elle mas ainda de outros directores do pensamento antigo. E' só agora, em face do renascimento do occultismo, que nos achamos em condições de perceber que os relatos maravilhosos attestados por muitas pessoas são, segundo todas as provabilidades, na sua maior parte authenticos.

Emquanto em Roma se passavam estes successos surpre-

hendentes, chegara Damis a Putéolos, perto de Napoles, e ali se juntara a Demetrio. Estavam ambos torturados de terrível anciedade por amor do seu amigo e juntos passeavam pela praia, conversando sobre o que succedera, quando de subito se approximou d'elles Apolonio. A principio, os seus devotos discipulos nem sabiam se era elle proprio em pessoa ou simplesmente uma appareição: depressa porém, os convenceu elle da realidade.

Não duvidando já do que elle lhes dizia, correram para elle e beijaram-no. Perguntaram-lhe em seguida se se defendera... Disse-lhes Apolonio:—Meus amigos, defendi-me e ficamos victoriosos: verifiquei-o ha poucas horas, quando o dia ia em meio do seu curso.—Mas como, disse-lhe Demetrio, pudesdes fazer tão larga viagem em tão curto espaço de tempo?—Pensae o que quizerdes—retorquiu Apolonio: mas não vades vós imaginar que empreguei as azas de Dedalo...

Não socegou Demetrio assim mesmo: temia que Domiciano enviasse emissarios para de novo se apoderar de Apolonio.

Então para lhe acabar com os receios, disse-lhe Apolonio:—Prouvera a Deus que lhe fosse tão difficil apoderar-se de vós como lhe é apoderar-se de mim.

Nada d'isso parece que se intentou; e Apolonio voltou a a proseguir a sua vagabunda vida de philosopho, demorando-se coisa de dois annos em varias partes da Grecia. Deu-se então o assassinato de Domiciano. Foi atacado e ferido por Estephano, e em seguida, conforme refere Filostrato, «o corpo das suas guardas ouvindo o ruido e dedusindo que as coisas não seguiam bem, precipitou-se para o gabinete e encontrando lá o tyrano desmaiado, poz-lhe fim á vida». Achava-se Apolonio então em Epheso e conta-se que viu pela clarividencia o que se passava em Roma. Estava a meio d'uma peroração que dirigia a alguns dos seus discipulos, quando «perdeu o fio do seu discurso» e pondo em frente os olhos fixos, exclamou: «Fere o tyrano, fére!» Logo, pouco depois, disse para os circumstantes: Animo, oh ephesios! mataram hoje o tyrano!»

Ácerca do logar e modo como falleceu Apolonio é que nada ao certo se sabe. Quando chegou o tempo em que, ao que parece, se preparava para *se pôr a caminho*, mandou sahir Damis a fazer-lhe qualquer serviço, e aqui—diz Filostrato—finda a sua historia.

Sobre a maneira como morreu, se é que morreu, varios são os relatos. Damis não diz a tal respeito nem uma palavra; porem, como quero completar a minha historia, não posso passar este ponto em completo silencio. Da sua idade nada nos diz Damis; opinam porem alguns que tinha uns noventa annos, outros dizem que a sua idade era já passante dos cem.

Os escriptores modernos, ao tractarem da vida de Apolonio, acostaram-se á historia de Filostrato, sobretudo no que a seus actos se refere: é certo porem que muita parte do testemunho confirmativo da alta estima em que seus contemporaneos o tiveram, doutros autores, que não elle, se deriva. Alguns escriptores christãos, orthodoxos, suppondo nesciamente que as suas proprias opiniões seriam corroboradas pelo desdouro da rivalidade imaginaria que se lhe attribuia, temerariamente negaram que tal consideração e prestigio hajam existido. Um escriptor ecclesiastico francez, Dupin, aventurou-se a dizer que Apolonio não deixou proselytos e que apenas falleceu cahiu logo no esquecimento. Legrand d'Aussy, escriptor muito mais sensato, replica-lhe:

São falsas taes accusações. O testemunho de Dion, Lampridio e Vopiseo; os escriptos de Hierocles, Eusebio, Lactancio, Agostinho, Chrysostomo, Jeronymo e Sidonio; os templos em que se prestavam honras a Apolonio... bem claro attestam como era immensa e universal a sua fama muito tempo depois da sua morte. Realmente, antes de ser a sua vida escripta por Filostrato, já Luciano e Apuleo, escriptores muntanos satyricos, pouco inclinados á religião e muito pouco crêdulos no que toca a milagres, o classificaram no numero dos magos de maior celebridade. Ora o que é certo é que esta mesma classificação prova que assombrosos pareciam na opinião publica os seus prodigios. Demais, antes de Filostrato escrever a sua historia, já Caracalla lhe prestara homenagens divinas. S. Agostinho discorreu sobre os factos sobrenaturaes que lhe viam exeeutar diariamente, e fallando d'uma das suas estatuas, referiu-se aos seus poderes sobrenaturaes declarando que os prophetas e apostolos jamais possuiram poder que com os d'elle se parecesse.

Um curioso incidente, a que bem podemos dar a importância que requer, se nos depara na memória de Vopisco sobre o imperador Marco-Aurelio. Os ensinamentos ethicos do grande philosopho imperial estão tão eminentemente ligados ao seu nome, que a maior parte da gente esquece-se de que elle, como tantos outros imperadores romanos, teve tambem a sua parte de combates. Quando, conquistada a Bithinia, atravessava com o seu exercito a Capadocia, deteve-o a resistencia de Tiana. No auge da colera, declarou que a cidade seria completamente destruida: teve porem uma visão na sua tenda: Apolonio appareceu-lhe e disse-lhe: Aurelio, se queres reinar com gloria, sê misericordioso. Se desejas vencer, não derrames o sangue dos meus compatriotas». Estavam os soldados mortos por executar o primeiro decreto, mas sustou-lhes Aurelio os passos. Vopisco expõe muito francamente a sua crença no relato, dizendo de Apolonio: — «Onde entre os homens existe outro mais sancto, mais sagrado e divino que elle? Ergueu-se dentre os mortos e praticou outros prodigios acima da natureza. Se viver e elle se dignar permittir-m'ó, escreverei a historia deste inlyto varão.»

Lampridio, escriptor contemporaneo de Vopisco, falla d'um Sacello onde Alexandre Severo guardava retratos dos melhores imperadores e d'outras pessoas de sancta reputação. Lá se achava tambem o retrato de Apolonio.

O escriptor francez atraz citado — Legrand d'Aussy — que foi jesuita, escreve como agnostico e, se bem que exprimindo bem claramente o mais subido conceito ácerca dos direitos que Apolonio tem á consideração e respeito como um grande mestre de philosophia que foi, a verdade é que regeita os relatos thaumaturgicos como incriveis por sua natureza. Já o mesmo se não dá com outro escriptor francez — A. F. de Chassang — que, esse, é evidentemente um espiritualista por convicção e discorre em defeza da realidade objectiva dos milagres. Indica que até os primeiros christãos, apesar de antagonistas de Apolonio, os não consideravam d'outra forma. Hierocles, escriptor antichristão e perseguidor dos christãos do seculo 5.º, sustentava que os milagres de Apolonio eram executados por

meio de poderes divinos. Contesta-lh'o Eusebio; mas nem por um momento nega que taes milagres se tenham dado: o que faz é attribuí-los a encantamentos malignos. A uma geração posterior é que estava reservado regeitar com sorriso desdenhoso as affirmações das testemunhas presencias dos factos, fundando-se na presumpção de que o conhecimento moderno da natureza e do universo é demasiado completo para dar logar a possibilidades de qualquer facto a que não possa dar explicação.

Especialmente pelo muito que pode contribuir a fazer que os pensadores modernos desistam de tão nescia presumpção, é que me pareceu a vida de Apolonio digna e muito digna de ser attentamente estudada. O progresso do mundo no estudo da sua propria evolução, depende de que chegue a dar conta da possibilidade da relação consciente entre a creatura humana no corpo e os planos superiores da natureza onde residem as potencialidades da sua evolução mais elevada. Todo o impulso do movimento theosophico é mal comprehendido pelos que imaginam que pode realisar o seu objecto sómente em virtude da sua dignidade ethica. A não ser que alcancemos uma nova posição e chegemos a conhecer alguma coisa ácerca doutras phases da existencia, não podemos incluir nas nossas vidas esse intelligente proposito da vontade que é essencial para o desenvolvimento ulterior; e não poderemos nunca saber nada de taes materias, emquanto não forem comprehendidos os methodos, recursos e objecto da investigação supraphisica. Para poucos dentre nós, durante os ultimos vinte annos, a experiencia orientou os conhecimentos nesta direcção: e para muitos outros de grande valor lhes foi essa experiencia, apesar de lhes vir já em segunda mão. Em geral porem, o mundo ainda se não emancipou da sua antiga, estreita e supersticiosa crença no vasio da natureza para alem do limite da percepção dos seus olhos.

Provas, provas e mais provas é quanto por agora podemos fornecer para o cultivo das suas superiores intuições. Talvez não venha longe o tempo em que certas regras e methodos, que evidentemente não estavam em vigor no tempo de

Apolonio ou que de algum modo se achavam então postas de parte, voltarão de novo a ser menospresados no sentido de que demonstrações de poderes occultos como as que elle deu podem tornar-se outra vez efficazes para a educação das gerações proximas. Porem, enquanto não chega essa epocha de mais liberdade, já que não podemos dispor de melhor methodo para encorajar os estudiosos de coisas espirituaes, contentar-nos-emos com chamar a sua attenção para o que de mais apparente está á nossa disposição e ao seu alcance. Atravez da vida dos executores de prodigios do passado, collectivamente, vê-se fluir uma poderosa corrente de provas até'gora desattendida. Como succede ácerca de Pythagoras, os escriptores modernos supprimiram a miudo tudo isto na melhor das intenções. Entenderam que não estava á altura da dignidade dum philosopho andar-lhe o nome ligado á narração de «embustes» ou «mposturas». Não lhes occorreu que os poderes ou faculdades anormaes attribuidas ao philosopho foram realmente, em taes casos, o sello e a garantia da sua primasia philosophica. Ora porem, para o leitor moderno a expressão do systema adoptado foi que cada fio d'essa grande cadeia a que bem pudera andar já ligado, tornando impossivel a negação das possibilidades do poder occulto, foi recolhido de cada vida e separado d'ella, a ponto de em geral o mundo ignorar inteiramente que tal cadeia pode sequer ter realidade, se se tivesse seguido um outro systema.

Em todo o caso, nesta vida de Apolonio temos nós um fio, e importantissimo, dessa cadeia: um fio que persiste tão forte como sempre, apesar de ter permanecido por tanto tempo sem serventia.

A significação da historia que succintamente referi, bem devia ser exposta á attenção do mundo em geral fóra do circulo da sociedade Theosophica: mas entretanto, como para os theosophistas encerra grandissimo interesse, decidi-me em todo o caso a tractar desde já o assumpto relacionando-o com a serie de *Transacções*, que chegaram já a ter o privilegio de exprimir outros tantos graus de progresso no conhecimento theosophico.

De A. P. SINNETT.

POEMA DO LAR ¹

POR

J. Agostinho d'Oliveira



Abre para mim auspicioso, litterariamente, o anno e o seculo: o primeiro volume de versos que me pousou sobre a banca, depois de findo o seculo XIX, foi o *Poema do Lar* de J. Agostinho d'Oliveira. O que este livro seja sabem-no os leitores da *Ave-Azul*, cujas paginas enriqueceu em tempos, suscitando de portuguezes e estrangeiros, para o auctor e para ella, os mais calorosos applausos e os mais honrosos louvores. Levaria paginas e paginas transcrever as referencias elogiosissimas que aos tres poemetos—*A morte da avesinha: O Sonho da torrente: e Resureiçãõ*—fizeram, quando nesta revista publicados, muitos dos mais cotados homens de lettras de Portugal, França e Italia: basta citar: Teixeira Bastos, Rodrigo Veloso, Severo Portella e Julio de Lemos; Philéas Lebesgue, Ary René e Marc Legrand; Antonio Padula, F Italo Giuffré, Luigi Zuccaro, A. Mari, V. Mellissaro e muitos, muitos outros, cujos nomes por superfluo omitto, certo de que m'õ não levam em mal. Aqui me chega agora mesmo de Bologna o n.º duplo da excellente revista *L'Italia Letteraria*, correspondente a dezembro do anno findo, e nelle um largo e consciencioso estudo—*Giornalismo e Letteratura portoghese*—(que bem merecera publicação em separata depois de moudados alguns erros typographicos) onde o illustre homem de lettras sr. Rufo Paralupi, que na direcção dessa revista põe em toda a evidencia o seu radioso talento e superior criterio, se occupa do *Poema do Lar* que lera na *Ave-Azul* e classifica o seu auctor como «scrittore de incontrastabile ingegno, d'im-

1) Com um Preambuo de Gomes Leal e o retrato do auctor: luxuosa edição da casa do benemerito da Instrucção, sr. A. Figueirinhas, Porto: preço, 500 reis.

maginazione viva, d'inspirazione larga, distile immaginoso ed armonioso. . . » Quantos lido hajam as poesias de José Agostinho d'Oliveira por sem duvida concordarão em que não errou no seu conceito o lucidissimo critico: são esses na verdade os predicados primaciaes do grande poeta que, como o Cid do insigne tragico, é da raça d'aquelles que se não dão duas vezes a conhecer

Et pour leurs coups d'essai veulent des coups de maître

Estreia que fosse uma obra definitiva: tal deve ter sido o seu empenho de artista: e—conseguiu-o.

Por extraordinario que o caso seja, a mim me não surpreendeu: é que José Agostinho era já, ha bons quinze annos, um poeta de larga envergadura, improvisando, ao voô da inspiração, paginas e paginas de versos cantantes e fluentes, como agua limpida de nascente a suspirar, veiga fóra, por entre as flores, sob as estrellas. . .

Caustico e lyrico, entusiasta e sceptico, peninsular e gaullez, já então a sua radiosa mocidade frondejava, floria e fructificava em bellos poemas onde a chamma do sonho e o lôdo da realidade se beijavam amorosamente para nos darem o oiro puro da Belleza— a pedra-philosophal dos alchimistas da Arte.

Assim, para quê dizer-lhes mais d'este poeta e da sua obra de hoje? . . . A elle, como a nenhum outro em Portugal, caberia de direito o titulo que D'Annunzio dá ao protagonista do seu derradeiro romance: J. Agostinho d'Oliveira é innegavelmente o Animador, o Imaginifico; tanto o seu invejavel talento se compraz em dar voz, vida, paixão, *alma*, a tudo o que existe e por soberbas imagens nol'ô fazer sentir e nol'ô fazer viver a dentro dos olhos, a dentro dos ouvidos, a dentro do cerebro e do coração. . .

Mas, pois que eu, por amigo do poeta, posso ser taxado de suspeito, prefiro que aos leitores da *Ave-Azul* digam o que é o poeta e o que é o *Poema do Lar*—Antonio Figueirinhas e Gomes Leal: aquelle conhece de ha mezes o auctor; este leu a obra, antes de publicada, para dar d'ella o seu parecer ao

editor. E porque o poeta precede a obra d'algumas paginas interessantissimas que contem ideias bem dignas de serem conhecidas e meditadas por quantos se interessem na boa orientação das nossas Lettras, com ellas fecharei ainda as transcripções, guardando para quando sahir o romance *Padre Antonio*, que já se acha no prélo, o muito que tenho para dizer de J. Agostinho d'Oliveira, como prosador. Porque—e vá lá mais esta informação, aliás superflua—o auctor do *Poema do Lar* é (e era-o já então no tempo das *Miniaturas* e do *Cosmopolita*) um verdadeiro Protheu: jornalista, orador, romancista e poeta, poeta até quando jornalista, que é aquillo em que menos se possa ser poeta, a meu ver...

Se elle até, quando collegial, era caricaturista!... Ah! aquelles tempos do *Tic-tac*, meu amigo! onde vão elles?!...

CARLOS DE LEMOS

J. Agostinho d'Oliveira

.....
Principiou J. Agostinho d'Oliveira a trabalhar nos meus jornaes. O talento que desde logo patenteou era real.

Vi então que as suas affirmações de consciencia eram perfeitamente sinceras e sempre intencionadas por um ideal puramente humanitario.

J. Agostinho é duma modestia encantadora e duma nobreza e fidalguia de character que deliciam.

Mas melindroso em excesso seria, visto que trabalha ao meu lado, frisar extensamente as suas qualidades ou apontar em minudencia os seus meritos, porque é sempre superfluo este trabalho, quando a pessoa a quem se faz referencia vai lançar á publicidade obras e obras que certamente fallarão mais alto do seu merecimento do que tudo quanto eu pudesse aqui dizer de encomiastico.

O contrario poderia parecer reclamo artificioso que faz ver meritos onde os não ha, que exaggera qualidades, apti-

dões e actividade mental, que se comprovam em producções de inequivoca significação.

Como brevemente os nossos leitores, que já o conhecem do brilho modelar dos seus artigos da *Alliança*, de certo confirmarão, J. Agostinho d'Oliveira não precisa que o confundamos com essas individualidades que se apotheosam mesmo, sendo tristemente desmentidos os reclamos, pela estreiteza e exiguidade das obras que produzem.

Estas linhas desataviadas, simples como a verdade, embora não a traduzam com a intensidade da côr, da linha e da luz a que J. Agostinho tinha incontestavel direito, são dictadas pela necessidade de fazer conhecer quem é o auctor do *Poema do Lar* que a estas horas está dado á publicidade, poema em que J. Agostinho se propõe a estudar não a familia presente, mas a familia typica, a familia do futuro, quando a instrucção e a educação andarem tão a par, que todos os lares sejam verdadeiros modelos da grande familia chamada Humanidade.

Não são desconhecidas as verdades que o auctor expõe nas —Duas Palavras— com que precede o seu poema e, bem que lh'as não attribuam, ha annos que elle as prega na obscura imprensa da provincia, nos jornaes em que actualmente escreve, com a independencia accentuada duma convicção verdadeira, sem paixões, sem convenções e sem subserviencia de escola.

O alvo da sua poesia é, de resto, todo moral, porque entende que, acabado o cyclo que gerou as epopeias e o simples lyrismo subjectivo, a propria questão social está impondo á poesia o seu dever mais urgente que é a orientação da vida da humanidade pela dignificação e exalçamento da familia.

Consta o poema duma trilogia puramente allegorica, em que predomina a nota humana, não desprezando a inspiração emotiva da natureza, clareada pelo mais accendrado e puro amor de Deus.

O *Preludio e Post-scriptum* do mesmo poema são como que synteses dos estados d'alma que o levaram a pensar na idealização da familia futura, destruindo já assim o corrente

pessimismo e trocando radiosamente pelo optimismo logico e desartificiozo que anima todos os pensadores que confiam da justiça os destinos da humanidade.

Podiam dispensar-nos de falar das qualidades do poeta e do artista as palavras independentissimas dum grande poeta como Gomes Leal, que precede o Poema do Lar de considerações tão francas e honrosas que podiam ser como que uma consagração para J. Agostinho.

Tendo esta trilogia sido publicada em separata foi traduzida na França pela scintillante penna de Marc Legrand, Fileas Lebesgue e René de Yvermont, além de acontecer o mesmo em Italia, onde produziu impressão inolvidavel.

Quer dizer — J. Agostinho é conhecido e applaudido por notabilidades estrangeiras e é completamente ignorado em Portugal, onde não faltou muito para morrer á fome — Elle, que tem diante de si um futuro de glorias — Elle, que ha de ser o orgulho do paiz em que nasceu.

Parece um myto, um symbolo, mas é uma realidade organica e psychologica.

Poucos poetas se podem orgulhar de inicio tão promettedor. O jornalista já é conhecido.

Tambem é um professor de eleição, podendo preleccionar com consciencia e sciencia quasi todas as disciplinas dos lyceus.

O romancista, o dramaturgo, e até o orador, em breve serão postos em flagrante evidencia.

J. Agostinho é tudo isso e de tudo isso dará retumbante brado.

Se a dizer fosse o que ácerca delle sinto ninguem me acreditaria. Tão phenomenal, tão assombrosa é a sua envergadura mental.

Mas a sua obra que ha de ser formidavel, prodigiosa e inconfundivel, ha de caracterisar em Portugal o inicio do seculo, terá mais relevo e destaque do que a frouxidão da minha palavra.

Daqui a um anno, ou antes, podem todos quantos me leem pedir a responsabilidade das minhas affirmações, que não ha

duvida alguma que as posso apresentar documentadas para quem as não tenha visto, por cegueira.

.....

Antonio Figueirinhas.

Carta Preambular

... *Sr. Antonio Figueirinhas:*

Pede-me o meu bom amigo a minha opinião ácerca do livro *Poema do Lar*.

Eu escuso-me o mais possivel sempre a formular prefacios eruditos, ou a legislar codigos para o Parnaso, nuns tempos em que a linguagem poetica degenerou numa bastardia réles, afrancesada e nephelibata, ou numa gyria baixa de tavolagem, ou de calão bordallengo. Para esses taes partos condignos de uns tempos de torpezas e espalhafatos, que formulem esses codigos os poetas de *trottoir*, ou os alegres e decadentes bordaleiros, nossos pifios contemporaneos.

Agora a minha opinião sincera e sentida não a posso já-mais recusar a quem m'a sollicita, e muito menos a um amigo.

O *Poema do Lar* tem para mim o defeito de não corresponder exactamente ao seu titulo, e de nos deixar talvez insatisfeitos pelo muito que elle nos deixou entrevêr e aguçar o paladar.

Porque elle é bem mais o poema de um certo e determinado lar—muito affectuoso e muito modelar por certo—do que o *Poema do Lar*, na sua expressão mais lata, isto é: o poema da *familia portugueza*, com seus usos, seus costumes, suas praticas, suas folganças, alegrias e consolações, que lhe determinem um logar caracteristico e emocional, no espaço e no tempo. Um poema tal—quer elle se passasse numa aldeia minhota e pastoril, cheio de episodios intimos e de paisagens ruraes, com os seus folgares e as suas superstições, ou em qualquer cidade bem caiada e polida da Europa: quer elle desli-

sasse num palacio ou numa aguafurtada, num primeiro andar da Avenida, ou num chalet florido do Estoril, com seu portão mourisco, ou com suas gelosias azues, sendo typico, moral, consolador, cheio de pequenos pormenores interessantes e que tocassem no coração, cortado de vez em quando pelas gargalhadas heroicas da alegria, ou pelas risadas dos *pic-nic*, das caçadas, das pescas, dos arraiaes e dos folguedos do Natal; sentindo-se vibrar na estrophe por momentos o estrallejar dos foguetes, dos toiros e dos cirios, ou as fanfarras regimentaes das procissões, rasgando a monotonia da semana banal; tocado, por momentos, da suave melancholia das tradições, e das historias avoengas cantadas ao larário, tal poema seria sempre bem vindo, e, além de um bom poema e um bom documento humano, *seria uma boa acção*.

O auctor, porém, que é um verdadeiro talento, manejando uma linguagem castiça e sobria, que se encrava bem na memoria, preferiu tratar o seu assumpto em quadro mais restricto.

Não nos cumpre censural-o por isso. Ao poeta não se deve inquirir por que não tratou um certo e determinado assumpto, mas sim como foi que tratou o que se propoz. O titulo só é que é improprio. Ou antes, generico demais.

Tem versos magnificos, cheios de virilidade, muito superiormente fundidos e burilados.

As suas versões não são nem menos correctas, nem menos castiças. Tem a energia e sentimento, fallam-nos ao coração e tratam bem a syntaxe.

Isto prova-me á saciedade, meu caro amigo, que o auctor d'este poemeto poderia, com coração e com valor, deitar hombros á empreza salutar de fazer o divino poema, que está por fazer ainda, que se chama o *poema da familia*. Uma cousa noto tambem no auctor, e que destôa muito da singeleza e do bom gosto. E' o uso immoderado das letras maiusculas a cada passo, no decorrer do verso. Ainda que o reparo pareça pueril, é de notar que este uso immoderado da letra maiuscula torna o estylo por vezes pretencioso, inflado e roncante. Não é um erro capital, decerto, mas é um peccado

de bom gosto. Eça de Queiroz, tão primoroso e tão subtil, abusou derradeiramente muito d'este processo, que o torna por vezes pretencioso e fatigante, nas obras derradeiras.

Tudo o que de longe cheira a pretensão está destinado a ser uma pyrothecnica de occasião, um *busca pés* ou um valverde, de effeito mais ou menos polychromo.

Tudo o que é artificio tem de ceder irremediavelmente o passo á verdadeira arte, que tem por unico brazão—e não pode deixar de o ter—ser o espelho mais fidedigno e exacto da natureza.

Sair da natureza é impossivel á humana alma.

Não podemos jamais sair da Forma, do Tempo, do Numero, e do Espaço. Sejamos pois humanos.

Eis o que me occorre dizer, meu caro amigo, do poema que vae editar, restando-me unicamente saudar o seu auctor pela sua vibrante e clara estreia... e pelo muito mais que ella faz prometter e esperar.

GOMES LEAL.

Duas palavras

.....

O auctor desta desmanchada prosa—que antecede um não menos desmanchado montão de versos—tem, de ha muito, como positivo que a Poesia mudou do Ideal classico—que os proprios romanticos, tão revolucionarios, apenas vestiram com trajas novos, deixando-o em pé na essencia—para o Ideal social, o unico, de resto, em que estão bem todas as crenças e sectarismos, porque ninguem pergunta, ou deve perguntar, por esses sectarismos ou mesmo crenças, ao fazer a epopeia ou a lyra da Humanidade.

O ideal social—se o concedem—é o caminhar incessante e puro para a felicidade humana, concebendo-se bem que é superfluo destruir tradições, que são balsamo do caminheiro torturado, como que o lar saudoso que precedeu a sua aurora—para se evoluir até aonde a relatividade humana pôde chegar.

Quem combate ao pensador o seu amor á Mãe, ignorante mas affectuosa, se elle, dia a dia, vai, ao instruir-se e elevar-se, preparando o futuro dos lares, insufflando a luz casta e forte que deve produzir Mães tão affectuosas como a sua, mas mais conscientes dos seus direitos e deveres ?

Ninguem o fará, por cruelmente superfluo. Nós temos o direito apenas de demolir, quando construimos. Isto justifica todas as grandes obras de demolição. Entre nós — por exemplo — a obra das *Farpas* e dos *Gatos* seria meramente sonora de ironia genial, mas perfunctoria e olvidavel, se, por entre o sarcasmo destruidor, não se visionasse, por vezes, a obra do futuro em lineamentos mais ou menos contestaveis, mas no fundo dignos de serem tomados como bellos esboços geraes de uma vida nova.

Mas essa *maneira* mesmo passou como as emphases revolucionarias, como os golpes de Estado, como a poesia satanica...

Posto isto, a Arte moderna — ousamos pensal-o — tem de destruir, construindo, sem tocar no Passado para o deprimir e insultar, mas para depurar d'elle o que pode aproveitar para o Futuro. A selecção referida implica naturalmente uma demolição segura, sem despertamento d'odios, de represalias naturaes, de escandalos estereis e que afundam em logomachias muito precioso tempo e muitas preciosas cerebrações.

Ora — continuamos a dizer verdades geraes — a Humanidade é tão digna da lyra dum christão como dum livre pensador, dum centralista como dum libertario, porque é preciso fazer justiça inteira : todos elles, quando sinceros, pretendem servir, a seu modo, segundo a sua mentalidade e affectividade, a felicidade humana.

Qual d'elles terá razão ? Dil-o-ha a Humanidade; só ella o poderá dizer.

O que temos como imprescindivel é que a Arte seja guiada pela Sinceridade, porque, sendo-o, será social e humana, tendo o artista, seja qual fôr mesmo o fundo real da sua orientação, o premio da sua obra na maior realisação do Bem para a Humanidade que elle possa conseguir.

E isso—na estreiteza da nossa mentalidade—é tão decisivo galardão e insuspeita sentença, que os artistas não devem entre-combater-se esterilmente—porque assim transudam invejas e rancores egoistas, que lesam o bem universal—mas concorrerem, á força de talento e de estudo, sob o influxo da Sinceridade, para a felicidade de todos. Quem venceu? Quem mais beneficiou a Humanidade—repetimos: quem a encaminhou melhor para a Verdade, para a Justiça, para o Direito.

Assim—se isto é admissivel—a confraternidade intellectual será deveras um facto. O sabio, o poeta, o jornalista, o escriptor, o pensador, serão simplesmente operarios duma grande fabrica, onde cada um desempenha o seu mister, move a sua machina, exerce a sua especialidade, sem zombar dos processos dos outros, logo que honestos e consciences, por visar o conjuncto delles a uma obra unica: o progresso humano.

O polemista, neste caso, ficará dentro do critico e o critico dentro do sabio, e nunca mais os aggravos particulares virão conspurcar de sophismas, onde a vaidade tomou o logar da Sinceridade, a argumentação que deve de ser honesta e limpa. Não mais alguém olhará para si sem que o note e prefira a Humanidade e todos os ideaes justos serão tanto mais accessiveis quanto mais discutidos forem, visto que a discussão será emfim o que quasi nunca é—um duello de convicções puras e dignas.

*

* *

Nesta conformidade, não admittimos escolas. A autonomia mental e affectiva do poeta e do escriptor tem de ser completa e como que absoluta, repellindo tanto o denguismo official e constitucional dos costumes dissolventes—donde nascem as escolas mais auctoritarias, porque da delicadeza excessiva nasce, de ordinario, a epilepsia—como a brutalidade, por vezes pedante e apenas plasticamente diferenciada, dos innovadores felizes—donde nascem as escolas decadentes, porque da extrema tensão de forças deriva sempre o collapso pavoroso.

E apontamos os caminhos a repellir, não porque nos do mem já velleidades de direcção espirital—por todos os titu-

los, em nós ridiculas estereis — mas porque não concebemos Sinceridade inequivoca que não precise fugir daquelles extremos repulsivos.

Ora, repellidos os referidos extremos, o que nos fica, como ideal? A Humanidade, certamente. Póde admittir-se que um theocrata se allie a um acrata: se fugiu daquelles extremos, é *sincero* e, se o é, embora por diverso prisma, vê o Bem Humano, vendo julgada a sua obra pelo que della a Humanidade aproveita — como acima dissemos.

E então, a Humanidade em face — como a reproducção colossal do nosso «eu» — nós temos de procurar no infinitamente pequeno, porque somos pequenissimos, o estudo do conjuncto. Não deixaremos, para sermos sinceros, a nossa idiosyncrasia — embora préguemos bem diverso o ideal genesisico das que hão de vir — e, pessimistas ou optimistas, sarcasticos ou lacrimosos, traremos á obra geral o obulo que podemos offerter, demorando a vista no atomo para subirmos á molecula, na molecula para comprehendermos o orgão, no orgão para estudarmos o corpo, no corpo para abrangermos a Materia, na Materia para visionarmos o Universo, e no Universo para distinguirmos a sombra do Infinito — Deus, sempre Deus! — ou a felicidade suprema da Humanidade!

*
* * *

A trilogia que se segue — com os seus preludios e post-scriptum — tem por objectivo a molecula da Humanidade — a Familia — admittindo que o individuo é daquella o atomo.

O auctor surprehende-se num estado psychopathico de desalento, de irrealisação do Ideal, e numa familia typica — dois primaciaes talentos e um filhinho gentil, bem reveladamente já herdeiro mental e moral dos paes — nota a realisación da Familia, como ella deve de ser para constituir uma Patria sã a ajuntar-se a outras que produzam uma Humanidade feliz e gloriosa.

No primeiro estadio da sua dolorosa concentração, descreve os seus soffrimentos intimos e logo o optimismo da Vida que o exemplo da felicidade alvejada lhe suggere; no segundo,

previne a creança — *vir* do futuro — do perigo que a pode inutilisar para a continuação da obra herdada — paz, virtude, estudo, talento; no terceiro, insinua que só da Mãe, verdadeira Mãe, póde vir a salvação da obra por ella iniciada com o seu companheiro; no quarto, explica-se essa obra pela salvação d'elle mesmo, prestes a succumbir, quando a esposa lhe surgiu; no quinto, regressa-se ao optimismo exposto no primeiro estadio, recapitulando-se a Dôr e a Esperança já descriptas. Como se vê, é uma timida tentativa preliminar que tencionamos fazer seguir doutras obras (o *Poema da Paz* e o *Poema da Sciencia*) voejando sempre para o Bem Humano.

.....

J. AGOSTINHO D'OLIVEIRA.



O POETA SAUDADE



Acabo de receber este novo livro de lyricas do laureado poeta Aff. Lopes Vieira.

Fica para o proximo n.º da *Ave-Azul* a apreciação larga e reflectida — que bem reflectida e larga a merece — do encantador e precioso volume que, para em tudo ser valiosissimo, até pelo seu exterior encanta os olhos como um mimo de arte typographica; o que não admira, visto que a edição é da Casa França-Amado, de Coimbra, que de ha muito vem dando lições de bom gosto aos editores da capital. Por agora, com os nossos calorosos applausos e profundos agradecimentos, este mimo de poesia aos nossos leitores que certamente, ao apreciarem-no, hão-de, como nós, felicitar o poeta por se ter resolvido a continuar escrevendo versos, em vez de minutas como bacharel-formado que Coimbra o fez.

E' a poesia com que fecha o livro e que se intitula

Prophecia

I

Sonho seja que não seja,
Seja vã futuração,
Que culpa ha que a alma veja
Aquillo que os olhos não ?

Não são n'os olhos da cara
Que melhor usam de vêr;
Ha cegos que sabem lêr
Nos astros com vista clara.

Ou no repouso dormente,
Ou na leitura das sinas,

Grandes olhos sem meninas
Abrem-se dentro da gente :

Como os olhos das caveiras,
Que são buracos, mais nada !
Mas são olhos sem peneiras
E não têm vista cansada.

Meus olhos mortaes fechei,
Os olhos de dentro abri :
E eu vos conto o que já vi
E o que inda vendo estarei.

II

Vejo, sonhando accordado,
Uma coisa que m'espanta !
Que uma Onda se alevanta
Das bandas do mar salgado.

Onda tamanha, e tamanha
Que os montes são para ella
Como um peito de donzella
Para uma alta montanha !

D'altura de sete montes
Nasce a Onda, e á nascença.
Nascida dos horisontes,
E' menina, e é immensa !

Ninguem sabe ao certo a hora
Da Onda, nem ha marcá-la ;
Pode sêr que a enrolá-la
O destino esteja agora.

Vejo a Onda negra alçada
 Entre uivos e cerração,
 Para quebrar na nação
 Que é de Portugal chamada !

Vinda do sul ou do norte
 Ninguem ha que se lh'esconda,
 Pois é certo que essa Onda
 Para tudo será morte.

Quando largar e vier,
 Bem se lhe dará d'estórvos !...
 Roubados ficam os córvos
 Que não terão que comer.

Mas ora vejo, com magoa,
 Defunctos rôxos boiando ;
 E vejo córvos, vasando
 Olhos mortos e olhos d'agoa.

Se esses olhos não sugássem
 De fome os córvos morriam !
 Tambem os meus cegariam
 Se uns olhos me não matassem.

Tudo alaga, tudo alaga,
 Tudo encharca, tudo esfria !
 Vejo, ao de cima da vaga,
 Meus amores d'algun dia.

Boiam corpos que adorastes,
 Mas agora a agua inchou-os !
 Os córvos beijam, aos vôos,
 As boccas que não beijastes.

Meninas de lindos olhos,
 Vossos corpinhos que são?
 São carne para os escolhos
 Que lh'os dentes cravarão!

Ao de cima nadam tranças,
 Os mortos vão a prendê-las;
 São assim as esperanças:
 Vamos ao fundo com ellas!

Tudo alaga, tudo encharca,
 A Onda d'esta maneira!
 Grão diluvio, mas sem arca
 Nem raminho d'oliveira.

III

Vejo, agora, uma Figura
 Sobre a Onda alevantada,
 Vestindo, com graça ouzada,
 Sobre esqueleto armadura.

Cara de tanta tristeza
 Que lhe não posso dar nome...
 ('Stavam os Pórcos á mesa,
 Morria a Aguia de fome.)

Vem, pela Noite perdida
 Que os astros foram cerrando,
 Com seu ôlho manquejando,
 Do desterro da outra-vida.

Um braço de fóra traz
 E vae nadando no ar,
 Para do vento salvar
 Papel que o vento desfaz.

Mas já o frio traspassa
 (Que encoberto vae o sol)
 E aquella Figura traça,
 Galhardamente, um lençol.

E capa de téla nova
 Aquella não é, Senhor!
 Vem bordadinha a primor
 De terra suja de cova.

Do vento sempre batidas
 As azas do lençol vão;
 Quaes nas tristes despedidas
 Os lenços brancos na mão.

E sobre a terra dormindo
 Somno de morte e socêgo,
 A Figura vôa, abrindo
 Grandes azas de morcêgo!

Toda sumida na treva
 Desapparece tambem...
 Quem parte, saudades leva,
 Quem morre, nenhuma tem.

IV

Sepultada, sepultada
 Jaz a terra d'algum dia...
 Não vejo agora o que via:
 Vejo só Agoa Salgada!

Quem t'ha de pôr um letreiro
 Para o mundo se alembrar?
 Portugal, grão marinheiro,
 Jaz n'estas agoas do mar.

Um quadro da escola do Grão Vasco



Aqui em Vizeu foi vendido ha dias, como é sabido, um quadro da escola do Grão Vasco, venda esta que impressionou a opinião, a ponto do deputado sr. Chrystovão Ayres haver interpelado o sr. ministro das obras publicas sobre tal assumpto, em sessão parlamentar de 17 do corrente (*).

Antes de mais nada, cumpre-me, como humilde representante da arte e archeologia portugueza, manifestar em nome d'uma e d'outra ao referido illustre deputado, a expressão do maior agradecimento pelo interesse que tomou no parlamento por um assumpto d'arte nacional, ali onde — digamos a verdade — em interesses artisticos infelizmente rarissimas vezes se falla, quando é certo que elles são tão importantes como todos os outros para honrarem a nação, como se provou recentemente com o successo da arte portugueza na exposição de Paris.

O referido quadro, que foi vendido em nome dos herdeiros do fallecido conego Oliveira, da Sé de Vizeu, a uns representantes da *Casa de moveis antigos*, da rua de Passos Manuel, do Porto, pela quantia de 22\$500 reis, é uma notavel pintura da escola do Grão Vasco, ou anterior ainda, sendo absolutamente igual de estylo e typos physionomicos aos quatorze quadros da sala do Capitulo da Sé de Vizeu. Representa a *Annunciação da Virgem*, estando a Mãe de Deus e o anjo Gabriel pintados em meio corpo, na grandeza de dois terços do natural. O anjo, de longa cabelleira ruiva anellada e em

(*) Antes de se encerrar a sessão, o sr. Christovão Ayres chama a attenção do sr. ministro das obras publicas para o facto de ter sido vendido em Vizeu um quadro do Grão Vasco, que deveria ter sido adquirido pelo governo e não ir enriquecer um museu estrangeiro ou particular. Espera que, de futuro, se evitem factos d'esta natureza.

O sr. ministro das obras publicas ignorava o facto, mas promette tomar providencias.

(Do *Seculo* de 18 do corrente).

tope na frente, veste casula de estofado de seda bordada a oiro com guarnição de pedraria e tem nas mãos um distico, no qual se lê em caracteres pretos gothico-latinos: *Ave Maria gratia plena*. . . Curva-se a Virgem na sua frente, tendo uma das mãos sobre o peito, numa grande expressão de recolhimento mystico, como sóe encontrar-se em todas as figuras congeneres que os antigos e piedosos artistas da escola de Durer pintaram nos seus retabulos.

Quero crêr que este quadro, que é pintado sobre uma taboia fina de castanho—rachada n'um lado, aproximadamente das medidas de $0,^m70 \times 0,^m50$, tivesse primitivamente feito parte, como *predella*, d'algum grande retabulo que se dispersou.

Correu que este quadro pertencera provavelmente em tempos á Sé de Vizeu. Talvez que assim não fosse, porque—aquí ha trinta annos ainda o districto de Vizeu era um verdadeiro alfôbre de quadros antigos do Grão Vasco, especialmente, sendo facil a qualquer adquiril-os nas villas e aldeias onde se encontravam em ermidas e capellas solarengas, por preços baixissimos, muito inferiores á exiguidade por que foi comprado o quadro em questão, cujo valor lhe é, sem duvida, quatro vezes superior, pelo menos.

O estado de conservação d'este quadro não é muito lisongeiro, não pelas repintadellas, que apenas se notam em dois dedos da mão da Virgem, mas porque está bastante coçado por lavagens vandalicas nelle feitas successivas vezes, *para refrescar as côres*. Em todo o caso, está muito longe de ser considerado como um quadro perdido, podendo ainda fazer uma bella figura em qualquer galeria publica ou particular.

Quando elle me foi mostrado, na impossibilidade de o adquirir pessoalmente, esforcei-me por promover a sua aquisição para a nossa Cathedral, onde iria reunir-se aos que lá existem. Isto ser-me-hia facil, por intermedio do venerando Prelado d'esta diocese, que distingue e honra os meus fracos meritos e opiniões artisticas com a sua valiosa consideração pessoal; porem, quem m'o mostrou, inculcando-se como seu legal possuidor, o que, segundo informações que tenho, pare-

ce ser menos verdade, a ponto de ter já sido reclamada a intervenção da policia de Vizeu sobre tal venda, teve pressa de o negociar e faltou á combinação que comigo antecipadamente fizera, no sentido do destino que eu pretendia dar ao referido quadro, como acima explico.

E' certo que a precipitação d'esta venda foi tambem consequente da instigação de certo marceneiro d'esta cidade, *que apanhou a sua commissãozinha*. E assim por esta artimanha, lá foi o bello quadro para fóra dos muros de Vizeu, com bastante pena minha, cuja exigua bolsa de pobre pintor o não pode retêr.

*
* *
*

A sahida d'este quadro de Vizeu, onde provavelmente foi pintado nos tempos aureos da escola viziense de pintura, cuja existencia é hoje incontestada, mercê da descoberta de preciosos documentos comprovativos que o sr. dr. Maximiano d'Aragão fez no archivo do Cabido da Sé viziense, suggere-me as seguintes considerações :

A jornada artistica verdadeiramente gloriosa do insigne mestre quinhentista nosso conterraneo que se chamou Vasco Fernandes—o Grão-Vasco da tradição—deixou aqui no seu berço, que tanto se ufana e orgulha de o ter sido, um rasto luminoso e vasto de obras d'arte, tão luminoso e bello, tão soberbo e opulento, como o brilhantismo das bordaduras d'oiro, como a rutilancia das pedrarias com que bordou e cinzelou a pincel a esplendida capa d'asperges e a rendilhada tiara do *S. Pedro*, essa obra prima do grande genio, que Vizeu guarda no seu coração, que é essa magestosa e artistica molle de granito manoelina, que se chama a nossa cathedral.

Indubitavelmente, um tão grande artista não viveu aqui isolado, nem tão pouco appareceu assim já feito, pois que a sua obra liga-se intimamente com as dos Van-Eyck, Peter Christus, Hugo van der Goes, Rogier van der Weyden, sendo superior á de Dierik Bouts, Gerard David, Hans Memlinc e outros, que foram os grandes astros da escola flamenga de Albert Dúrer, nos seculos XV e XVI.

Temos pois de aceitar a existencia em Vizeu de pintores anteriores e de discipulos e continuadores da obra de tão grande mestre. Ha mesmo documentos que isto provam, cuja honrosa descoberta pertence ainda ao dr. Aragão, que averiguou terem sido contemporaneos de Grão-Vasco os pintores vizienses João Diniz, Gaspar Vaz, Antonio Vaz e Manuel Vaz.

Alem d'isso, é ponto assente que nos seculos XV e XVI o gosto artistico desenvolveu-se aqui pela Beira extraordinariamente, não só por pinturas, como por esculpturas, mobiliario, ourivesaria, alfaias, louças, etc.

Especialmente em pinturas, tal foi a *febre* desenvolvida por illustres pintores que aqui viveram, que rara foi a igreja, capella ou ermida que não ornasse os seus altares com o classico diptico ou triptico de piedoso assumpto religioso.

O conde Raczyński, Oliveira Berardo, Juromenha, Balsemão, Phillippe Simões, Guarienti, Sousa Loureiro, Joaquim de Vasconcellos, Robison, Sousa Holstein, Justi, Ceuleneer, Crawford e todos os mais illustres criticos e eruditos amadores que se teem occupado da «questão Grão-Vasco», não viram metade da obra da escola d'este artista, que ainda existe ignorada cá pela Beira.

Olhem o exemplo da apparição d'este ultimo quadro. Tambem não admira: sendo extranhos a esta aspera região, ao tempo das suas visitas ainda bastante desprovida de faceis, commodas e rapidas vias de communicacão, natural é que muito ficasse por vêr.

Pois ficou com certeza, porque muitos quadros d'esta escola, portuguezes e flamengos, eu tenho descoberto e d'outros hei tido noticia, mas que ainda não vi.

Quando houver um nitido e completo conhecimento da existencia de todos os quadros que ainda existem espalhados pela Beira, quer-me parecer que a debatida «questão Grão Vasco e a escola viziense de pintura» assumirá um novo aspecto, só de triumpho para Vizeu.

Isto para os descrentes, pois para mim é ponto firme a existencia d'um e d'outra, honrando-me até muito, como viziense e como pintor, em continuar conforme posso as glorio-

sas tradições artisticas da minha terra, começadas, que saibamos, no Grão Vasco e continuadas pelo Gata e por Pereira.

O *bric-à-brac* levou-nos, que soubessemos, este quadro agora de Vizeu para fóra. Quantos terá elle levado d'aqui da Beira, ignoradamente e por que preços! Como eu te odeio, maldito e vil *bric-à-brac*, sem sombra de amor artistico patriótico, que ainda agora, quando foi da *apanha* d'este quadro, me classificastes de *borrador de portas*, por eu me querer oppôr ás vossas negociatas!...

*
* *
*

Posto isto, facil é de vêr que, ao menos por decôro e honra das brilhantes tradições artisticas vizienses, cumpre-nos a sagrada obrigação de oppôr tenazmente um dique a este descalabro artistico. Quem naturalmente pode e deve tomar a iniciativa d'esta campanha, é sua Ex.* o Prelado d'esta diocese, por ser nos templos que existe ainda hoje a maior parte das antigas obras d'arte.

Em principio, bastará proceder-se a um inventario completo, tanto quanto possivel, das obras d'arte em quadros, esculpturas, ourivesaria, alfaias, mobiliario e louças existentes ainda em todas as egrejas e capellas do bispado, enviando-se para isso um questionario tão claramente organizado, que a elle possa responder o mais simples parochio d'aldeia, o qual, alem d'isso, poderá dar outras informações sobre o que do mesmo genero existe pelas casas dos seus parochianos ricos e pobres.

Organizado assim o inventario regional, não seria já facil a desaparição dos objectos d'arte inventariados, pelo simples motivo de que «*o mêdo guarda a vinha*».

No campo archeologico, é sabido que aqui a Beira foi muito povoada na epocha romana e pre-romana, apparecendo a cada passo o vestigio d'esses tempos, quer na telha de rebordo e destroços de ceramica, de moedas, de metaes esmaltados, de mosaicos e de pedras com inscrições que o lavrador levanta da terra com a rêlha do arado, quer nas alçadas pedras

celticas ou pre-celticas, tão frequentes ainda hoje pelas cumiadas e encostas das nossas serras e outeiros.

O questionario artistico podia então ir mais longe, abarcando o campo archeologico, por simples interrogações comensinhas de facil resposta a qualquer, ficando assim então a obra completa. Depois . . . e eis ahi o meu sonho ! que facil seria a creação em Vizeu d'um soberbo museu artistico e archeologico, a breve trecho o primeiro museu provincial do paiz ! . . .

Local para este museu, o claustro inferior e superior da nossa cathedral.

No primeiro, os documentos arceologicos em pedra, incluindo fragmentos das architecturas medievaes e modernas, que para ahi se poderiam encontrar em ruinarias de valor, etc.; no segundo, depois de convenientemente transformado em galeria propria, os quadros, as esculpturas, a ourivesaria, as alfaias, os livros illuminuras, os moveis e as louças, etc. Só a cathedral viziense, forneceria um grande contingente com os numerosos, variados e preciosos objectos d'arte que possuem e que estiveram espostos, numa esplendida mas fugaz visão do meu sonho, quando foi do eclipse do sol. Estes objectos, pelos armarios e gavetões por onde andam, com certesa durarão menos que bem acomodados no museu em vitrines, d'onde sahiriam apenas quando fosse exigido pelas conveniencias do culto. Um museu assim, seria como que uma bem ordenada casa de arrecadação, com ingresso do publico ; e os objectos de fóra, quer de templos ou particulares que ali figurassem, seria a titulo de deposito, simplesmente, o que não representava extorsão para ninguem.

O museu solicitaria dos poderes competentes uma verba annual para aquisição de obras d'arte que apparecessem á venda e acceptaria doações artisticas ou pecuniarias para aquisição d'obras de arte, de quem lh'as quizesse fazer.

Tudo isto era facil, bello e patriotico, porque este museu seria um livro aberto á nacionalisada instrucção artistica e industrial de todos, constituiria o mais nobre e legitimo braço representativo das nossas brilhantes tradições artisticas que poderiamos apresentar aos forasteiros que nos visitassem, e

seria o monumento mais condigno que poderíamos levantar como homenagem á memoria dos nossos illustres antepassados.

Com que prazer, com que fervor eu poria o meu limitado esforço e os meus pobres conhecimentos artisticos ao serviço d'esta tão meritoria e patriotica obra !. . .

*
* *
*

Mas ai de mim! Agora me recordo de que quasi todo o Vizeu d'hoje apenas vive u na vida d'invejas e malquerenças pelos seus homens distinctos, apenas tem energia para impôr *politicamente* a homens que aliás são honrados, illustrados e dignos, a barbara ordenação do córte de bellos renques d'arvores que alindavam a paisagem dos nossos arrabaldes e que noutra terra, que não a nossa, de vandalos e ignorantes, seriam religiosamente conservadas! . . .

Quanto a coisas d'arte, de bom senso e de bom gosto, isso são velharias e pieguices, que não valem um cigarro! . . .

*
* *
*

Santa, divina Arte! Esconde-me no teu seio, e lá fóra os homens que se digladiem e devorem como lobos famintos, nas suas desordenadas ambições de riqueza e de preponderancia social.

Vizeu, 23—1—901

JOSÉ D'ALMEIDA E SILVA

Artista pintor, socio correspondente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, do Gremio Artistico de Lisboa e professor de desenho industrial.

REGISTO BIBLIOGRAPHICO

E primeiro que tudo, está bem de ver, livros de versos :— *omne principium a jove*: de Jupiter, Pae das Musas... Ora pois :—é corrente que somos um povo de poetas. Por nosso bem ? por nosso mal ? Conforme... Houve tempo em que, por sermos um povo de poetas, Portugal escurraçou das suas terras os mouros e fez conquistas na Africa e avassalou a Asia e descobriu terras na America e se tornou conhecido e temido em todo o mundo. Um poeta o disse (e poeta, que foi o maximo poeta, que foi sobretudo o maximo poeta, porque a sua alma synthetisava a alma d'este povo de poetas que foi, é e será, enquanto Deus quizer, este nosso Portugal, sempre aventureiro e sonhador, sempre amavioso e heroico, sempre creança, sempre poeta) um poeta o disse :

*De Africa tem maritimos assentos ;
E' na Asia mais que todas soberana ;
Na quarta parte nova os campos ara ;
E se mais mundo houvera, lá chegara.*

Talvez um dia, breve talvez, volte a ser-nos benigna a estrellá que desde Ourique nos fadou visionarios e poetas. Por agora, infelizmente, se continuamos a ser um povo de poetas, é pelos defeitos que em regra caracterizam os queridos das musas :—a imprevidencia e a indolencia, a volubildade e a loquacidade, os subitos e rapidos enthusiasmos e os não menos subitos, mas longos, demasiado longos, marasmos...

Ah ! e por outra coisa ainda : é que nós todos, por nossos peccados, levamos a vida a fazer versos .. Todos : os analphabetos, que são legião, e os raros que sabem ler.

E, pois que os ultimos são os primeiros, é pelo livro dum poeta que não sabe ler que eu quero abrir este registo, tanto mais que me vem elle apresentado por outro poeta (dos raros que sabem ler) que tambem d'esta feita dá seu contingente para estas paginas.



Versos dum cavador: assim se intitula o livro. O cavador é Manoel Alves. Conhecem-no? também eu não. Mas conhecem-no bem as moças da Anadia, de cujas bocas acerejadas lhe foi recolher as cantigas um outro poeta, Thomaz da Fonseca, que de taes bocas não vou jurar que só estas cantigas recolhesse. Rouxinol das romarias, cantou d'uma vez treze horas consecutivas . . e não se deixou cair de cansado, como o outro de Bernardim Ribeiro, a não ser nos braços das cachopas que de roda o victoriavam.

Mas quem é elle?

Responde-nos o seu apresentante:

—«E' um poeta que vive da sua enxada! Passa os serões na sua forja, repetindo as suas velhas canções, novas pela mocidade, ao som do pesado martello, ensinando ao ferro amigo que a dor é grande pela vida e a vida grande pela dor.

De resto, o seu retrato, com que abre o volume, dá-nolo logo bem a conhecer. De chapéu na cabeça como um ignorante que é das etiquetas, contumelias e mais hypocrisias do mundo *soi-disant* illustrado: o olhar vivo e intemerato, olhando em frente, como de quem botou sempre a sua cantiga desafoadamente tal qual lhe esbronzava de dentro: a cara energica e, coisa estranha! não alegre e desanuveada como de bohemio que tem levado a vida a cantar, mas séria e preocupada como de cavador que, mesmo cantando, vae a pensar no pão de amanhã a que o suor lhe dá direito: e a completar esta interessante figura de poeta proletario, o varapau na mão callosa que é bem a mão de ferreiro adestrada apenas em arrancar do ferro chispas de lume, que não a passar ao papel as chispas de poesia que lhe escaldavam o cerebro e lhe cobriam de suor a fronte, mesmo no pino do mais rigoroso inverno.

Isto quanto ao homem. Quanto ao livro, é o livro dum poeta que nada sabe de coisas de Arte e que nada leu nem pode ler, porque não sabe: e todavia as suas redondilhas são

correctas e harmoniosas, e as suas glosas sahem-lhe quasi sempre accomodadas ao mote, cheias de naturalidade e por vezes scintillantes d'espírito. Porque neste livro ha de tudo: satiras, idyllios, e elegias. Aqui são saudades da patria soluçadas pelo poeta lá longe em terras do Brazil; ali palavras d'amor segredadas num *tremolo* ao ouvido d'alguma aldeã mais tentadora; alem troças valentes aos seus adversarios no canto, atiradas por entre o broáhá tumultuoso dos arraiaes; e por todas as paginas a ironia allada á meiguice, deixando-nos ver n'aquelle pobre trovador d'aldeia um embrião de philosopho e de poeta que, se ficou em embrião, foi só á mingua de cultura...

Custa o livro cinco tostões: e, o que nem de todos os livros se pode dizer com verdade, vale-os; vale-os bem, por nos dar a conhecer um soberbo especimen dos improvisadores da aldeia a nós, gente da cidade, a quem raras vezes é dado ouvi-los nas esfolhadas, lá quando a lua sobe, e a guitarra geme, e o milho-rei apparece nas mãos do felizardo, a fazer córrar as moças que lhe vão pagar em beijos a tão suspirada fortuna...

* * *

Dôr e Vida: de Thomaz da Fonseca. Chega a vez do apresentante de Manoel Alves, que ao seu apresentado offerece o poëmêto. E, se aquelle por analphabeto nos surprehende, este por seminarista me surprehendera a mim, se eu não tivesse tambem, como elle, começado a fazer versos a dentro dos muros dum seminario. De resto, o seminarista apenas numa composição, a VIII, é que a bem dizer se nos revela. Nas outras todas, e nessa mesmo, o que Thomaz da Fonseca se nos mostra, e em maviosos versos, é o rapaz do campo, que conhece bem a natureza e o povo, que conhece bem a *dôr* e a *vida*, e que na vida e na dor se inspira para nos dar nestas tantas dezenas de paginas uns retalhos da sua boa alma de poeta e de luctador. Alma ingenua e compassiva, que soffreu e viu soffrer e nos vem agora aqui contar os seus soffrimentos e os soffrimentos alheios, pelos alheios como pelos proprios repartindo o balsamo da sua piedade e da sua fé ..

Alguns destes versos já eu ultimamente os lêra em revistas e jornaes, antes de os vir encontrar de novo agora colligidos em volume e assim mais e mais me interessarem por encadeados uns aos outros e uns aos outros se explicando e commentando. Mas já então elles me impressionaram devéras como reveladores d'um poeta de raça, generoso e crente, que nos confessa toda a sua alma a irradiar num alvor de madrugada, ainda indecisa talvez, mas já promettedora dum claro dia triumphal de sol primavera. Vim mais tarde a conhecer o poeta, que um outro rapaz, de muito talento tambem, Lopes d'Oliveira, me apresentou uma tarde ali no meu quintal: é um bello mocetão desempenado, moreno e córado, os olhos escuros docemente avelludados como d'uma creança. Por isso eu comprehendo bem a verdade d'estes versos que outros poderão taxar de ingenuamente fatuos:

Cada rapariga era um amor perfeito,
Para cada uma tinha um coração,
Que por mim pulsava uma alma em cada peito,
Quando á noite eu vinha mais o meu alvião.

Isso sei eu bem, que m'o disseram todas,
Quando adeus lhes disse para nunca mais!...
Todas me queriam para as suas bodas,
Ter meus olhos lindos como dois pombaes.

Quando eu ia á egreja tudo commentava:
—Que rapaz sadio para trabalhar!—
E entre as raparigas muita suspirava:
—Que tão lindo moço para me eu casar!—

E foi com toda a sinceridade da minha alma que eu disse para Thomaz da Fonseca:—Que mal faz em ir para padre!...

Porque pense que a poesia se não combina com a vida de padre que é, que deve ser, vida de sacrificio—de poesia; e da melhor, da mais sublime poesia portanto?...

Ah! que não. Mas porque... porque antevejo que, se o poeta se fizer padre, o padre deixará de ser poeta. Deus permitta que eu me engane: e que sobre a corôa de pa-

dre continue a entretecer-se de novos e cada vez mais verdes louros a corôa de poeta a que Thomaz da Fonseca se mostra predestinado com este livro de versos — auspiciosa estreia a que eu de todo o coração prodigalizo os meus mais sinceros e calorosos applausos.

* * *
Contrastes — de José d'Arruella. Outra estreia, de muito merito tambem, mas noutro genero.

O poeta é um philosopho: e o philosopho é um pessimista. Observou-se e observou o mundo: e dos contrastes da sua idiosincrasia e dos contrastes do mundo é que lhe irromperam estes gritos da sua alma revoltada, a que, por tal motivo, diz-nos o poeta nas paginas de prosa com que fecha o volume, poz o titulo de *Contrastes*.

Os leitores da *Ave-Azul* já o conhecem como nosso collaborador que foi, uma vez pelo menos, que me lembre. D'elle não sei mais senão que é estudante em Coimbra. Das suas horas de meditação e de sonho resultaram estas paginas, onde porventura será facil apontar defeitos, mas onde tambem não minguem bellezas. Ha sobretudo uns pequeninos poemas, no gosto das *Doloras*, onde o poeta e o philosopho melhor se nos revelam em perfeita alliança.

Que a philosophia lhe não esterilise a inspiração: e novos poemas, mais perfeitos na forma e na ideia mais largos, venham provar-nos que este seu primeiro livro é simplesmente um ponto de partida para longa jornada de triumphos: taes os nossos votos: e com elles os nossos agradecimentos pela offerta e boas palavras que a acompanhavam.

* * *
 O *Livro dum Portugez*: de Celestino David. Outra estreia ainda; e dum poeta de Coimbra tambem. Como todas ou quasi todas as estreias, tem defeitos, tem hesitações, tem por vezes verdadeiras infantilidades: por exemplo: quanto á metrica: supressão absurda ou desnecessaria de syllabas: um ou outro verso errado: uma ou outra rima inadmissivel: de tudo isso tem o livro, onde se me depara aqui este verso

P'las vossas enamoradas

que tão natural e facil seria substituir por este

Pelas vossas namoradas;

ali este

'Ma camponesa arisca, airosa, trigueirinha

onde o artigo, para soar como uma syllaba só, melhor fôra orthographal-o desta forma :

Hua camponesa etc.

e finalmente o ultimo verso da quadra com que o livro fecha :

E elle lhe ensinará, o que a escrever me ensinou

que é, nem pode deixar de ser, um verso errado, com o defeito ainda maior de não traduzir a ideia com sufficiente claresa.

E, apesar de tudo, este poeta tem redondilhas perfectas e alguns sonetos que nos deixam a melhor impressão. São essa meia dusia de paginas as que nos promettem no sr. Celestino David um bom poeta, se a bacharellice lhe não exaurir a inspiração.

* * *

Agonias : de Antonio de Cardiellos. — Em revistas me lembro eu de ter lido, firmadas com este nome, algumas lyricas graciosas, rubras de mocidade e de paixão. Diario duma paixão é tambem este livro que o poeta intitulou *Agonias*, porque das horas negras da sua desillusão lhe resultou elle assim apaixonado e assim amargurado.

Um grande poeta, que foi tambem um grande philosopho, disse que para curar uma paixão melhor remedio não havia que fazer com ella um poema. E se bem o disse, melhor o fez. Outra origem não teve o *Werther* . . .

Seguiu-lhe o conselho o auctor das *Agonias* : amortalhou o seu amor em papel d'imprensa . . . Como porem

Caê-se um amor, outro vem . . .

outro livro se succederá a este : e nelle, como neste, e melhor ainda por certo, o seu muito talento se nos tornará credor de applausos, que bem os merece já, e melhor de futuro os ha-de merecer sem duvida. Por via de regra, o primeiro livro é um ensaio, como o primeiro amor é por via de regra uma creancece. O livro do sr. Cardiellos tem jus a entrar no grupo das excepções pela correcção de forma, se bem que a

estreiteza da inspração o torne por vezes monotono e pretencioso. D'ahi esta singularidade, que afinal o não é, porque se dá com muitos e muitos livros, de estreia principalmente:— cada composição, isolada, lê-se com gosto e deixa-nos boa impressão: da leitura do livro todo fica-nos uma tal ou qual fadiga, como de quem se vê forçado a andar dum para outro lado dentro das quatro paredes duma cella. Busque o sr. Cardiellos horisontes mais largos para a sua inspração: e o seu futuro livro já não terá a prejudica-lo, como este, a banalidade dos motivos e a identidade das emoções. O amor da Natureza, a que o poeta se recolhe desenganado do amor de Leonor, ha-de forçosamente inspira-lo melhor: que em summa nem todas as Leonores são a Leonor do poeta italiano, com cujas palavras o volume fecha:—... *e par che dorma!*...

* * *

Cantares: de Antonio Carvalhal.—E' tambem um primeiro livro? parece que sim. Mas, primeiro livro ou não, o que é fóra de toda a duvida é que é um encantador voluminho este livro de *Cantares* do sr. Antonio Carvalhal. Não admira: são versos do coração para as raparigas da sua aldeia cantarem... Pois, que ellas lh'os aprendam e lh'os cantem, que será isso, como a respeito doutros disse o saudoso Mestre de todos nós, o seu melhor galardão. De resto, o maior senão d'este livro é que nem todas as suas redondilhas quadram ao fim para que o auctor as destinou. Ha algumas demasiado litterarias para que moças da aldeia lh'as apreciem e decorrem. Se todas ellas fossem como esta:

Rouxinoes, cantae baixinho:
Fontes, parae de chorar:
Brizas, passae de mansinho,
Que oiço o meu bem cantar!

ou como esta:

Hei-de-me fazer ceifeiro
Lá p'r'ó tempo dos trigaes,
Para ser o companheiro
Desses teus olhos leaes...

se todas fossem como estas, nenhum reparo me merecera o livro, onde todavia, para que se diga toda a verdade, o maior numero são assim, singellas e perfumadas como flores do campo, como flores do coração!

E venham breve as *Orações d'amor*, pois que para breve as promette o poeta: temos já com esse titulo umas tantas lyricas que por muitos annos hão-de fazer sentida a morte do grande poeta que foi Antonio Fogaça: o sr. Antonio Carvalhal tem coração e talento como elle: isto nos faz esperar que os seus futuros versos hão-de saber justificar tal titulo.

* * *

Coração dos Simples: de Antonio Bello. A' recommendação dum amigo velho e velho camarada d'ensaios litterarios, devo eu a offerta que'o sr. Antunes Bello se dignou fazer-me d'esta sua pequenina mas encantadora plaquetta. A ambos agradeço o delicioso quarto d'hora que a sua leitura me proporcionou, porque versos assim só perdem por serem tão poucos. São seis composições apenas, seis pequeninas lendas, colhidas por ventura dos labios da velha Avósinha a quem o poeta as offerece em primeiro logar, como a quem mais de direito, rythmadas numa toada saudosa de velhos solaus, que nos enche o coração de invencivel mas deliciosissima melancholia... Será das lendas? será dos versos?—duma e doutra coisa por certo; que, se os versos soluçam tristemente, de tristezas, tirante uma, nos fallam as lendas tambem. E' a mãe correndo após a filha *que fugira com o amante* e morrendo abraçada ao seu cadaver, *por ella sempre a chamar*: é o marinheiro a sonhar que tem nos braços a mulher amada e o mar a abrir-lhe os braços e em vez das lagrimas della, elle, soffrego, bebendo a *salgada agua do mar*: e um poeta que se atira ao mar abraçado á princesa que a morte viera roubar ao seu amor: e as outras, como estas, todas a dizerem-nos coisas tristes, muito tristes, mas dum tristeza d'encantar, como aquellas historias muito tristes com que as mães sabem adormecer os filhos pequeninos que ainda lhes não entendem as tristezas...

Fecundo veio d'inspiração encontrou o sr. Antunes Bello:

e o que é de sentir é que para obra de mais largo folego o não aproveitasse—por agora: que o poeta promete para breve novos livros e natural é que nelles nos dê o mais que este nos faz desejar—e esperar.

* * *

Civilização e Hypocrisia: de José Augusto de Castro.— Plaquetta tambem, mas em largo formato e em papel de luxo. Poesia de combate, em alexandrinos rubros d'indignação—d'aquella indignação que inspira versos, no dizer de Juvenal. E' offerecida a Silva Pinto, de cujas *Noites de Vigilia* aproveitou o auctor algumas linhas para lhe servirem de thema. De resto, o que a plaquetta tem de peor é o titulo: os versos são bons: e as vergonhas desta nossa civilização são ali expostas, como em pelourinho, aos olhos de quem saiba ler e de quem queira vêr. . .

Oxalá o protesto do poeta vingasse remediar o mal! Infelizmente, estou em que isto já se não remedeia com versos, por mais indignados e por mais eloquentes que elles sejam. . . Em todo o caso, de alguma coisa vale que haja ainda quem proteste—e em versos como os das quatro suberbas quadras com que fecha a plaquetta e que só por falta d'espaco é que não transcrevo, limitando-me, bem a meu pesar, a applaudilas com todo o entusiasmo e a saudar o seu autor pelo desassombro de as ter escripto e publicado.

* * *

O Pomar dos Sonhos: De João de Barros. E' já muito nosso conhecido o auctor das *Algas*, que nesta mesma revista ha tempos applaudimos, com ligeiros reparos que a subida estima que o seu talento nos merecera de sobejo justificava. E aqui nos apparece elle agora a provar-nos que nos não enganamos ao saudalo como um poeta de radioso futuro. O seu *Pomar dos Sonhos* é o primeiro passo desassombrado no caminho da Arte: elle proprio nol-o diz nas tres linhas de *Anteloquio*:—«Este poema que marca o inicio d'uma consciente e definida orientação do Poeta—pretende apenas ser um grito de Revolta contra a *realidade actual*.»

E é-o: grito de revolta: abençoado grito.

Adolescente ainda, quando tão facil fôra perder-se elle no labyrintho da vida, o Poeta enveredou com passo seguro pelo verdadeiro caminho, pelo *Caminho da verdade*. . . Consultou para isso os livros? não: limitou-se a consultar o coração; e é a voz do seu coração que elle grita aos homens, a voz do seu coração que lhe ensinou a amar, que lhe ensinou a perdoar:

*Oh! sabeí perdoar! Vós todos que sonhaes
Ter na vida um momento em que se chegue aos ceos!
Bebei a taça do Perdão! e sereis mais
Do que tinheis sonhado e tanto como Deus!*

Hão-de rir-se d'elle os *sabios*, os *videiros*, os positivos e praticos. . . Elle sabe-o: e, o que é mais, perdoa-lhes!

*Dou-vos o meu Perdão sabendo que rireis
D'este livro em que vae a minha alma a vibrar,
Homens! que mal viveis
Porque p'ra bem viver é força muito amar!*

Creança! hão-de dizer desdenhosamente os *velhos* do nosso tempo. Creança?! . . . Sim?! . . .

*Por eu ser muito moço é que sou muito justo,
—Christo morreu bem cedo e ensinou a Verdade. . .*

E o simile não tem nada de sacrilego: todo o verdadeiro poeta é um novo Messias, um novo Christo, ungido pela Graça, gerado pelo Amor:

*E foi porque meu Pae e minha Mãe se amaram
Que hoje vos vem fallar esta alma de Poeta!*

Por isso este poeta ama a luz e canta o sol; e todo o seu desejo é

*Que nós sejamos como tu, a resplender
Com tanta força e tal intensidade,
Que de tudo em que o nosso olhar se fôr prender
Nasça uma fonte viva de viva claridade! . . .*

Não é pois, como bem claro vêem, um livro banal d'a-

mor este *Pomar de Sonhos*, com ser um livro todo elle a prégar o Amor: é antes um grito de verdade—d'aquella verdade verdadeira que é o Ideal—atirado lá do alto, das estrelas aonde a alma do Poeta se librou, sobre o vão tumultuar da nossa pobre vida tão inutilmente e tão mesquinamente agitada. . . Por isso este livro merece bem ser lido e relido, como um livro de verdade que é, que se présa de ser; porque toda a alma, assim erguida ao alto, é na verdade — *un pharol guiando a humanidade inteira!*

Os nossos calorosos applausos ao jovem poeta, cujas *Palavras sãs*, para breve annunciadas, hão-de forçosamente marcar um passo mais, ávante, no caminho por onde o sr. João de Barros felizmente orientou a sua bella obra, como poeta que comprehendeu a preceito o indeclinavel dever que a todos os verdadeiros poetas incumbe — de chamar as outras almas para o alto, para cima das miserias d'esta vida, para o Sonho, para o Ideal!

*

* *

Bibliographia Brasileira

(A *Revista Contemporanea*: *Obelisco* de Daltro Santos:
Poesia de Emilio Kemp.)

O sr. Elysio Fonseca, um moço de muito talento, que, como ultimamente Julio Lobato para a Africa, se foi ha tempos para o Brazil, resolvido a pôr em exercicio as suas largas e multiphas aptidões para o trabalho, acaba de penhorar-me—e tanto mais que só de nome nos conheciamos—enviando-me os ultimos n.^{os} da excellente *Revista Contemporanea*, de que é secretario juntamente com Carlos Goes, Cardoso Junior e Castro Moura. Publica-se esta revista no Rio de Janeiro (Redacção Rua do Riachuelo, 13) sob a direcção desvelada e intelligente do distincto poeta dos *Thuribulos*, Luiz Edmundo, que tem a ajudal-o valiosamente a collaboração assidua de illustres poetas, entre os quaes os parnasianos B. Lopes, e Jonas da Silva, o mystico Alphonsus de Guimarães e seu irmão de san-

gue e d'alma Arch' Angelus de Guimarães, Luiz Delfino, Francisco Mangabeira, Azevedo Cruz, Cardoso Junior, Antonio Salles, Carlos Goes e Luiz Guimarães (filho); e de prosadores não menos illustres, como Nestor Victor, Oliveira Gomes, Antonio Austregésilo, Virgilio Varzea, Lima Campos, Paulo Barreto, Barão de Santo Alberto, Silva Marques, Gonsaga Duque, e outros, muitos outros, que em verso ou em prosa, em livros ou em revistas, veem de ha muito trabalhando por enriquecer a litteratura brasileira a todos os respeitos dignissima de ser conhecida e apreciada, como bem o deixa provado o sr. Figueiredo Pimentel na sua Chronica *Lettras Brésiliennes*, publicada no *Mercure de France* de fevereiro findo.

Dos n.ºs recebidos destaco o consagrado a Eça de Queiroz que é em todo o sentido uma brilhante homenagem: nos outros o poemeto *Fornarina* de Luiz Delfino, os sonetos *Mystica* e o excerto *Cabral*, de Luiz Edmundo, a poesia *Alma e Penna* de Antonio Salles, e as prosas *Necrologio de Calino* de Paulo Barreto, *Elle, o Dr. Strauss* de Antonio Austregésilo, *Dialogo no Claustro* de Antonio Zilo e o estudo do Barão de Santo Alberto sobre *Antonio Nobre*, a cuja memoria foi consagrado tambem um numero-unico, brilhantemente collaborado por Callatino Barroso, Mario Alves, Gustavo Santiago e Camerino Rocha.

Saudando a *Revista Contemporanea* como uma das melhores revistas do Rio, gostosamente estabelecemos permuta, agradecendo ao sr. Elysio Fonseca o obsequio de nol-a fazer conhecida.

* * *

Obelisco: de Daltro Santos. Versos dos ultimos cinco annos, um pouco parnasianos demais, correctos e harmoniosos portanto, por vezes porem, inspirados em puras bagatellas. Bellos os tercetos *Mater*: perfectos alguns sonetos como o *Olhar profano*: elegantes as versões de Sully Prudhomme, Heredia e Baudelaire. Mas como foi que o inspirado poeta d'aquelle encantador poemeto *Stella* se deu ao incommodo de fabricar aquella chinezisse da *Escalada* que faz lembrar as

paciências dos nossos avós, no tempo em que fazer versos era apenas uma *habilidade*?!...

De resto, feito este ligeiro reparo, é de justiça dizer que o volume *Obelisco* se lê com muito gosto e revela um poeta já amestrado na arte do verso e com sobejo talento para mais e muito mais.

* * *
Poesia: de Emilio Kemp. Já não é estreia este livro: o auctor publicou em 98 um entre-acto em verso *Matinal* de que me lembra ter fallado elogiosamente o sr. dr. Rodrigo Velloso na *Aurora do Cavado*. E' um poeta feito o sr. Emilio Kemp, recortando o verso com mestria, mas, como o anterior ou mais ainda, muito preocupado, e quasi que só preocupado, da belleza formal; escrevendo a frio: não commove nem, muito menos ainda, suggere. E' um parnasiano puro. Fazem excepção os seis sentidos sonetos *Holocaustos* e o poemeto *Despedida* que é de alta inspiração, mas poesia romantica até pelo pessimismo.

Falta-me espaço para palestra larga: espero porem, ter ensejo para voltar a occupar-me d'estes dois poetas e da sua, para mim pouco sympathica, orientação: por agora pois, reconhecendo em ambos muito talento e muita arte, faço votos por que em futuros livros eu os sinta mais *poetas*.

E termino agradecendo-lhes o favor dos seus livros: e oxalá que os desejos e esperanças do sr. Elysio Fonseca se realizem e se estabeleçam relações cada vez mais intimas entre os escriptores de Portugal e do Brazil—«dois paizes irmãos, unicos onde é fallada a encantadora lingua Portugueza»: e honra lhe seja a elle, que, desde que chegou ao Rio, nesse sentido tem envidado generosissimos esforços.

* * *

Obras portuguezas em prosa

A minha «Candidatura» por Mogadouro (costumes politicos em Portugal): por Trindade Coelho. Contista, juriscunsulto, publicista, jornalista, sempre e em tudo um elegante

mestre de prosa portugueza, o dr. Trindade Coelho é destes raros homens de aptidões multiplas e todas excellentes, que em tudo quanto empreehendam deixam o seu nome assignalado por uma obra de largo alcance. A obra, cujo titulo abre esta noticia, é uma obra assim.

Os conterraneos do illustre escriptor, desejando dar-lhe uma prova do muito que o consideram e estimam, resolveram votar no seu nome nas passadas eleições. Feito politico *malgré lui*, o dr. Trindade Coelho teve de se livrar das malas artes dos pelotiqueiros que, por inveja e despeito, envidaram todos os esforços para lhe sujarem o nome na mesma lama em que elles jubilosos chafurdam. E' a exposição dessa «comedia» em tres actos que elle agora publicou em volume com o titulo supra, offerecido a S. M. El-rei. O subtítulo é muito bem cabido: estas cento e tantas paginas dizem bem o que é esta miseravel coisa da politica em Portugal: e por isso, e porque está escripto em suberba prosa—o que em materia politica se não usa — lê-as a gente da primeira á ultima, interessado como se fora o mais curioso dos romances em voga. E o caso é que, lendo-as, fica-os a gente conhecendo, como se lhes tivesse soffrido a convivencia e o mais por largos e torturados annos.

Mas a isto, com ser tanto litteraria e socialmente, se não limitou o Dr. Trindade Coelho: resolvido, pois que os seus amigos assim o quizeram, a fazer politica—mas politica sua, a seu modo, segundo o seu character—eil-o ahi vae fazendo uma salutar e inaddiavel propaganda em prol do desenvolvimento e engrandecimento moral e social da sua terra—que é esta a boa politica, a politica que todos deveramos fazer e de que tão arredados andam os nossos politicos, ainda os que menos peccam por vaidosos e egoistas. Os *Folhetos para o povo* são nesse sentido o que ha de melhor. Optimos conselhos em linguagem a todos accessivel: caso é que os mogadourenses, e com elles todos os portuguezes, se resolvam a seguir-lh'os. Prégar a união, que faz a força (*Parabola dos sete vimes*), apontar o *Remedio contra a usura* (Conselhos aos habitantes de Mogadouro para que fundem uma Caixa Economica), exci-

tar os brios da sua terra para que não confie de extranhos a defeza dos seus interesses (*Lôas á cidade de Bragança*), tarefa é esta que lhe poderá trazer desgostos, que os insignificantes são por via de regra maus; mas, em compensação, levando-a a cabo e coroada, como é d'esperar que o seja, do desejado exito, esta só obra bastara a cobrir de gloria o nome do dr. Trindade Coelho já por tantos titulos benemerito da sua patria.

Mas ha mais ainda: foi distribuido o 1.º n.º do *Boletim Parlamentar do districto de Bragança*, publicação mensal, onde o dr. Trindade Coelho irá registando tudo o que os deputados pelo districto de Bragança fizerem a bem do seu districto e dos circulos que os elegeram.

Creio bem que esta publicação mira a ser um estimulo: mas é muito possivel que venha a ser apenas o mais vergonhoso dos pelourinhos — para os taes senhores deputados. . .

E já agora, porque vem a proposito: o dr. Trindade Coelho tem no prélo a 3.ª edição, augmentada em mais do dôbro, do seu nunca assaz elogiado livro de contos *Os meus amores*: e parece que por todo o anno apparecerão, colligidas em volume, aquellas encantadoras historietas que sob o titulo de *In illo tempore* tão procurado fizeram o *Reporter*, e as interessantissimas paginas com que, a respeito d'O senhor *Sete*, tem enriquecido a curiosa revista de Serpa, a *Tradição*.

Brilhantissimo talento; incansavel penna; abençoada obra.

* * *

Livraria Editora Guimarães, Libanio & C.ª: — Com o titulo *Collecção do Povo* tem esta casa (com séde em Lisboa, rua de S. Roque) publicado uma serie de curiosos e valiosos volumesinhos, que bem merecem ser lidos e meditados não só pelo povo a quem são destinados, mas por todos quantos no nosso paiz saibam ler e queiram orientar-se, instruir-se e morigerar-se. Os tres ultimos recebidos teem por titulo *O alcool e o tabaco* (por Amadeu de Freitas) *Pedro Alvares Cabral e o descobrimento do Brazil* (por Faustino da Fonseca) e *Tratamento natural* por João Bento Castel-Branco). A mate-

ria dos opusculos e a competencia dos seus auctores bastam a recommenda-los como de leitura a todos utilissima.

Da mesma Casa-Editora, a comedia original e inédita, *O Lobis-Homem*, de Camillo Castello Branco, com um interessantissimo prefacio de A. Pimentel, mostrando que nesta obra aproveitou o grande romancista a phase da sua vida em que se deu o seu primeiro casamento.

Da mesma ainda, o 2.º e 3.º opusculos do *Culto Garretiano*, intitulados *O Auto do Busto*, por Marcellino Mesquita, e *Viagem á roda das Viagens*, de Alberto Pimentel. Recomendamo-los como merecedores dum lugar de muita estima na estante de todos os devotos do altissimo poeta.

E finalmente, a plaquetta de Arnaldo Fonseca, *Eça de Queiroz* (os panegiristas da sua obra e os censores da sua *Carcassa*), umas dezenas de paginas em que o nervoso publicista diz meia duzia de verdades cruas, *dôa a quem doer*. Apoiado!

Esta simples resenha d'obras, se acrescentarmos que, em seguida á obra de Alberto Pimentel *Historia do Culto de N. Senhora em Portugal*, começou a Casa Guimarães, Libanio & C.ª de publicar em edição de luxo o bello romance, *Mario*, do saudoso dr. Silva Gayo, de sobejo mostra que não são demais todos os applausos a editores que tão bem comprehendem e executam a missão que lhes cabe de vulgarisadores d'obras bellas e uteis. Honra lhes seja!

* * *

E, pois que fallei no *Culto Garretiano*, aproveito a oppor-tunidade para agradecer—e só isto, que para mais mingúia-me espaço—quatro preciosas plaquettasinhas com a mesma intenção que as da Casa Guimarães & C.ª: são ellas: do sr. Antonio Padula—*Per la traslazione delle ceneri del Visconte d'Almeida Garrett nel Pantheon di Belem*; do sr. Arturo Farinelli—*D'Almeida Garrett*—carta ao sr. Joaquim d'Araujo; do sr. Sousa Viterbo—*Garrett em Belem*—artigo do *Diario de Noticias*, n.º 12343, reproduzido no *Coimbricense* n.º 5475; e finalmente o *Elogio funebre de Carlos Infante de Lacerda Barão de Sabroso*, seguido da *Necrologia* (á morte

de D. Leocadia Theresa de Lima e Mello Falcão Van-Zeller), trabalhos de Almeida Garrett agora colligidos em plaqueta pelo sr. dr. Rodrigo Velloso que assim procura e consegue tornar cada vez mais valiosa a sua interessantissima Bibliotheca da *Aurora do Cavado*, excellente revista, de que é muito digno redactor.

E da mesma Bibliotheca da *Aurora do Cavado* a plaqueta *Odes ineditas* de Antonio Feliciano de Castilho, com uma *Advertencia Previa* pelo seu prestimoso editor e *Duas palavras a quem ler* pelo sr. Antonio Francisco Barata.

Registamos e agradecemos: qualquer palavra elogiosa fôra superflua . .

* * *

Da Casa-editora do sr. Antonio Figueirinhas recebemos, prefaciadas pelo seu benemerito editor—duplamente benemerito, como editor e como director da *Educação Nacional* e da *Alliança*,—as duas obras de D. Antonio da Costa *No Minho e Tres mundos*. Aos que sabem quem foi D. Antonio da Costa e quanto lhe devem as Lettras Portuguezas é escusado encarecer-lhes o valor d'este dois livros. Estylo elegante e colorido, ideias largas e generosas, erudição vasta e usada a proposito; nada lhes falta de quanto um livro deve ter para valer a pena publica-lo. Obras que se leem e releem, e sempre com muito proveito.

Ao seu prestantissimo editor, todos os applausos por as ter posto ao alcance de todos: e muitos agradecimentos pelo exemplar enviado.

* * *

Não sabemos a quem agradece-la; mas aqui deixamos, assim mesmo, registado o nosso agradecimento. E' o caso que de Coimbra nos foi remettido um dos 25 exemplares da versão por Anthero de Quental—*A Entrevista*—de Edgar Poë, extrahida do *Seculo XIX*, onde sahiu em folhetim. Ao «admirador de Anthero do Quental»—d'outro admirador do saudossissimo Poeta—um aperto de mão pela gentilisa da offerta.

CARTEIRA DA AVE-AZUL

Pesames: —Damo-los, e sentidissimos, ao illustre poeta sr. F. Italo Giuffré, pela morte de sua querida Mãe, a virtuosissima e veneranda seuhora Caterina Cucinotta (viuva Giuffré), que Deus chamou para si aos 78 annos d'idade.

* * *
A' memoria do Rei Humberto: excellentes os n.ºs da *Sicilia moderna* e da *Eros*, commemorando a morte do rei Humberto, que encheu de verdadeiro lucto a Italia toda.

* * *
A Mari: A este illustre escriptor italiano, director da *Eros*, os nossos agradecimentos pela elegantissima versão que na *Bios* (revista de Messina) publicou, do conto *O Crime* da nossa co-directora, inserto num dos passados n.ºs da *Ave-Azul*. Do mesmo sr. A. Mari lemos tambem commuito prazer no *Figaro* de Messina a versão de *Os Reis Magos* do nosso collaborador Campos Lima. E pois que fallamos de versões de escriptos portuguezes, com muito gosto registamos a que, sob o titulo de *Jean L'Ahuri*, o illustre escriptor francez H. Faure publicou na revista illustrada *Mon Journal*—d'uma d'aquellas curiosas historias que a distincta escriptora sr.ª D. Anna de Castro Osorio vem contando aos seus pequeninos leitores na encantadora revista *Para as creanças*.

* * *
Mensageiro Popular—Damos as boas vindas a esta excellente revista religiosa, que sob a direcção do Rev.º Conego dr. Rito e Cunha começou de publicar-se nesta cidade, passando o *Boletim Diocesano*, por louvavel determinação do Ex.º Prelado, a ser distribuido gratis ao clero da Diocese, que assim será informado mensalmente do movimento ecclesiastico e mais assumptos de seu particular interesse. O 1.º n.º do *Mensageiro Popular* traz, entre outras composições em prosa e em verso, a Ode latina com que o S. P. Leão XIII inaugurou o novo seculo e um excellente artigo, com o titulo *Dois seculos*, do illustre publicista e professor no lyceu de Coimbra dr. Fortunato d'Almeida. Vida larga e desafogada é o que desejamos ao *Mensageiro Popular*, que, pela competencia e cuidado do seu muito digno Director, saberá certamente cumprir o seu excellente programma—a propaganda das boas ideias.

* * *
A Folha: —E' d'este nosso presadissimo collega o artigo, que neste n.º da *Ave-Azul* inserimos, do illustre artista viziense e nosso particular amigo, sr. Almeida e Silva. Entendemos que era esta a melhor maneira de deixarmos registado o nosso applauso ás ideias nelle consignadas.

Estão de lucto os Povos da Raça-Latina.

Falleceram

na Italia, Verdi, o venerando e glorioso artista; na Hespanha, Campoamor, o insigne lyrico; na França, Armand Silvestre, illustre poeta e contista de graça inexcédível; em Portugal, Eça de Queiroz, o grande romancista, e Thomaz Ribeiro, o laureado auctor do *D. Jayme*.
 Gloria ás suas almas e aos seus nomes.